SOCIEDADE

DOS

ARCHITECTOS PORTVGVEZES

(ASSOCIAÇÃO DE CLASSE)

(FUNDADA EM 11 DE DEZEMBRO DE 1902)

ANNVARIO

PREMIADO COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO

MCMIX
MCMX

ANNOS V E VI

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO
10, Rua da Oliveira, ao Carmo
—
1911

municipio
de Lisboa

BIBLIOTHECA MUNICIPAL DE LISBOA

SOCIEDADE DOS ARCHITECTOS PORTUGUEZES

(ASSOCIAÇÃO DE CLASSE)

Socios Honorarios e Correspondentes:

Alfredo de Andrade — Architecto — ITALIA

† *Francisco Marques de Souza Viterbo*

Aitchison. George	Inglaterra.
Belcher. John	Inglaterra.
Cadafalch. Joseph Puig	Hespanha.
Cannizzaro. Eduard	Italia.
Chaussé. Alcide	Canadá.
Chujo. S	Japão.
Cuypers. P. J. H	Paizes Baixos.
† **Horsfield.** J. Nixon	Inglaterra.
Locke. W. J.	Inglaterra.
Mariscal. Nicolas	Mexico.
Nagy. Virgil	Hungria.
Peschl. Hans	Austria.
Poupinel. J. Maurice	França.
Suzor. Conde Paul de	Russia.
Taylor. James Knox	America.
Velasquez y Bosco. Richard	Hespanha.
Wagner. Otto	Austria.

Corpos gerentes de 1909-1910

Meza da Assembleia Geral

PRESIDENTE — *José Luiz Monteiro*
VICE-PRESIDENTE — *Miguel Ventura Terra*
1.º SECRETARIO — *Alfredo d'Ascenção Machado*
2.º SECRETARIO — *João Lino de Carvalho.*

Conselho director

PRESIDENTE — *Francisco Carlos Parente*
SECRETARIO — *Arthur Manoel Rato*
THESOUREIRO — *Alfredo Maria da Costa Campos*
VOGAES — *Tertuliano de Lacerda Marques*, *Antonio do Couto Abreu*
BIBLIOTHECARIO-ARCHIVISTA — *João Lino de Carvalho.*

Corpos gerentes de 1910-1911

Meza da Assembleia Geral

PRESIDENTE — *José Luiz Monteiro*
VICE-PRESIDENTE — *Miguel Ventura Terra*
1.º SECRETARIO — *José Alexandre Soares*
2.º SECRETARIO — *Jorge Pereira Leite.*

Conselho director

PRESIDENTE — *Francisco Carlos Parente*
SECRETARIO — *Arthur Manoel Rato*
THESOUREIRO — *Tertuliano de Lacerda Marques*
VOGAES — *Ezequiel a'Azevedo Bandeira*, *João Lino de Carvalho*
BIBLIOTHECARIO-ARCHIVISTA — *João Lino de Carvalho.*

SÉDE SOCIAL

RUA DA EMENDA, 26, 1.º

LISBOA

96 V Alcantara

ANNOS V-VI 1909-1910

ANNUARIO

DA

Sociedade dos Architectos Portuguezes

(ASSOCIAÇÃO DE CLASSE)

SUMMARIO = I **Anno associativo** — 1908-1909 e 1909-1910 — *Assembléa Geral:* Extracto das actas das sessões. — *Conselho Director:* Relatorio 1908-1909. — *Commissão Revisora de Contas:* Parecer. — *Conselho Director:* Relatorio 1909-1910. — *Commissão Revisora de Contas*: Parecer. = II **Biographias:** Sousa Viterbo, por R. Carvalheira (architecto). — José Antonio Gaspar, por A. Soares (architecto). = III **Interesses geraes de classe:** Serviços de architectura — Representação ao Governo. = IV **Assumptos technicos:** Evolução da architectura na edade media, por D. José Pessanha. — A habitação, por J. Lino de Carvalho (architecto). = V **Legislação:** Segurança dos operarios. — Representação ao Governo = **VI Varia:** A consagração da obra de um grande artista portuguez. — Premio Valmór, por A. Rato. (architecto). — Escola de Bellas Artes. — Palacio de Queluz. — Excursão a Santarem, por C. Campos (architecto). — O ensino do pessoal operario, por C. Campos (architecto). — União telegraphica internacional, por A. Rato (architecto). — IX Congresso internacional dos architectos. — Insistindo. — Concursos de architectura. — Honorarios dos architectos. — Supplemento ao Annuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes. (Architectura contemporanea). Annos V-VI 1909-1910.

798

I — ANNO ASSOCIATIVO

1908-1909 E 1909-1910

ASSEMBLEA GERAL — Extracto das actas das sessões

g. Sess. n. 92

Sessão de 22 de maio de 1909. (Extraordinaria).

Presidencia de Alfredo Maria da Costa Campos, secretariado por Arthur Manoel Rato e Tertuliano de Lacerda Marques. — Lida e approvada a acta da sessão anterior. — Discute se largamente o programma do concurso para o projecto do Matadouro Municipal, aberto pela Camara Municipal do Porto, ficando suspensa a sessão, attendendo ao adeantado da hora, até á noute de 25, em que continuará. — Resolve-se que seja elaborado um regulamento para concursos publicos de architectura.

Sessão de 25 de maio de 1909. (Continuação da anterior).

Presidente Miguel Ventura Terra; secretarios, Alfredo Maria da Costa Campos e Arthur Manoel Rato. — O socio Ventura Terra justifica a sua não comparencia á reunião anterior. — Continúa a discussão sobre o programma do concurso para o Matadouro Municipal do Porto, sendo resolvido, por proposta do socio A. R. Adães Bermudes, approvada por unanimidade, dar-se plenos poderes ao Conselho Director para protestar energicamente perante a Municipalidade d'aquella cidade sobre a fórma como o programma está elaborado, resolvendo-se mais que os architectos portuguezes não concorram áquelle concurso, se as reclamações apresentadas não fôrem attendidas.

Sessão de 16 de julho de 1909. (Ordinaria).

Presidencia de Alfredo Maria da Costa Campos, secretariado por João Lino de Carvalho e Tertuliano de Lacerda Marques. — Lida e approvada a acta da sessão anterior. — O socio Adolpho Antonio Marques da Silva lê o relatorio do Conselho Director. — Elege-se a Commissão Revisora de Contas, que ficou constituida pelos socios João Lino de Carvalho, José Bonifacio Lopes e Jorge Pereira Leite — Por convite da Sociedade Alto Estoril Sanatorium, foi resolvido nomear um delegado da Sociedade para a elaboração do programma d'um concurso limitado para o edificio do Sanatorio, a construir no Alto Estoril. — E' eleito delegado, junto da referida Sociedade, o socio effectivo Alvaro Augusto Machado. — O socio Alfredo d'Ascenção Machado propõe, e é approvado, que o annuario de 1908 seja distribuido gratuitamente aos socios, como nos annos anteriores. — Tratou-se largamente das bases do regulamento para os concursos publicos d'architectura, resolvendo se que a assembléa se conservasse em sessão permanente até ultimação d'este assumpto.

Sessão de 19 de Julho de 1909. (Continuação da anterior).

Presidente Alfredo Maria da Costa Campos; secretarios, Tertuliano de Lacerda Marques e Antonio do Couto Abreu. — Approvada a parte da acta da sessão anterior. — Continúa a discussão das bases para o regulamento dos concursos publicos d'architectura. — Aprecia-se o programma do concurso aberto na cidade do Porto para apresentação de projectos para o theatro lyrico.

Sessão de 21 de Julho de 1909. (Continuação da anterior).

Presidente Alfredo Maria da Costa Campos; secretarios, Tertuliano de Lacerda Marques e Antonio do Couto Abreu. — Approvada a parte da acta da sessão anterior. — Continúa a discussão das bases para o regulamento dos concursos publicos de architectura.

Sessão de 2 de agosto de 1909. (Ordinaria).

Presidente Alfredo Maria da Costa Campos; secretario Tertuliano de Lacerda Marques. — Approvada a parte da acta da sessão anterior. — Lidos e approvados o relatorio do Conselho Director e Parecer da Commissão Revisora de Contas. — Leu-se e approvou-se o relatorio do socio Alfredo Maria da Costa Campos, delegado da Sociedade, sobre a adjudicação do premio Valmór, no anno de 1908. — Resolveu-se que a todos os delegados da Sociedade, para o referido jury, fôsse pedido um relatorio dos trabalhos effectuados. — Procedeu-se á eleição dos corpos gerentes, que deu o seguinte resultado: — Assembléa Geral —: presidente, José Luiz Monteiro; vice-presidente, Miguel Ventura Terra; 1.º secretario, Alfredo d'Ascenção Machado; 2.º secretario, João Lino de Carvalho; —Conselho Director—: Francisco Carlos Parente, Alfredo Maria da Costa Campos, Antonio do Couto Abreu, Arthur Manoel Rato e Tertuliano de Lacerda Marques. — Foram approvadas as bases do regulamento para os concursos publicos de architectura, sendo, por proposto do socio Adães Bermudes, incumbido o Conselho Director de lhes dar a redacção definitiva e distribuil-as por todos os socios. — Para ultimar os trabalhos pendentes resolveu-se que a assembléa se conservasse em sessão permanente.

Sessão de 9 de agosto de 1909. (Continuação da anterior).

Presidencia de Alfredo d'Ascenção Machado, secretariado por Tertuliano de Lacerda Marques. — Lida a parte da acta da sessão anterior. — Discutiu-se largamente o facto de ainda não ter sido posto em execução o novo regulamento de segurança dos operarios, sendo, por proposta do socio Adães Bermudes, encarregado o Conselho Director de solicitar do sr. ministro das Obras Publicas a publicação immediata e integral do referido regulamento. — O socio Ventura Terra, que entrou em meio da sessão, assumindo a presidencia, communicou

encontrarem-se sobre a meza umas bases para a organisação dos serviços publicos de architectura, elaboradas pelo socio João Lino de Carvalho, e recommendadas pelo Conselho Director transacto.

Sessão de 6 de dezembro de 1909. (Extraordinaria).

Presidencia do socio Alfredo d'Ascenção Machado, secretariado por João Lino de Carvalho e Adolpho Antonio Marques da Silva. — Lida e approvada a acta da sessão anterior. — E' eleito delegado da Sociedade para fazer parte do jury do premio Valmór, que tem de classificar a melhor casa construida em Lisboa no anno de 1909, o socio effectivo Francisco Carlos Parente. — E' eleito para fazer parte da Commissão de Esthetica, que funcciona junto da Camara Municipal de Lisboa, o socio effectivo Alvaro Augusto Machado. — Approva-se, por unanimidade, uma proposta do socio effectivo Adães Bermndes para que a Commissão Redactora do Annuario, até nova deliberação da Assembléa, seja composta pelo presidente do Conselho Director, pelo bibliothecario-archivista e pelo 1.º secretario da meza da Assembléa Geral. — O socio effectivo José Alexandre Soares propõe, e é approvado, que, no caso de Portugal se fazer representar officialmente na Exposição Internacional de Bruxellas, o Conselho Director se dirija ao governo pedindo que o projecto do pavilhão portuguez seja objecto de concurso entre os architectos nacionaes. — Lêem-se as bases para a organisação dos serviços publicos de architectura e, attendida a urgencia da resolução do assumpto, foi deliberado, por proposta do socio Adães Bermudes, que as referidas bases fôssem submettidas á consulta do actual Conselho Director, para de accôrdo com o socio João Lino de Carvalho, serem revistas, impressas e distribuidas pelos socios, para opportunamente serem discutidas n'uma assembléa geral extraordinaria. — Foram, por unanimidade, exarados votos de louvor e agradecimento aos socios Adolpho Antonio Marques da Silva e Tertuliano de Lacerda Marques, e esculptor Francisco dos Santos, pelos desinteressados e valiosos serviços prestados á Sociedade, accedendo ao convite em tempos feito pelo Conselho Director, para dirigirem respectivamente as aulas de geometria, desenho do ornato e modelação na Escola da Cooperativa dos Canteiros, curso que a Sociedade dos Architectos Portuguezes, a pedido da referida cooperativa, tomou a seu cargo reger.

Sessão de 16 de julho de 1910. (Ordinaria).

Presidente Miguel Ventura Terra; secretarios, João Lino de Carvalho e José Alexandre Soares. — E' lida e approvada a acta da sessão anterior. — E' apresentado o relatorio do Conselho Director que o socio Arthur Manoel Rato lê. — O socio Francisco Carlos Parente apresenta o resultado do estudo de que, sobre as bases do regulamento dos concursos publicos de architectura, o Conselho Director havia sido incumbido. — Elege-se a Commissão Revisora de Contas, que fica constituida pelos socios effectivos José Alexandre Soares, Frederico Evaristo da Silva Gomes e Jorge Pereira Leite. — O socio effectivo João Lino de Carvalho apresenta duas propostas, que são admittidas, referentes á dotação da bibliotheca da Sociedade e aos concursos publicos de architectura. — E' apresentado pelo socio Francisco Carlos Parente o parecer do jury para a concessão do premio Valmór, no anno de 1909.

Sessão de 30 de julho de 1910. (Ordinaria).

Presidencia de Ventura Terra, secretariado por José Alexandre Soares e João Lino de Carvalho. — Approvada a acta da sessão anterior. — Foram lidos e approvados o relatorio do Conselho Director e o Parecer da Commissão Revisora de Contas. E' apresentada pelo Conselho Director a revisão das bases para a organisação dos serviços officiaes d'architectura, de que fôra incumbido em sessão anterior. — Procedeu-se á eleição dos corpos gerentes, que ficaram assim constituidos: — Assembléa Geral: — Presidente, José Luiz Monteiro; vice-presidente, Miguel Ventura Terra; 1.º secretario, José Alexandre Soares; 2.º secretario, Jorge Pereira Leite; — Conselho Director: — Arthur Manoel Rato, Evaristo da Silva Gomes, Francisco Carlos Parente, Tertuliano de Lacerda Marques e João Lino de Carvalho. — Foi eleito delegado para o jury do premio Valmór, que hade classificar a melhor casa construida em Lisboa no anno de 1910, o socio effectivo Antonio do Couto Abreu. — E', por acclamação, approvado um voto de agradecimento ao socio Ventura Terra, pela offerta de uma quantia importante ao cofre social. — O socio Francisco Carlos Parente apresenta cinco propostas, que a assembléa admitte, e que se referem aos seguintes assumptos: Eleição dos delegados da Sociedade; regulamentos internos; reforma dos estatutos; revisão e reforma do regulamento do premio Valmór, e conveniencia da Assembléa Geral se conservar em sessão permanente até solução dos assumptos pendentes, sendo immediatamente approvada esta ultima proposta. — Foi presente um pedido da Sociedade A Voz do Operario para a elaboração de um projecto para a sua nova séde social.

Sessão de 4 de agosto de 1910. (Continuação da anterior).

Presidente Miguel Ventura Terra; secretario João Lino de Carvalho. — E' lida e approvada a parte da acta referente á sessão anterior. — Resolve-se acceder aos desejos da Voz do Operario, attendendo aos seus fins humanitarios, e fazer-lhe excepcionalmente um abatimento de 5o % na importancia dos honorarios do architecto a que couber esse encargo, quantia calculada como honorario propriamente dito do artista, sendo os 5o % exigidos, destinados para despezas na elaboração do projecto e outros trabalhos durante a direcção e fiscalisação da obra. — Approvada por unanimidade, sem discussão, a proposta do socio Francisco Carlos Parente, respeitante á eleição de delegados da Sociedade. — E' eleito delegado ao Congresso Nacional o socio effectivo Alfredo Maria da Costa Campos.

Sessão de 11 de agosto de 1910. (Continuação da anterior).

Presidencia de Miguel Ventura Terra, secretariado por João Lino de Carvalho. — Approvada a parte da acta da sessão anterior. — O socio Francisco Carlos Parente communica que, tendo o Conselho Director eleito, tomado pósse, elegeu respectivamente para os cargos de presidente, secretario, thesoureiro e vogaes, a elle participante e aos socios effectivos Arthur Manoel Rato, Tertuliano de Lacerda Marques, João Lino de Carvalho e Evaristo da Silva Gomes.— E' approvada por unanimidade a proposta referente á revisão e reforma do regulamento do premio Valmór, sendo eleita a commissão para proceder a esse estudo, que ficou constituida pelos socios Arnaldo Rodondo Adães Bermudes, Alvaro Augusto Machado e Francisco Carlos Parente.

F. C. P.

Conselho Director — Relatorio — 1908-1909

SENHORES:

Terminando este Conselho Director o honroso mandato que lhe foi confiado pela Assembléa Geral de 25 de Julho de 1908, e em harmonia com o disposto no artigo 16.º dos estatutos d'esta Sociedade, vem perante esta Assembléa, apresentar e dar contas da fórma como cumpriu a sua missão, durante o anno economico de 1908-1909.

Sendo, como é, nosso desejo tornar quanto possivel resumido o relato dos nossos actos, no intuito de não cançar a attenção da Assembléa, passamos a enumerar os diversos assumptos de que se occupou este Conselho, assegurando desde já que dedicámos todo o tempo, que se empregou na solução d'estes assumptos, pela unica aspiração dos bons resultados, que poderiam advir para a prosperidade da nossa classe, e que constituirão o premio e a satisfação dos nossos constantes e sinceros esforços.

Em uma das suas primeiras sessões, recebeu este Conselho um officio da Direcção Geral de Instrucção Secundaria, Superior e Especial, pedindo com urgencia a esta Sociedade o seu parecer sobre a organisação do ensino d'architectura no nosso paiz.

O Conselho agradeceu a lembrança da consulta sobre tão importante e momentoso assumpto e participou que se enviariam com a brevidade possivel os alvitres que esta Sociedade julgava mais legitimos para a reforma do ensino d'architectura.

Discutido o assumpto durante algumas sessões, foi nomeada uma commissão redactora, composta dos socios Adães Bermudes, José Alexandre Soares e Costa Campos, para elaborar um projecto de resposta a enviar ao Ministerio do Reino.

Esta commissão, que se desempenhou habilmente do cargo para que tinha sido nomeada, apresentou em seguida o seu apreciavel trabalho, que foi enviado ao Ministerio do Reino e que vem inserto no nosso Annuario de 1908.

— D'um facto muito se regosija este Conselho, que pela sua importancia nos deve animar no caminho das reclamações justas que encetámos, o qual muito devemos á esclarecida intelligencia do ex-ministro d'Obras Publicas, sr. D. Luiz de Castro, que se honrou approvando o regulamento de segurança dos operarios.

Todos nós sabemos que por insufficiencias do regulamento que existia para o serviço de inspecção e vigilancia para segurança dos operarios nos trabalhos

de construcção civil, levaram o governo d'então, depois de protestos continuados, a nomear uma commissão com o fim de estudar a organisação d'um novo regulamento. Para fazer parte d'essa commissão, e que foi composta de representantes do governo e de varias associações, foi convidada esta Sociedade a nomear um delegado.

A escolha do Conselho recahiu no nosso consocio sr. Adães Bermudes, que era então seu presidente (1905-1906), e da competencia e qualidades excepcionaes d'este architecto, attestam-n'as os serviços por elle prestados n'esta commissão e de que apresentou relatorio circumstanciado.

Ao ministro, que firmou com o seu nome este documento, devemos ainda a gentileza da offerta de um exemplar do regulamento e as phrases amaveis que o acompanharam.

O Conselho Director agradeceu reconhecido ao sr. D. Luiz de Castro, todas estas provas da sua sympathia pela nossa classe, e lastimando que tivesse sahido tão abruptamente dos conselhos da Corôa este espirito, culto e moderno, no qual o Conselho Director depositou as maiores esperanças na realisação pratica de mais uma das justas reclamações da nossa classe, como é sem duvida, a regulamentação dos serviços officiaes de architectura.

Assim, tornou-se já n'um facto, a approvação do regulamento de segurança dos operarios, que apezar de ser muito util para os trabalhos de construcção urbana e vir prestar grandes beneficios ás classes operarias, só agora acabou de ser approvado este documento, que esta Sociedade, e ainda este Conselho, tinham vindo sollicitando de varios governos.

— Mais uma vez o Conselho se occupou da classe dos architectos d'Obras Publicas, tratando d'uma representação a enviar a este Ministerio, instando por uma reforma equitativa e justa dos seus architectos, e n'uma das ultimas sessões d'este Conselho acabou de apresentar o nosso consocio e digno bibliothecario sr. João Lino de Carvalho, um projecto de lei sobre a regulamentação dos serviços d'architectura, que este Conselho recommenda á apreciação da presente Assembléa.

— Tratou-se de um projecto de lei sobre a esthetica da cidade, tendente a evitar a continuação dos edificios anti-estheticos que se constrôem em Lisboa, sem a menor parcella d'arte ou bom gosto.

Este projecto, que foi elaborado na Secção dos Monumentos da Sociedade Propaganda de Portugal, com o concurso dos membros d'este Conselho, foi descurado por aquella Sociedade, que tinha tomado sobre si o encargo de dar andamento a este interessante assumpto.

O Conselho Director, tomando conhecimento d'este facto, e ainda d'accordo com a determinação da assembléa geral d'esta Sociedade, de 28 de dezembro de 1908, officiou áquella Sociedade participando-lhe que visto, não darem o andamento preciso e urgente ao assumpto em questão, resolvia tomar sobre si o

encargo de representar ao Governo pedindo para que sejam creadas commissões especiaes junto das principaes Camaras Municipaes do paiz para a defeza dos interesses estheticos das cidades.

Este trabalho que o actual Conselho tanto se empenhava em levar a effeito, não chegou a ser discutido por absoluta falta de tempo. Todavia, o Conselho que nos succeder terá ensejo de prestar um dos maiores serviços á arte em geral, escolhendo entre os variadissimos assumptos que se nos deparam, este, que muito interessa a classe dos architectos.

— E'-nos sempre agradavel a nós, architectos, quando os nossos collegas recebem pelo seu talento ou trabalho o premio dos seus esforços, e que, para honra d'esta classe, bastantes teem sido os possuidores d'essas honrarias.

Todavia ainda mais agradavel e honroso é para nós, quando essas honrarias são conferidas por estranhos, como o acaba de fazer a Italia, ao nosso illustre consocio honorario e distincto architecto, Alfredo d'Andrade, onde os artistas italianos projectaram uma manifestação, que levaram a effeito, em honra d'este nosso collega e compatriota.

D'esta manifestação a que se associou o proprio rei d'Italia, agraciando o illustre artista, tomou conhecimento este Conselho, resolvendo enviar a todos os associados uma circular, convidando-os a collaborar n'aquella significativa homenagem feita a este nosso collega, abrindo para esse fim uma subscripção em que esta Sociedade subscreveu individualmente.

Resolveu tambem que lhe fosse enviada uma mensagem de congratulação que será assignada por todos os architectos portuguezes, e alvitrou ainda a idéa de entregar a Alfredo d'Andrade uma medalha d'ouro por occasião do futuro congresso de architectura que terá logar em Roma.

— Tomando conhecimento este Conselho de um programma de concurso aberto para a construcção de um matadouro municipal e mercado de gados que a Camara do Porto pretende construir n'aquella cidade, pediu a convocação d'uma assembléa geral extraordinaria d'esta Sociedade, afim d'esta se pronunciar sobre o programma do referido concurso, que o Conselho entendeu que não podia ser acceite pelos architectos pela fórma vaga e incompleta como estava redigido esse programma.

Pela assembléa geral foi incumbido o Conselho de redigir uma represenção protestando contra a fórma como estava elaborado o programma do concurso, fazendo finalmente constar que os architectos a elle não concorreriam se não fosse modificado o referido programma.

Este protesto foi enviado á Camara Municipal do Porto e d'elle teem conhecimento os nossos consocios, a cada um dos quaes foi enviado um exemplar.

O Conselho recebeu em resposta um officio da Camara Municipal do Porto, em que tomava em consideração a nossa representação, entendendo porém que n'esta altura não podia sustar o concurso, para não dar logar a reclamações, e

que fal-o-ha se aquelle ficar deserto, lastimando comtudo que os architectos tivessem resolvido abster-se do concurso.

— Tambem este Conselho tomou conhecimento de que a Camara Municipal do Porto, deseja construir um theatro lyrico, denominado Theatro Municipal de S. João, para substituir aquelle que foi devorado por um incendio, e officiou á Commissão Promotora da construcção do theatro, pedindo para que abrisse concurso entre os architectos nacionaes para a elaboração do projecto.

O Conselho obteve resposta affirmativa, e officiou á mesma commissão, congratulando-se pela resolução tomada, e pedindo tambem para que nos fosse enviado o programma do concurso.

— Dando-se em Italia um cataclysmo que enlutou alguns povos da Sicilia e Calabria, recebeu este Conselho com pezar esta noticia, abrindo uma subscripção entre os seus associados para occorrer aos sobreviventes da catastrophe.

Grande foi o numero dos architectos portuguezes que concorreram com o seu obulo, sendo o producto d'esta subscripção enviado ao Presidente da Cruz Vermelha pelo que se recebeu um officio da Legação de Italia, accusando a recepção da importancia enviada e agradecendo o officio que este Conselho lhe tinha dirigido, manifestando o nosso pezar pela dôr que a nação latina acaba de soffrer.

— Poucos mezes depois do cataclysmo que se acabava de dar em Italia, escolheu a natureza para campo de um dos seus mais horriveis phenomenos, as povoações ribatejanas do nosso paiz.

O Conselho Director officiou ao Governo offerecendo os seus serviços technicos e profissionaes para a execução de quaesquer providencias que houvessem a adoptar em face do cataclysmo e effectuou uma excursão d'estudo aos locaes devastados pelo tremor de terra.

Convidou á reunião periodica da commissão dos estudos sismicos, já eleita por este Conselho, e que se compõe dos consocios Adães Bermudes, Costa Campos e Ascenção Machado, afim de activarem os seus trabalhos sobre a fórma de resolver o processo de construir nas regiões sujeitas aos abalos sismicos.

Tambem o Governo não descurou este assumpto e pelo Ministerio das Obras Publicas, pediu por officio a este Conselho um delegado d'esta Sociedade para fazer parte da Commissão, que o mesmo Governo nomeou para proceder ao estudo da regulamentação dos processos de construcção, a adoptar em terrenos sujeitos aos abalos sismicos.

O Conselho nomeou delegado o seu presidente, sr. José Alexandre Soares.

— A excursão associativa d'esta Sociedade realisou-se ao historico e artistico palacio de Queluz, tomando parte grande numero de consocios e suas familias, e fazendo-se votos pela realisação do maior numero possivel d'estas visitas d'estudo aos monumentos preciosos, que possuimos dispersos pelo paiz,

dispensando-nos de encarecer quanto de util e educativo teem estas excursões e quanto de proveitoso para os architectos portuguezes é o conhecimento dos valiosos edificios architectonicos do nosso paiz.

— Acaba n'este momento de sahir a lume o nosso Annuario de 1908.

Congratulando-nos com mais esta manifestação intellectual e artistica da nossa vida associativa, o Conselho agradece aos membros da commissão redactora do annuario, composta dos srs. Costa Campos, Ascenção Machado e Francisco Carlos Parente, não esquecendo tambem a collaboração valiosa do nosso consocio João Lino de Carvalho, demonstrando todos estes nossos consocios mais uma vez a competencia que revelam para estes assumptos especiaes.

— Além dos assumptos de caracter associativo, que mereceram os cuidados do Conselho, enumeraremos summariamente, mais os seguintes :

Assumptos diversos

Representou junto do Governo contra a exclusão dos architectos no Conselho Superior da Hygiene da Habitação, sendo attendida a sua reclamação.

— Occupou-se das condições varias a que devem satisfazer os futuros concursos d'architectura.

— Occupou-se do ensino d'architectura para educação dos operarios.

— Protestou contra o attentado que se pretendia levar a effeito, da construcção de um edificio na alameda de S. Pedro de Alcantara, officiando á Camara Municipal de Lisboa, satisfazendo o que lhe foi ordenado pela assembléa geral extraordinaria d'esta Sociedade, convocada em 28 de dezembro de 1908.

— Officiou ao Ministerio das Obras Publicas sobre os concursos para desenhadores, que teemsido realisados por fórma tal, que os architectos officiaes, sempre que teem necessidade da collaboração d'estes funccionarios, reconhecem a falta de criterio que preside á realisação d'estes concursos.

— Instou junto do Ministro das Obras Publicas, sobre o preenchimento da vaga d'architecto de 3.ª classe, do quadro do mesmo Ministerio, aberta pela passagem á inactividade do architecto de 2.ª classe Miguel Ventura Terra, sendo depois nomeado o sr. Alvaro Machado.

— Resolveu adherir ao Congresso Nacional, nomeando delegado o sr. Adães Bermudes, que já assistiu ás primeiras sessões preparatorias d'este Congresso, resolvendo, d'accordo com este Conselho, apresentar um programma dos assumptos, que mais interessam a esta Sociedade discutir.

— Tratou da fórma como deve ser interpretada a tabella official dos honorarios dos architectos.

— Tomou conhecimento da deliberação da Camara Municipal de Lisboa, para ser aberto concurso entre os architectos, para a construcção do Palacio d'Exposições, que a mesma Camara pretende construir no parque Eduardo VII,

por proposta do nosso consocio e vereador Ventura Terra, congratulando-se com esta resolução.

— Congratulou-se com o facto de ter sido chamado a desempenhar as funcções de vereador da Camara Municipal de Lisboa, o nosso consocio Ventura Terra.

— Solicitado pela Commissão Executiva do Monumento ao Marquez de Pombal, afim de eleger um delegado para fazer parte da commissão elaboradora do programma para o concurso d'este monumento, elegeu o Sr. José Alexandre Soares.

— Congratulou-se pelo resultado geral do concurso realisado para o Monumento da Guerra Peninsular, onde a quantidade e qualidade dos trabalhos enviados attestaram o evidente progresso da arte em Portugal.

— Tomou conhecimento do desastre acontecido nas obras em construcção para o Theatro Moderno, á Avenida D. Amelia, lamentando que a responsabilidade de edificios d'esta natureza não seja confiada a architectos.

— Congratulou-se pela adjudicação dos premios Valmor de 1907 e 1908, aos nossos distinctos consocios Antonio do Couto e Adães Bermudes.

— Nomeou socio effectivo o sr. José Bonifacio Lopes; socio aggregado o sr. José da Purificação Coelho e socio correspondente o Sr. Alcide Chaussé, architecto inspector dos edificios de Montreal (Canadá) e lançou na acta votos de sentimento pelo fallecimento dos architectos José Antonio Gaspar e Nicola Bigaglia.

— São estes os factos que se ventilaram no periodo da nossa gerencia, e assim fica feito o seu relato, não querendo deixar de exarar aqui o nosso profundo reconhecimento para com os consocios que sempre coadjuvaram o Conselho, contribuindo assim com o seu trabalho para o engrandecimento da nossa classe.

— O movimento financeiro da nossa Sociedade pode ser apreciado pelas contas prestadas pelo nosso Thesoureiro que se acham periodicamente patentes aos socios.

— Na bibliotheca existem 574 volumes registados, excluindo as publicações por troca ou assignatura e as photographias.

A despeza feita foi:

Em 1905	5$200
Nos dois annos seguintes (1905 1906 e 1906-1907)	105$920
No anno de 1907-1908	52$355
No anno de 1908-1909	14$200
Total	177$675

Lisboa e sala das sessões da Sociedade dos Architectos Portuguezes, em 16 de Julho de 1909.

O Conselho Director

Presidente

José Alexandre Soares

Thesoureiro

Alfredo d'Ascenção Machado

Vogaes

Antonio do Couto
Francisco Carlos Parente

Secretario

Adolpho Antonio Marques da Silva, *(relator)*

Commissão revisora de contas — Parecer

SENHORES:

A Commissão por vós eleita em sessão ordinaria de assemblêa geral que, para satisfazer ás disposições do art. 16.º dos estatutos da nossa Associação, se effectuou em 16 do corrente mez, tendo, em cumprimento do art. 26.º dos mesmos estatutos, examinado as contas do Conselho Director relativas á gerencia do anno social, findo em 30 de junho ultimo, vem, ainda segundo essa determinação da nossa lei organica, apresentar-vos o seu parecer.

Muito restricta é sem duvida esta sua funcção, devendo todavia certificar-vos que d'esse exame resultou a confirmação do que a mesma Commissão havia previsto, isto é, de que essas contas, achando-se effectivamente exactas, representam tambem a intelligente e zelosa administração dos collegas, que tão brilhantemente constituem esse nosso corpo gerente.

Pelo balanço, que está exposto no respectivo quadro da sala das sessões do Conselho Director, se mostra em resumo que ha um saldo positivo relativamente apreciavel.

São importantes alguns dos actos d'essa administração, cujo minucioso relatorio foi lido na referida sessão, e sobre os quaes esta Commissão desejaria egualmente chamar a vossa esclarecida attenção, taes como: o do concurso prestado para com o Estado pelo conceituoso parecer ácêrca do ensino de architectura no nosso paiz, que é de crêr venha a ser adoptado; o do solicito empenho para com o competente ministro para que se publicasse o necessario regulamento de segurança dos operarios, vendo-o de facto corôado de bom exito; o da instancia junto d'esse alto funccionario para que sejam devidamente organisados os serviços d'architectura em Portugal, e para que, como subsidio de estudo, vos vem entregar um projecto á vossa discussão; o das constantes diligencias empregadas para que se tornem acceitaveis as condições a que devem satisfazer os concursos nacionaes de architectura, tendo já conseguido por vezes melhoral-as n'este sentido; o do aproveitamento e regularidade das nossas excursões d'estudo e da publicação do nosso Annuario e tantos outros dignos de nota, mas ácêrca dos quaes não lhe é licito aqui pronunciar-se.

N'estes termos, senhores, a vossa actual Commissão revisora de contas limita se pois a propôr-vos que, além da approvação d'estas, voteis o vosso reconhecimento para com os collegas do Conselho Director, que tão dignamente ter-

mina agora a sua missão, e bem assim para com todos os que, sob qualquer titulo, collaboraram para o engrandecimento da nossa Sociedade.

Em 26 de Julho de 1909.

A Commissão,

João Lino de Carvalho
Jorge Pereira Leite
José bonifacio Lopes

CONSELHO DIRECTOR — Relatorio 1909-1910

PRESADOS COLLEGAS:

No cumprimento do § 3.º do art.º 23.º dos nossos estatutos, vimos submetter á apreciação d'esta assembléa, o relatorio dos trabalhos realisados pelo Conselho Director durante o anno social decorrido de 1909 a 1910.

Bem desejariamos, que este documento, que relata os principaes factos occorridos em mais um anno de existencia da nossa collectividade, tivesse tão alta importancia que bem traduzisse o interesse e utilidade da nossa missão.

Não devemos deixar de accentuar, com satisfação, que a classe dos architectos portuguezes vae impondo a sua auctoridade ao conceito publico, apesar de não ter ainda attingido o desenvolvimento a que tem direito, pela importancia da sua missão civilisadora e valor incontestavel da sua profissão, no engrandecimento moral e intellectual do nosso paiz.

Muitos factos occorreram durante a nossa gerencia que nos provam a verdade d'esta asserção, alguns dos quaes, pela sua limitada importancia não salientaremos.

Porém os louros colhidos devem servir-nos, não para descançar, mas sim, de incentivo para a continuação d'um trabalho perseverante, afim de alcançarmos as regalias a que temos incontestaveis direitos.

Cabe aqui agradecer a todos os nossos consocios que com reconhecido interesse acompanharam e collaboraram nos nossos trabalhos, sentindo no emtanto, que esse numero seja tão limitado e que a maioria se afaste quasi por completo, da frequencia das salas d'esta Sociedade.

— Teve este Conselho sempre em vista consolidar as relações adquiridas e crear novas relações que permittissem facilitar a nossa missão e n'este sentido trocou com diversas sociedades congeneres o seu annuario.

— Procurou approximar-se das associações interessadas em que o regulamento de segurança dos operarios da construcção civil, seja posto em vigor no mais breve praso possivel, o que ainda se não conseguiu, esperando este Conselho, todavia, que as deligencias junto d'aquellas associações dêem o resultado desejado e que n'uma acção commum se represente aos poderes do Estado, afim de definitivamente ser aquelle regulamento considerado lei do paiz.

Ao futuro Conselho Director recommendamos este importante assumpto.

— De uma missão altamente sympathica nos foi dado tratar durante a nossa gerencia, qual a da educação do operario da construcção civil, de que a pedido da Associação dos Canteiros (cooperativa) nos desempenhamos, solicitando dos

nossos consocios e bem assim dos distinctos esculptores Francisco dos Santos, José Izidoro Netto e Simões d'Almeida, sobrinho, a sua cooperação, encarregando-se obsequiosamente nas differentes epochas escolares da regencia das cadeiras instituidas por uma commissão especial, para esse fim eleita por aquella benemerita associação. As cadeiras instituidas foram as de: desenho geometrico, desenho ornamental e modelação d'ornato, que este anno foram proficientemente regidas pelos nossos consocios Adolpho Antonio Marques da Silva, Tertuliano Marques e pelo distincto esculptor Francisco dos Santos.

— Realisaram-se diversos concursos publicos d'architectura no decorrer da nossa gerencia, alguns dos programmas, porém, não satisfizeram aos architectos portuguezes, entre elles o do Matadouro e Mercado Municipaes na cidade do Porto, a que os architectos se abstiveram de concorrer, dando logar esse facto, a troca de correspondencia entre esta Sociedade e a presidencia da Ex.ma Camara Municipal do Porto. Resultou esse concurso improductivo, conforme este Conselho previra, não obstante, o que gostosamente consignâmos, os attenciosos esclarecimentos que nos foram dirigidos por aquella Municipalidade.

Outro concurso teve logar em que a má organisação dos programmas mereceu reparos d'este Conselho Director, não podendo no entretanto evitar, que se realisasse segundo as bases estabelecidas. Referimo-nos ao projecto para o Theatro Lyrico do Porto.

Foram-nos tambem enviados, por intermedio da Direcção Geral d'Instrucção Publica, exemplares do programma do concurso internacional para o Monumento Commemorativo da União Telegraphica em Berne (Suissa). Estiveram patentes na séde d'esta Sociedade, conforme as circulares expedidas e por isso tendes d'elle conhecimento.

Foi este Conselho convidado pela Sociedade da Cruz Vermelha, a nomear urgentemente, um delegado para tomar parte nos trabalhos do jury, no concurso promovido por aquella benemerita sociedade, para um projecto de Enfermaria-Modelo. Foi eleito o nosso consocio Adães Bermudes, para tomar essa missão, de que o mesmo illustre collega, com a melhor boa vontade, se desempenhou.

— Nas homenagens prestadas á memoria do grande vulto da litteratura portugueza e illustre historiador Alexandre Herculano, fez-se esta Sociedade representar, pelos seus delegados, em todos os actos publicos e bem assim nas sessões commemorativas a que foi convidada a assistir.

— Realisando-se o Congresso Nacional no decorrer d'esta gerencia, inscreveram-se esta Sociedade e alguns consocios, não sendo apresentada a these projectada por motivos estranhos á nossa vontade. Congratula-se este Conselho com os resultados de tal iniciativa e louva por isso os seus organisadores.

— Tendo os alumnos do curso especial d'architectura civil, solicitado a nossa interferencia junto do Ex.mo Sr. Ministro do Reino, para se conseguir a reforma do ensino d'architectura na nossa Escola de Bellas-Artes, foi mais uma

vez entregue a Sua Ex.ª um parecer elaborado na gerencia anterior, corroborando o pedido d'aquelles alumnos, cujas justas aspirações calorosamente recommendamos ao futuro Conselho Director.

— Cumprindo a resolução da Assembleia Geral, foi revisto e approvado definitivamente o regulamento dos concursos publicos, tendo adherido incondicionalmente, quasi na sua totalidade, os nossos consocios.

Com restricções áquelle documento, o nosso digno presidente da Meza da Assembleia Geral, José Luiz Monteiro, não tendo ainda enviado as suas respostas, apesar das instancias do Conselho Director, os seguintes consocios: Augusto Carvalho da Silva Pinto, F. Evaristo da Silva Gomes, José Casimiro Fernandes, José C. P. Ferreira da Costa, José Marques da Silva, José Teixeira Lopes e Rozendo Carvalheira.

— Tendo o presidente da Sociedade de Geographia, o Ex.mo Sr. Consiglieri Pedroso, apresentado uma proposta para ser creada uma commissão com o fim de fomentar, por todos os meios ao seu alcance, a approximação dos dois povos irmãos, portuguez e brazileiro, concorrendo assim para que a Arte Nacional seja, n'aquella florescente republica, considerada. Attendendo ao fim patriotico que visa, entendeu este Conselho dever dar a sua adhesão e congratular-se com aquella iniciativa.

— Como sabeis, houve em dezembro do anno findo grandes inundações, que attingiram uma grande zona do paiz e principalmente o Ribatejo, formando-se por iniciativa da Ex.ma Camara Municipal de Lisboa, uma commissão destinada a angariar meios para minorar a sorte das numerosas victimas, que em resultado d'esse cataclysmo ficaram reduzidas á miseria e sem abrigo. Para essa commissão foi este Conselho convidado a nomear um delegado, nomeação que recahiu no nosso presidente Francisco Carlos Parente, que se desempenhou abalmente d'esse encargo.

— Tendo em attenção o desenvolvimento das artes na sua generalidade, occupou-se este Conselho da conveniencia de serem effectuados concursos publicos, entre os artistas nacionaes, sempre que hajam de cunhar-se novas moedas ou medalhas e bem assim quaesquer outros trabalhos, que devam ter um caracter accentuadamente artistico, sahidos da Casa da Moeda.

— Um dos assumptos, que mais tem prendido a attenção dos Conselhos Directores, é decerto a organisação dos serviços publicos d'architectura, sobre o qual foi entregue, em devido tempo, ao Ex.mo Sr. Ministro das Obras Publicas, uma representação pedindo o alargamento do quadro d'architectos d'aquelle Ministerio, além d'outras regalias a que devemos aspirar. Occupou-se este Conselho, em conformidade com a decisão da Assembleia Geral, da revisão das bases para a organisação dos referidos serviços, apresentadas pelo Conselho Director transacto e elaboradas pelo nosso dedicado consocio J. Lino de Car-

valho, e que este Conselho devolve assim já estudadas á meza da Assembleia Geral para os devidos effeitos.

— Encontrando-se em Lisboa o nosso presado consocio Alfredo d'Andrade, resolveu este Conselho procurar Sua Ex.ª para o felicitar pela justa homenagem que lhe prestaram os artistas italianos, com a qual nos devemos congratular, por ser uma prova de solidariedade e de reconhecida justiça para com um nosso illustre compatriota e distincto artista, que tanto tem honrado o nome patrio nos grandes centros de civilisação artistica.

— Recebeu este Conselho um convite da Sociedade dos Architectos Britanicos, para se fazer representar na conferencia que deveria realisar-se em Londres, no mez de maio p. p. e que foi transferida para o mez d'outubro, para estudar o embelezamento das cidades sob o ponto de vista architectonico. Resolveu-se adherir a essa conferencia e solicitar do nosso consocio correspondente John Belcher o obsequio de nos representar.

— Como de costume, realisou-se a visita aos monumentos nacionaes, sendo este anno escolhida a cidade de Santarem, riquissima em reliquias do nosso patrimonio d'arte.

Este Conselho congratulando-se com o exito obtido na concorrencia a essa excursão, e que bem demonstra a vantagem d'estas reuniões, não pode deixar passar sem reparo e registar com pezar, os actos de vandalismo revoltantes, praticados n'alguns padrões da arte nacional, muito principalmente no Convento de S. Francisco.

Para esse facto chamámos a attenção do Ex.mo Sr. Presidente do Conselho de Ministros, certos de que Sua Ex.ª, conjunctamente com os seus ex.mos collegas, darão as providencias que o caso requer. Reforçando o nosso justo apello, solicitámos a interferencia das Academias de Bellas-Artes de Lisboa e Porto, Commissão dos Monumentos Nacionaes, Real Associação dos Archeologos, Sociedades de Bellas-Artes de Lisboa e Porto, Camara Municipal de Santarem, Liga de Educação Esthetica e Sociedade Propaganda de Portugal, tendo já recebido, em calorosos termos de applauso, as adhesões d'algumas d'estas collectividades, esperando confiadamente que este nosso apello seja secundado por todas aquellas entidades e se consiga a terminação d'um tal espectaculo, que dá bem triste ideia da educação artistica do nosso paiz.

Aqui consignamos mais uma vez, ao Ex.mo Sr. José Relvas, os nossos agradecimentos pela sua extrema amabilidade em nos facultar a visita á bella propriedade dos Patudos, e felicitamo-lo por possuir tão valioso museu d'Arte.

— Tendo sempre em vista o cumprimento do dever dos nossos cargos, e afigurando-se-nos occasião opportuna para representar á Ex.ma Camara Municipal de Lisboa, afim de serem admittidos ao serviço da mesma Camara architectos tirocinantes, como já se tem praticado nas obras do Estado, elaborámos uma representação n'esse sentido, sendo muito agradavelmente recebida pelo

Ex.mo sr. Vice-Presidente em exercicio, esperando este Conselho que brevemente tenha solução favoravel essa pretenção.

— Entre outros assumptos tem este Conselho em preparação: o regulamento interno, reforma dos Estatutos e regulamento para as recompensas a conceder a operarios, conforme as deliberações da Assembleia Geral.

Tambem se encetaram trabalhos para a elaboração do diploma de socio da nossa Sociedade. Suscitando-se duvidas sobre a interpretação da tabella de salarios judiciaes a applicar aos architectos-peritos, está este Conselho estudando o assumpto, que recommenda ao futuro Conselho Director.

— Nos ultimos dias da nossa gerencia, dirigiu-se-nos em officio a Sociedade A Voz do Operario, solicitando a nossa graciosa cooperação na melhor forma de levar a effeito a acquisição d'um projecto para a sua séde social. Não poderemos dar ainda o resultado dos trabalhos encetados, que se referem a este tão sympathico apêllo, mas esperamos que o nosso successor na gerencia, lhe dê a sua approvação.

— Estando em atrazo a publicação do nosso annuario, resolveu-se englobar n'um só volume os referentes aos annos de 1909 e 1910. Para esse fim a digna commissão redactora emprega os seus esforços, esperando muito brevemente poder dar conta dos seus trabalhos.

— A nossa bibliotheca continuou sendo objecto do cuidado d'este Conselho e muito principalmente do prestante socio e dedicado bibliothecario-archivista J. Lino de Carvalho.

— Do estado financeiro d'esta Sociedade, dar-vos-ha conta o Director-Thesoureiro, n'um relatorio.

— Antes de terminar, não devemos deixar de alludir ao fallecimento da Ex.ma Sr.a Viscondessa de Valmór, viuva do benemerito da arte nacional, Visconde de Valmór. Este Conselho fez-se representar no funeral da illustre senhora, tambem como seu esposo, protectora dos artistas portuguezes.

— São estes os factos mais importantes, occorridos durante a gerencia que vem de terminar, diligenciando este Conselho corresponder, com a melhor boa vontade e acerto, á confiança que n'elle depositaram, ao elegerem-nos para tão honrosa tarefa, e lamentando que, por varias circumstancias, os trabalhos nem sempre dessem os resultados proficuos a que aspiravamos.

Conclusões

1.ª — Que approveis a proposta do nosso bibliothecario-archivista, que este Conselho perfilha e que é a seguinte:

«Afim de se poder completar encadernações e outros trabalhos indispensaveis, proponho, que provisoriamente seja suspensa a decisão da Assembleia Geral, que fixa em 1/5 das receitas da Sociedade a dotação da bibliotheca, sen-

do-lhe applicada a verba correspondente a 5o % do saldo positivo da publicação do annuario.» (a) *J. Lino de Carvalho.*

2.ª — Que consigneis um voto de louvor e agradecimento aos nossos consocios Adolpho Antonio Marques da Silva, Tertuliano de Lacerda Marques e ao distincto esculptor Francisco dos Santos, pelo zelo e boa vontade com que exerceram a regencia das aulas instituidas pela Associação dos Canteiros.

3.ª – Este Conselho regista um voto da congratulação, que endossa á Assembleia Geral, para mais completo testemunho de satisfação, pelo restabelecimento dos nossos consocios Francisco Carlos Parente e Arthur M. Rato e pelas accentuadas melhoras do nosso collega João Antonio Piloto.

Lisboa e Gabinete do Conselho Director da Sociedade dos Architectos Portuguezes, em 4 de julho de 1910.

O Conselho Director

(a) Francisco Carlos Parente
(a) Tertuliano de Lacerda Marques
Alfredo M. da Costa Campos
Antonio do Couto
(a) Arthur M. Rato (relator)

(a) — Assignados vencidos na parte que lhes diz respeito.

COMMISSÃO REVISORA DE CONTAS — Parecer

SENHORES:

Em cumprimento do preceituado no capitulo 5.º do art. 26.º dos nossos estatutos, temos a honra de vos participar que desempenhámos a missão por vós incumbida de conferir todos os documentos da receita e despeza da nossa Sociedade, os quaes encontrámos na melhor ordem.

Somos, portanto, de parecer que o referido balancete deve ser approvado, e que seja lançado na acta um voto de louvor ao Conselho Director, assim como a todos os nossos consocios que com elle collaboraram.

Lisboa e Sociedade dos Architectos Portuguezes, em 30 de Julho de 1910.

A Commissão

O Presidente

JOSÉ ALEXANDRE SOARES

O Secretario

FREDERICO EVARISTO DA SILVA GOMES

O Relator

JORGE PEREIRA LEITE

MEDALHA

Deliberação da Assembléa Geral da Sociedade dos Architectos Portuguezes em sua sessão de 15 de Janeiro de 1908

Em cumprimento da disposição 5.ª d'esta deliberação, se publica que foi feita a seguinte distribuição dos exemplares da medalha, cunhados até á presente data:

— em prata, aos socios effectivos Alfredo d'Ascenção Machado, Alfredo Maria da Costa Campos, Alvaro Machado, Antonio do Couto Abreu, Antonio José Dias da Silva, Evaristo Gomes, Francisco Carlos Parente, João Lino de Carvalho, José Alexandre Soares, Jorge Pereira Leite, José Luiz Monteiro, Miguel Ventura Terra, Arnaldo Rodondo Adães Bermudes, Leonel Gaya, Rozendo Garcia d'Araujo Carvalheira, Manoel Joaquim Norte Junior, Tertuliano de Lacerda Marques, Adolpho Antonio Marques da Silva e Arthur Manoel Rato.

— em cobre (numismatica) ao Sr. Dr. Lamas, requisitada em julho de 1908.

Sociedade dos Architectos Portuguezes em 31 de dezembro de 1910.

Pelo Conselho Director

O Secretario

(a) Arthur M. Rato

N. B. — Continua aberta a inscripção entre os socios effectivos.

II—BIOGRAPHIAS

Sousa Viterbo

A morte espreitava-o de perto, desde muito tempo, cheia de amargo ciume por vêr, que á sua lei fatal de aniquilamento lhe resistia estoicamente aquella vida fragil, aquelle tenue fio de vida, que dia a dia n'um labor incomparavel ia tecendo, tecendo a tella de fios rigidos que havia de constituir a sua aurea mortalha, o seu esplendente sudario de immortalidade.

Descaroavel, quebrára-lhe pouco a pouco as minguadas forças que lhe animavam o corpo; e elle arrastando-se, semi-prostrado em teimosa e obstinada lucta, lá ia dia apóz dia escavar nos archivos poeirentos a terra sáfara da historia patria, separando n'uma ancia enorme de pesquisa, as raizes estereis e damninhas das boas e sãs raises, e recolhendo estas com a avidez de um semeador previdente, enceleirava-as no seu vasto e fecundante espirito, para as restituir, seleccionadas á terra que tanto amou e tanto enriqueceu pela vastidão da productiva sementeira.

Pobre luctador audaz, quando extenuado das minguadas forças, se resignava a intervalar cada vez mais, os periodos das productivas colheitas, a fatalidade roubou-lhe a luz dos olhos, e elle, grande na sua resignação heroica, ainda assim não succumbiu a esse tremendo golpe, submetendo-se estoicamente á crueldade do destino. Acabára-se a colheita, mas não findára a sementeira!...

No vasto e bem fornecido celeiro do seu claro e resistente espirito, lá existiam previdentemente arrumadas, as fecundas e seleccionadas sementes, que haviam de germinar mais tarde, lançadas á terra por outra mão sadia e amiga que a sua, trémula e fraca, havia de guiar carinhosamente.

Parece que toda a vitalidade que lhe fugira do corpo, se transformára condensando-se em jorros de luz, no espirito potentissimo e clarividente, e que a

treva da cegueira que lhe roubára o prazer supremo do espectaculo da natureza e da arte que tão devotadamente amára, tecendo a uma os seus hymnos de poeta sentimental e delicado e dando ao culto da outra todos os seus enthusiasmos de estheta, de sabio e de pensador profundo, reforçára e vitalisára aquelle espirito de eleição, creando-lhe uma nova vida interior, uma radio-actividade moral, que se traduziu nos ultimos annos da sua existencia, n'uma das mais poderosas e productivas cerebrações dos nossos tempos. E' pasmosa, de valor e de intensidade, a obra dos seus ultimos dez annos de vida!

Foi esse admiravel espirito que, transfundindo-se no espirito d'esse ideal typo de mulher que Deus lhe dera por filha, como que para o compensar do tanto que pela vida fóra soffrera, se exteriorisou em innumeras obras de altissimo valor com que dotou a sciencia, a historia e a patria, legando-lhe ainda, um thesouro posthumo de valor incalculavel, que successivamente irá sendo publicado, com o impulso piedoso do amor de sua filha e com a mesma ternura e zelo com que elle em vida cuidára d'essa adoravel filha do seu amor!

A avidez absorvente do seu espirito não podia confinar-se no limitado ambito de uma especialidade e por isso n'um ecletismo admiravel e com uma maleabilidade rarissima, todos os ramos de sciencia e de litteratura lhe mereceram egual predileção, tratando os com os desvelos e consciencioso cuidado de um verdadeiro sabio, e espargindo por sobre toda a sua vasta obra, uma doirada poeira d'arte iriada pela forte luz d'uma inconcussa probidade.

As inumeras monographias que publicou sobre quasi todos os ramos d'arte e de officios, intercaladas com outras tantas de artistas e artifices nacionaes ou nacionalisados, constituem um preciosissimo peculio e vasto subsidio para a historia d'arte portugueza e das varias manifestações da actividade nacional.

Foi este um serviço enorme que o paiz não póde nem deve esquecer, prestando o devido culto á sua memoria abençoada.

As agremiações scientificas e artisticas do paiz, e entre ellas a Sociedade dos Architectos Portuguezes, já registraram nos seus annaes com o devido reconhecimento, o impagavel serviço que esse illustre benemerito lhes prestou, e em breve, na mesma vibração apotheotica, prestarão o devido preito á sua memoria, amortisando assim uma grande divida de gratidão, qua não póde nem deve protelar-se.

Entre a sua admiravel e vastissima obra, avulta o monumental *Diccionario dos Architectos Portuguezes*, do qual em breve sahirá o 3.º e ultimo volume.

Foi sem duvida, esta, a sua obra de maior folego e aquella em que elle dispendeu maior somma de trabalhos e pesquisas; em toda ella transparece o sincero fundo de probidade que Souza Viterbo espargia nos seus trabalhos historicos, esmiuçando-os com meticulosidade, aferindo-os com cuidado inexcedivel nas fontes de que dimanavam, por fórma que o seu espirito exigente se desse por plenamente satisfeito, nunca acceitando como positivo um facto, uma

indicação, uma pesquisa que lhe não merecesse plena e absoluta confiança. Esta qualidade rara, valorisa d'uma forma excepcional a sua obra admiravel a todos os respeitos.

Em apendice a este breve artigo, vai uma nota bibliographica da sua obra extraordinaria, transcripta com a devida venia do *Diario de Noticias* do dia da sua morte; ao ver-se a vastidão d'essa obra, custa a conceber que só um homem podesse levar a effeito tão grande e complexo trabalho!

N'um paiz que soubesse devidamente destacar os seus grandes benemeritos, do cardume banal dos litteratiços exteriorisadores de iriadas insignificancias litterarias, o nome de Souza Viterbo, constituiria uma das mais authenticas e desvanecedoras glorias nacionaes; entre nós, infelizmente, ainda não é assim, e esse grande e illustre portuguez que tanto e tão nobremente honrou o seu paiz não tomou ainda no reconhecimento nacional o logar a que lhe dá incontestavel direito o vasto e luminoso patrimonio que nos legou. Tenho porém a convicção que justiça lhe será feita n'um futuro mais ou menos proximo, porque a sua obra magistral é das que ficam e se valorisam com o tempo que decorre, porque é por sua natureza uma obra basica em que terão que firmar-se todos os que, amando as tradições gloriosas da nossa terra, as queiram engrandecer, cultivando-as com amor e patriotismo, e de tudo isso abunda, na grande obra modelar de Sousa Viterbo.

Apagou-se esse bello e rutilante espirito, que tão vasta sementeira de luz nos legou.

Foi uma das mais previlegiadas envergaduras de trabalhador honrado da nossa terra, e com justiça se podem repetir as palavras inspiridas e sentidas que Adães Bermudes pronunciou junto do seu cadaver no dia do seu funeral: —

«Pode affirmar-se que, se elle cegou, foi á força de fitar a luz da verdade, «atravez das espessas trevas dos tempos; e tão intensamente saturou d'ella o «seu espirito, que, quem conhecesse, n'estes ultimos annos esse corpo debil, «quasi immaterial, encerrando um espirito tão rútilo, tinha a impressão de que «esse homem era só feito de luz!

«Um sentimento de justiça obriga-me a dar a esta homenagem uma dupla «significação.

«Se esse homem, cego, como Homero, continuou a cantar as gloriosas tra«dições da sua patria, é porque, cego como Milton, tinha uma filha extremosa «que lhe traduzia os seus altos conceitos; é porque, cego, como Œdipo, encon«trara na sua tragica desventura, uma terna, doce e angelical Antigona que o «amparava e conduzia, envolvendo-o nos raios quentes, acariciadores e benefi«cos de uma tal dedicação filial, que parece que Deus compadecido, creara para «elle um novo sol.»

N'esse bello trecho transcripto, se consubstancia o que de melhor e mais

justo se poderia dizer d'esse grande espirito e d'aquelle que d'elle irradiou, essa *doce e angelical Antigona* que foi a luz dos seus olhos e a suave e piedosa materialisação do seu espirito admiravel.

ROSENDO CARVALHEIRA.

Notas biographicas e bibliographicas (1)

Francisco Marques de Sousa Viterbo, poeta, jornalista, medico, archeologo e historiador, um dos homens mais eruditos e um dos mais infatigaveis trabalhadores contemporaneos, nascido no Porto a 28 de dezembro de 1845, filho de Henrique de Sousa, modesto negociante com loja de retrozeiro e sirgueiro ao largo de S. Domingos, e de D. Maria Marques da Nova, natural de Valiongo, teve por padrinho o dr. Francisco Pedro de Viterbo, que foi o primeiro director da Escola medico-cirurgica do Porto e era tio de D. Maria Marques, sendo por vontade do progenitor do futuro illustre homem de sciencia que este juntou ao seu nome de baptismo os appellidos materno e paterno, e o do padrinho.

Destinado á vida ecclesiastica, frequentou o seminario e concluiu o curso, mas nem a carreira o seduzia nem elle se sentia com vocação para pastor d'almas. Os estudos scientificos offereciam um vastissimo horizonte ao seu espirito ancioso de saber, attrahiam-n'o irresistivelmente, e assim foi que, desistindo da carreira iniciada, matriculou-se na Escola medico-cirurgica de Lisboa e formou-se em 1875, tendo feito todo o curso á sua custa e com o seu unico esforço. A these que defendeu por essa occasião, e que elaborou em poucos dias para satisfazer a obrigação escolar, intitula-se. *Da irritabilidade — Ligeiras considerações sobre esta propriedade da materia viva*, esboçando-se n'ella a largos traços o plano d'uma obra que havia de ter por titulo *A sabedoria da materia*, e que Sousa Viterbo jámais conseguiu escrever por as circumstancias não permittirem que se dedicasse, como tanto era seu desejo, a um estudo profundo das sciencias naturaes e biologicas. Serviu por algum tempo na armada, mas o estudo da archeologia tentava-o e entregou-se a elle apaixonadamente, trocando por fim o seu logar de medico pelo de professor de archeologia na Academia de Bellas Artes, em que tanto notabilisou o seu nome dentro e fóra do paiz.

Foi no Porto que Sousa Viterbo fez, sendo muito moço ainda, a sua estreia como poeta e como jornalista, revelando-se desde logo, n'um e n'outro campo, a pujança do seu talento e a sua decidida vocação para as letras. As suas primicias poeticas foram publicadas no *Mundo Elegante*, no *Mosaico*, no *Porto Illustrado*, na *Aurora*, no *Esperança*, na *Grinalda* e n'outros jornaes litterarios do Porto, no *Boudoir* de Lisboa e na *Folha* e na *Crysalida* de Coimbra. Em 1867 era redactor do semanario *A Mocidade*, do qual só sairam doze numeros, e que contava entre os seus collaboradores Alberto Pimentel, Alexandre da Conceição, Guilherme Braga, Pinto de Almeida, etc.

O primeiro dinheiro que Sousa Viterbo ganhou pelas letras proveiu-lhe do *Pyrilampo*, folha satirica que ha cerca de quarenta annos deu muito que falar no Porto. Verificando que tinham acceitado um artigo que para elle escrevera, apresentou-se na redacção, onde se encontrou com Mendes de Carvalho, um grande excentrico, que lhe offereceu d'um refresco de vinho com morangos que estava a tomar e lhe deu dez ou quinze tostões. O moço litterato, quando se viu na rua com tão insolita fortuna no bolso, pulava de contente. Era a gloria pecuniaria, que nunca elle se vira tão rico!

---

(1) Transcripto do *Diario de Noticias* de 6.ª feira 30 de dezembro de 1910.

Em 1870 publicou o dr. Sousa Viterbo o seu primeiro livro, um poema de 127 pag. intitulado *O anjo do pudor*, que mereceu grandes louvores não só da imprensa portuguêsa como tambem da hepanhola, onde a *Iberia*, importante diario madrileno, lhe fez as mais lisonjeiras referencias, incitando o auctor a não desistir de cultivar um campo em que já ia colhendo tão excellentes fructos. Alexandre da Conceição publicou no *Jornal do Porto* um folhetim de apreciação ao mesmo poema e a outros trabalhos, começando o periodo respeitante ao *Anjo de pudor*: «Pobrissimo de fórmas e imagens...». O articulista escrevera *riquissimo*, e assim o tinha entendido o typographo, apesar de a calligraphia de Alexandre da Conceição não ser das mais legiveis; mas o revisor do jornal entendeu que era *pobrissimo* o que se lia no original e n'esse sentido fez a emenda, que no numero seguinte foi resalvada pela respectiva rectificação.

Póde dizer-se que a carreira jornalistica do dr. Sousa Viterbo começou no mesmo *Jornal do Porto*, para onde entrou a titulo de collaborador com João de Oliveira Ramos na revista estrangeira. Depois passou a redactor politico do jornal, e, quando foi para Lisboa matricular-se na Escola Medica, ainda exerceu por algum tempo as funcções de articulista do referido periodico, servindo-lhe a remuneração d'esse trabalho para auxiliar as despezas da sua formatura.

Foi director politico do *Jornal da Manhã*, do Porto, emquanto propriedade de Eduardo Carmo, e nas paginas litterarias dos numeros de segunda feira publicou muitos artigos assignados com o seu nome e com os pseudonimos de «Curioso alfarrabista» e «David Rosa». Escreveu no *Commercio Portuguès* e no *Progresso Commercial*, dos quaes foi, durante toda a sua existencia, correspondente diario, politico e noticioso em Lisboa, e redigiu por alguns mezes, durante a ausencia de Luciano Cordeiro no Brazil, o *Commercio de Lisboa*, assim como cerca de dois mezes o *Jornal do Commercio*, durante uma estada em Paris do dr. Eduardo Burnay.

Actualmente, o dr. Sousa Viterbo é redactor effectivo do *Diario de Noticias* de Lisboa, onde ficou substituindo, pela sua morte, Eduardo Coelho na secção *Assumptos do dia*, na qual publica artigos doutrinarios, de politica imparcial, sem feição partidaria.

A obra do dr. Sousa Viterbo é hoje colossal, e mal se concebe que um só homem tenha podido produzir tanto, embora dispondo de excepcionaes faculdades de intelligencia e tendo pelo estudo e pelo trabalho o mais entranhado amor. A decima parte d'ella bastaria a dar fóros de illustrē ao talentoso homem de letras não só em Portugal como em qualquer paiz estrangeiro, mas a elle é que toda essa immensa e brilhantissima obra ainda parece pequena, e enche-se de amargura, porque a perda da vista já o não deixa entregar-se com o mesmo ardor e com a mesma paixão aos seus tão queridos estudos historicos e archeologicos. Já falamos d'alguns dos seus trabalhos poeticos e da sua carreira jornalistica, e agora, mencionaremos a parte mais consideravel da sua obra, que é um assombro, tanto pelo seu valor como pela somma de actividade dispendida.

Rosas e nuvens, poesias (Porto); *A mulher de Cesar*, (Porto, 1874), poemeto em alexandrinos dedicado ao dr. Thomaz de Carvalho e incorporado depois nas *Harmonias phantasticas* (teve duas parodias, impressas em folhetos separados, uma das quaes de D. Thomaz de Mello sob o titulo de *A mulher do Cesario, burriqueiro de Alcantara)*; *Harmonias phantasticas* (Lisboa, 1875, livraria Ferreira, Lisboa & C.ª, 8.º de 235 pag., impresso no Porto na Imprensa Portuguêsa); *Artes e artistas em Portugal* (Lisboa, 1892, livraria Ferreira, 8.º, 312 pag.); *Frei Bartholomeu Ferreira, o primeiro censor dos «Lusiadas»* (Lisboa, 1891, Imprensa Nacional, 8.º grande, 237 pag., edição magnifica adornada com o retrato do auctor em phototypia da casa Biel, do Porto, e duas reproducções de autographos de frei Bartholomeu, feita em differentes qualidades de papel pelo illustre camoneanista dr. A. A. de Carvalho Monteiro); *A fonte dos amores — Florilegio poetico* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1889, 8.º grande, 58 pag., adornada com uma phototypia representando a Fonte das Lagrimas, e editada egualmente pelo dr. A. A. de Carvalho Monteiro) por estes dois trabalhos recebeu o auctor apenas alguns exemplares para brindes); *Diccionario historico e documental dos architectos, engenheiros e constructores portu-*

guêses ou ao serviço de Portugal (Lisboa, Imprensa Nacional, 1899, 8.º grande, XIV — 584 pag.); tomo II, idem (1904, XXII — 547 pag.). (Este importante trabalho foi mandado publicar pelo ministerio das obras publicas, por indicação do Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes. O auctor não recebeu por elle o menor estipendio official, e o mesmo succedeu com todas as suas outras obras de investigação historica. O 3.º e ultimo vol. d'este *Diccionario* está ainda inedito). Proseguindo: *Pero Vaz de Caminha e a primeira narrativa do descobrimento do Brasil — Noticia historica e documental* (Lisboa, Typographia Universal, 1902, 39 pag.). Obras publicadas nas *Memorias da Academia Real das Sciencias:*

I — *Trabalhos nauticos dos portuguêse nos seculos XVI e XVII:* Parte I, *Marinharia* (1898, 4.º grande, 341 pag., esgotado). (His. e Mem. da Academia, nova série, 2.ª classe, tomo VII, parte II); II—Parte II—*Constructores navaes* (1900, 4.º grande, 299 pag., 4 estampas). (Hist. e Mem. da Academia, nova série, 2.ª classe, tomo VIII, parte I); III — *A livraria de musica de D. João IV e seu index* (1900, 4.º grande, 19 pag., 2 estampas). (Hist. e Mem. da Academia, nova série, 2.ª classe, tomo IX, parte I); IV—*A livraria real especialmente no reinado de D Manuel* (1901, 4.º grande, 73 pag.). (Hist. e Mem. da Academia, nova série, 2.ª classe, tomo IX, parte I); V — *Algumas achegas para a historia da tinturaria em Portugal* 1902, 4.º grande, 24 pag.). (Hist. e Mem. da Academia, nova série, 2.ª classe, tomo X, parte I); VI — *Manuel de Sousa Coutinho (Fr. Luiz de Sousa) e a familia de sua mulher D. Magdalena Tavares de Vilhena* (1902, 4.º grande, 59 pag. e 2 estampas). (Hist e Mem. da Academia, nova série, 2.ª classe, tomo IX, parte I); VII — *Noticia de alguns pintores portuguêses e de outros que, sendo estrangeiros exerceram a sua arte em Portugal* (1903, 4.º grande, XV-191 pag., 7 estampas). (Hist. e Mem. da Academia, nova série, 2.ª classe, tomo X, parte I); VIII — *Segunda série* (1906, 4.º grande, 88 pag.) (Hist. e Mem. da Academia 2.ª classe, tomo XI, parte I); IX — *O thesoiro do rei de Ceylão* (1904. 4.º grande, 67 pag.). (Hist. e Mem. da Academia, 2.ª classe, tomo X, parte II); X — *Duarte Galvão e a sua familia, elementos para um estudo biographico* (1905, 4.º grande, 95 pag.). (Hist. e Mem. da Academia, nova série, 2.ª classe, tomo X, parte I); XI — *A armaria em Portugal — Noticia documentada dos fabricantes de armas bran as que exerceram a sua profissão em Portugal* (1907, 4.º grande, 176 pag.); XII — Idem, 2.ª série. Está no prelo e brevemente se dará á publicidade.

O eminente americanista Mr. Henry Harrisse publicou um artigo muito lisongeiro sobre o 1.º vol. dos *Trabalhos nauticos* no numero de 12 de dezembro de 1898 da *Revue critique d'histoire et de littérature*, o qual se publicou em separado n'um opusculo de 7 pag. (Paris, 1898).

O dr. Sousa Viterbo tem collaborado em muitas revistas, tirando-se depois em numerosos opusculos, alguns d'elles bastante extensos, os artigos ou monographias n'ellas contidos. Citaremos: *A Revista* (Porto); *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas; Circulo Camoneano; Revista de Guimarães; O Branco e o Negro; Revista Archeologica; O archeologo português; A tradição; Revista dos lyceus; Portvgalia; Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa; Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguêses; Arte musical; Revista Lusitana*; *Medicina contemporanea*; *Serões* (d'este não se fizeram *separatas)*; *Brasil-Portugal; Revista militar; Archivo historico português; e Instituto*, de Coimbra. N'estas tres ultimas é que Sousa Viterbo tem escripto mais, sobretudo no *Instituto*, onde ha uns poucos de annos não apparece um numero que não traga o seu nome.

No *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa* publicou: *A exposição de arte ornamental; Notas ao catalogo* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1883). Alguns exemplares em papel Japão são adornados de nove magnificas phototypias de Carlos Relvas. O auctor foi um dos sete membros da commissão executiva da mesma exposição e redigiu parte do catalogo illustrado; *Um costume dos habitantes do Pegú;* e *O orientalismo em Portugal no seculo XVI;* no *Circulo Camoneano; Henrique Garcez, traductor dos Lusiadas em hespanhol; Camões em Hespanha*; e *Antonio Figueira Durão e o seu preito a Camões;* na *Revtsta dos Lyceus: Uma carta de*

William Julius Mickle. Offerta da sua traducção dos «Lusiadas» ao marquez de Pombal (1893); *A civilisação portuguêsa e a civilisação hespanhola. Sua influencia mutua* (1892). (E' a introducção a uma obra que o auctor conserva manuscripta, sob o titulo de *Resenha bibliographica dos escriptores hespanhoes, de que ha obras publicadas no nosso paiz)*; no *Branco e Negro: O Pedro Sem*; no *Archivo Historico Português*; *O theatro na côrte de D. Filippe II*; *Isabel Carreira*; *A mãe de Frei Bartholomeu Ferreira*; *A mulher de Antonio Sygy de Velasco*; *Mensageiros reaes*; *Gil Vicente, Dois traços para a sua biographia*; *Jorge de Montemór*; *A pesca do coral no seculo XV*; *Uma expedição portuguêsa ás Canarias em 1440*; *A avó materna de Affonso de Albuquerque*; *(Os penhoris as do seculo XV)*; *As dadivas de Affonso de Albuquerque*; *O monopolio da cortiça no seculo XV*; *Occorrencias da vida judaica*; *A cultura intellectual de D. Affonso V*; *A inscripção da Synagoga de Monchique* (additamento *ás Occorrencias da vida judaica)*; *Relações de Portugal com alguns potentados africanos e asiaticos: D. Izabel de Portugal, duqueza de Borgonha. Notas documentaes para a sua biographia e para a historia das relações entre Portugal e a côrte de Borgonha*; *D. João, principe de Candia*; *Dois poetas seiscentistas*; *Os mestres da capella real nos reinados de D. João III e D. Sebastião*; *Poesias avulsas de Affonso Ribeiro Pegado*; *Mestres da capella real desde o dominio filippino (inclusivé) até D. João I*; *Occorrencias da vida moirisca*; *Maximo José dos Reis. O ultimo capitão-mór de Cintra*; *O dote de D. Beatriz de Portugal, duqueza de Saboia*, uma 2.ª parte d'este estudo, mais extensa que a primeira, está já concluida e proxima a entrar no prelo); *Tres medicos poetas*; e *Dois medicos de appelido Camara* (a entrar no prelo); nas *Memorias da Academia das Sciencias*; *Breve noticia sobre a cultura da canella na ilha de S. Thomé*; *na Revista militar: O fabrico da polvora em Portugal* (1896); *Fundidores de artilharia* (1901); *Ourives-espadeiros. Ourives da gineta. Freeiros* (1904); *A batalha de Touro* (1900); *A esgrima em Portugal* (1897); o livreiro M. Gomes fez em 1899 uma 2.ª edição, sem, todavia o declarar no frontespicio); *Um punhado de valentes* (1903); *O infante D. Pedro, o das sete partidas* (1902); *O Prior do Crato e a invasão hespanhola de 1580* (1897); *A Soyca* (a Suissa era uma fórma da ordenança militar á maneira da que usavam os suissos); e *Architectos das praças de Africa — Lourenço Argueiros*; na *Revista de Guimarães*; *Artistas e artifices de Guimarães* (1897); no *Archeologo Portugês*; *Os moinhos* (1896) e *Apontamentos numismaticos* (1902); na *Arte Musical: Mestres da capella real nos reinados de D. João II e D. Manuel*; *Gonçalo Barbosa*; *Jayme de la Fé y Sagau*; e *Tangedores da capella—Manuel Rodrigues Coelho*; nos *Archivos de historia da medicina portuguêsa: Cirurgiões do infante D. Henrique*; no *Instituto*, de Coimbra: *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra* (1890); *Manuel Correia de Montenegro — Um corrector de Camões* (1890); *Viagens da India a Portugal por terra e vice-versa* (1898); *Inventores portuguêses* (1902); *Industrias textis e congeneres* (1904); *Noticia de alguns arabistas interpretes de linguas africanas e orientaes* (1906); *Frei João das Chagas* (1908); *Serralheiros e Ferreiros* (1908); *Poesias de auctores portuguêses em livros de escriptores hespanhoes* (1891); *A industria saccharina em Portugal* (1908); *A jardinagem em Portugal* (1908); *João Pinto Delgado* (1897); *Tapeçaria* (1902); *O vidro e o papel* (1903); *Minas e mineiros* (1904); *Poesias avulsas do dr. Miguel da Silveira* (1906); *Estudos sobre Sá de Miranda — I — Os filhos do conego Gonçalo Mendes* (1895); *Estudos sobre Sá de Miranda — II — A familia do poeta — Varia* (1896); *Estudos sobre Sá de Miranda — III — Mem de Sá — A sua descendencia — Outras informações* (1896); *Os portuguêses e o gentio* (1896); *Damião de Goes e D. Antonio Pinheiro* (1895); e *Estudos sobre Damião de Goes* (2.ª série 1900); na *Revista Lusitana: Fastos religiosos (festas e procissões)* (1898); *Materiaes para o estudo da paremiographia portuguêsa e hespanhola — II — O adagia-Lope de Vega Carpio.* Idem. — II — *O adagiario de Gonçalo Fernandes Trancoso,* Idem — III — *O adagiario nas Operas do Judeu*; no *Boletim da Reat Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguêses: Cruzeiros de Portugal* — 1.ª, 2.ª e 3.ª partes; *Noticia de alguns esculptores portuguêses ou que exerceram a sua arte em Portugal* (1900); na *Portuga-*

lia: As candeias; e *Subsidio para a formação do refraneiro ou adagiario português* (1901).

E' de Sousa Viterbo a *Introducção* aos *Lusiadas*, edição illustrada feita pela empreza da *Historia de Portugal* de Pinheiro Chagas em 1900.

Tem tambem artigos e cartas preambulares em diversas obras, como: *Cancioneiro de musicas populares* (2.º volume, 1895), *Exposição de arte em Vianna do Castello; Fingal*, poema de Ossian, traduzido por D. Maria Adelaide Fernandes Prata; *Tratado da armaria*, por J. Leite Ribeiro, etc.

De collaboração com Rodrigo Vicente d'Almeida, que forneceu os apontamentos tirados da Real Bibliotheca da Ajuda, redigiu a obra intitulada *A capella de S. João Baptista erecta na egreja de S. Roque...* (Lisboa 1900).

Tem um artigo — *O artista da palavra* = no livro *In memoriam*, dedicado ao dr. Sousa Martins e d'elle se tiraram exemplares em pequeno numero (Lisboa 1904).

No *Brinde dos senhores assignantes do «Diario de Noticias»*, tem um conto intitulado: *O phantasma do lago*, e n'outro volume do mesmo *Brinde* uma narrativa historica, *D. Philippa d'Eça abbadessa de Lorvão*. N'um dos numeros do Natal que o mesmo *Diario* publica, associado com o *Commercio do Porto* tem um conto de costumes portuenses, intitulado: *Vingança de Judas*. Em outros periodicos, tanto litterarios como politicos, existem dispersos, da sua lavra, diversos contos e narrativas romanticas.

E' como se vê, importantissima a obra do grande homem de sciencia, e nem toda ficou minuciosamente registada n'estas linhas, porque o que se apontou é já mais que sufficiente para se avaliar quanto as lettras patrias devem ao insigne professor. Diremos, ainda, comtudo, que bastantes das suas poesias foram traduzidas em hespanhol, italiano, allemão e sueco, que não é gloria de que possam ufanar-se muitos poetas nacionaes, nem mesmo estrangeiros.

Foi o dr. Sousa Viterbo quem revelou, n'um artigo da *Correspondencia de Portugal*, a existencia de poesias ineditas de Pedro de Andrade Caminha n'um elegante volume que o dr. J. Priebsch, da Bohemia, publicou com outras encontradas em Londres, em Halle, em 1898 (edição de Niemeyer. Foi elle egualmente quem descobriu que a *Nouvelle relation de la Chine* traduzida em francez sobre um manuscripto do padre Gabriel de Magalhães, considerado desconhecido ou perdido por um sr. B e publicado em Paris em 1688, não era outra coisa senão as *Doçes excellencias do imperio da China*, incorporadas no *Vergel de plantas* (Lisboa, 1690) de frei Jacintho de Deus, que as apresentou como suas, sem lhes accusar a procedencia.

A 4 de abril de 1906, uma numerosa deputação da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguêses, tendo á frente o presidente, conselheiro Augusto José da Cunha, foi entregar ao dr. Sousa Viterbo, á sua casa á rua de S. Roque, lendo por essa occasião uma honrosa mensagem, a medalha de prata que a mesma associação resolvera conferir-lhe pelos serviços prestados á archeologia em geral e á historia da architectura em particular. Nos dias seguintes, outras corporações, como a da Escola de Bellas Artes e a Sociedade das Sciencias Medicas, assim como diversos amigos foram cumprimental-o pelo mesmo motivo, recebendo o illustre homem de lettras tambem muitas cartas, telegrammas e bilhetes de felicitação da provincia. Esta manifestação sensibilisou-o profundamente, por ter sido feita de proposito no dia do anniversario natalicio de sua adorada filha.

Ha uns cinco annos que o dr. Sousa Viterbo está completamente cego, e reduzido, portanto, á mais triste passividade physica. Começou a perder a vista em 1897; o mal aggravou-se depois por excesso de trabalho, e por fim completou a sua obra terrivel.

O dr. Sousa Viterbo casou-se em 1877 com uma senhora brasileira, D. Sophia Virginia Leite de Sousa Viterbo, havendo d'este consorcio uma unica filha, D. Sophia Clementina Leite de Sousa Viterbo, que auxilia o pae nos seus trabalhos litterarios como sua secretária habitual.

(Da *Encyclopedia Portuguêsa*).

N. R. — Em as notas acima transcriptas não está exacta a data do nascimento de Sousa Viterbo, que foi a 29 de dezembro de 1846, prefazendo, portanto, no dia do seu fallecimento 64 annos de edade.

Além das obras acima referidas tem mais na sua vasta bagagem litteraria os seguintes trabalhos :

A Ordem de Christo e a missa sacra nas nossas provincias ultramarinas, em publicação no «Instituto».

A Jardinagem, 1.ª e 2.ª series, separata do «Instituto».

A gravura em Portugal (1909).

D. Beatriz, de Portugal, duqueza de Saboya, (1909), serie.

Maximo José dos Reis, ultimo capitão-mór de Cintra (1908).

«D. Leonor de Portugal», imperatriz d'Allemanha, (1910).

«Curiosidades musicaes», na Arte Musical LXXVII artigos.

«Tres medicos poetas» (1908).

«Dois poetas de appellido Camara» (1908).

«Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo (1910).

«Noticias ácêrca da vida e obras de João Pinto Delgado», (1910). (Mem. da Acção).

Muitos artigos expersos pelas revistas, como «Medicina Contemporanea», «Tripeiro», «Annaes de medicina contemporanea», «Jornal da horticultura pratica».

Sousa Viterbo era socio correspondente da Academia de Sciencias de Lisboa ; socio benemerito da Associação dos Archeologos Portugueses ; Gabinete Port. de Leitura, de Pernambuco ; Instituto de Coimbra ; Academia de Sciencias de Portugal ; Sociedade Arqueologica Tarragonense ; Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa, socio e membro da commissão redactora ; socio fundador da Associação dos Jornalistas e Escriptores Portugueses ; da Sociedade de Geographia de Lisboa ; da Sociedade Archeologica da Figueira ; Associátion litteraire Internationale de Paris ; da Real Academia de la Historia, Madrid ; Academico de merito da Academia de Bellas Artes e professor da Escola de Bellas Artes.

José Antonio Gaspar

Falta ao nosso convivio o collega respeitavel, o amigo dedicado e sincero, verdadeiro homem de bem, que foi em vida José Antonio Gaspar.

Esta perda, realmente lastimavel, impede-nos de momento, como tanto desejariamos, de aqui deixar reproduzida a saudosa personalidade d'este illustre architecto, que foi sem duvida o professor habil e zeloso, o educador por excellencia no campo profissional da nossa epocha.

N'esta conjunctura, crêmos que não será desprimôr nosso para com a sua memoria, soccorrermo-nos das notas biographicas, aliás ineditas, que nos legou o sabio professor da mesma escola de bellas artes, dr. Sousa Viterbo, porque o fazemos como duplo preito de homenagem.

«Nasceu a 10 de outubro de 1842 na Travessa do Estevão Pinto, n.º 43, em Campolide, freguezia de S. Sebastião da Pedreira. Campolide n'aquelle tempo ainda era entre muros de Lisboa. Foram seus paes Domingos Antonio, mestre do officio de pedreiro, e Mathilde Joaquina. D'este matrimonio provieram doze filhos, o ultimo dos quaes foi José.

Alumno da Escola Academica até aos 15 annos, matriculou-se depois na Academia de Bellas Artes de Lisboa, seguindo, simultaneamente, o officio de canteiro nas officinas de Antonio Moreira Rato & Irmão.

Durante o seu curso na Escola de Bellas Artes obteve os seguintes premios e distincções: premio de vinte mil réis, em copia de estampa, em conferencia geral de 31 de agosto de 1859; *accessit* em copia de gesso, em conferencia geral de 31 de agosto de 1860; medalha de ouro, no concurso triennal da aula de architectura, em conferencia geral de 29 de agosto de 1861.

Concluidos os seus estudos artisticos n'aquelle estabelecimento, montou uma officina de canteiro na rua do Arsenal 166 e 168, officina que dirigiu desde

1862 a 1866. N'este anno, por portaria de 2 de Julho, foi nomeado pensionista por conta do Estado para ir estudar em Paris.

Tendo seguido para a capital da França, inscreveu-se no *atelier* do snr. Charles Questel. Admittido, em 30 de abril de 1868, na 2.ª classe da Escola Imperial e Especial de Bellas Artes, secção de Architectura, deu entrada na 1.ª a 4 de agosto de 1870.

Em 1870, por occasião da guerra franco-prussiana, viu-se obrigado, assim como outros seus collegas e compatriotas, a abandonar Paris, regressando a Lisboa. Seguidamente, por determinação do nosso Governo, partiu para Roma, onde se demorou um anno, elaborando ali um projecto de um palacio de justiça, hoje propriedade da Academia de Bellas Artes de Lisboa. Em passeio de estudo visitou tambem por esta occasião diversos pontos de Italia.

Em 15 de maio de 1874 passava-lhe em Versailles o seu professor Mr. Questel um honroso certificado do aproveitamento da sua applicação escolar em França. E' do theor seguinte:

PALAIS NATIONAUX

DE

Versailles et de Trianon

Service des Batiments
Parcs et Jardins

Ministère des Travaux Publics

Versailles, le 15 mai 1874

Je soussigné certifie que Mr. José Antonio Gaspar, sujet portugais, est resté pendant cinq années dans mon atelier, qu'il y a fait de bonnes études en architecture et qu'il est capable d'exercer sa profession avec distinction.

J'ajoute que Mr. Gaspar, ayant été admis à l'Ecole des Beaux-Arts de Paris, s'est faít remarquer dans les concours de cette Ecole par plusieurs projets qui ont obtenu des récompenses.

En foi de quoi je lui ai délivré le présent certificat.

A' Versailles, le 15 mai 1874

CH. QUESTEL

Membre de l'Institut de France,
Inspecteur Général des Batiments Civils,
Architecte des palais de Versailles et Trianon.

Seguem-se os reconhecimentos das assignaturas.

Eis agora o elenco dos actos principaes da sua vida profissional e academica:

Eleito academico de merito, da Academia de Bellas Artes de Lisboa, em conferencia geral de 10 de março de 1872.

Medalha de prata, em architectura, da Sociedade Promotora de Bellas Artes de Portugal, em maio de 1872.

Eleito academico de merito da Academia Portuense de Bellas Artes, em conferencia geral de 31 de agosto de 1878

Nomeado, em conformidade do art. 34.º dos Estatutos, para leccionar a aula de architectura, da Academia de Bellas Artes de Lisboa, por deliberação do Conselho d'Administração em 20 de março de 1873.

Approvada a nomeação para a regencia provisoria da cadeira de Architectura, vaga pelo proprietario João Pires da Fonte, e do substituto José da Costa Sequeira, em 27 de março de 1874.

Encarregado da regencia da cadeira de Desenho Geometrico, para substituir o professor exonerado Joaquim Gregorio Nunes Prieto, accumulando com a cadeira de Architectura, em 25 de setembro de 1874.

Nomeado secretario interino da Academia, em 21 de junho de 1876.

Nomeado por dois annos para a regencia da 1.ª Cadeira da Escola de Bellas Artes de Lisboa, por decreto de 23 de junho de 1881.

Nomeado definitivamente para a regencia da 1.ª Cadeira da Escola de Bellas Artes de Lisboa, por decreto de 20 de setembro de 1883.

Eleito vogal da Commissão Consultiva de Obras Publicas do Municipio de Lisboa, em conferencia geral da Academia de Bellas Artes de Lisboa, em 30 de janeiro de 1886.

Aposentado, por decreto de 3 de outubro de 1903.

Darei agora uma resenha das obras que tem executado:

Monumento ao Duque da Terceira, em Lisboa, de collaboração com o esculptor Simões de Almeida.

Monumento a Affonso Henriques, em Guimarães, de collaboração com o esculptor Soares dos Reis.

Edificio da Casa da Moeda, em Lisboa.

Conclusão do palacio do Ex.mo Marquez da Foz, na Praça dos Restauradores, em collaboração com Leandro de Sousa Braga.

Projecto para o edificio da Bolsa do Pará, actualmente em execução.

Casa do Ex.mo Conde de Arnoso, em Lisboa.

Casa de campo do Ex.mo Sr. Carlos Maria Eugenio de Almeida, na Agua Livre, proximo a Bellas.

Reconstrucção da casa do Ex.mo Sr. Alfredo de Oliveira Sousa Leal, na Rua de S. José, em Lisboa.

Apropriação das construcções pombalinas a bancos, como o de Portugal; Commercial de Lisboa; *London and Brazilian Bank Limited*; e Monte-Pio Geral, e muitas outras construcções de menor importancia.

O sr. Gaspar, muito estimado pelos srs. Duques de Palmella, tem dirigido algumas obras nas propriedades d'estes illustres titulares. Assim fez algumas construcções annexas na residencia de Cascaes e ultimamente a entrada e decoração dos muros do jardim do palacio do Rato. Deu tambem o risco para a casa que os mesmos fidalgos offereceram em Cascaes á notavel escriptora e senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Por occasião da inauguração do monumento ao Duque da Terceira, tanto elle como o

sr. Simões de Almeida, foram agraciados com o officialato de S. Thiago, mas ambos declinaram a mercê regia.

No concurso para o monumento a Fontes Pereira de Mello os mesmos artistas obtiveram o primeiro premio, mas a obra não foi por deante, por ter desapparecido... o producto da subscripção.

Depois de aposentado como professor, José Antonio Gaspar aposentou-se tambem como architecto, embora conserve ainda o seu gabinete de trabalho, na sua modesta residencia de solteirão impenitente, na Travessa de S. Pedro de Alcantara, n.º 11. A sua actividade voltou-se agora para os trabalhos ruraes, possuindo uma bella quinta em Carcavellos, que lhe disperta todas as suas attenções e que visita todos os dias, seguindo com especial cuidado a cultura da vinha, cuja producção é já avultada e excellente.

Fecharemos este artigo com chave de ouro, á similhança dos sonetos, inserindo uma carta que o eminente esculptor Soares dos Reis dirigiu ao seu compadre e collaborador José Antonio Gaspar e que este teve a amabilidade de nos facultar. E' curiosa pelas idéas, bastante originaes, ácerca da proporção harmoniosa que deve existir entre os monumentos e o local a que são destinados, proporção a que Soares dos Reis não liga importancia ou considera muito secundaria.

Villa Nova de Gaya, 2 de novembro de 1885.

Amigo Gaspar

Não tenho respondido á sua interessante carta nem por falta de tempo nem por falta de saude nem por outro qualquer motivo, a não ser por preguiça e por não ser urgente responder-lhe.

Dou esta explicação do meu silencio para não julgar que tenho pouco interesse pelo assumpto principal da sua carta, que é o monumento ao D. Affonso Henriques.

A este respeito diz-me o amigo que sente não ter eu começado a estatua por não ter ainda sahido de casa: as palavras são postas em sentido contrario, isto é, a redacção é outra mas o sentido é o mesmo.

Pois pode estar descansado que a estatua (ao traço) já está até adeantada tendo sido começada na segunda-feira passada: nada mais posso dizer que acabe em *ada*.

Com relação ao embaraço da escolha do sitio em que deve ser collocado o monumento pouco tenho a dizer porque está em mãos competentes a solução do problema, que seja qual fôr ha-de ser boa.

No entretanto parece-me que se está a perder tempo com este negocio que afinal não tem a importancia que parece ter: acho que não haveria maior inconveniente em pôr o monumento no meio da praça futura, admitindo a inclinação da planta que lhe mandaram.

Davam-nos 7:000$000 para a obra e ainda que a tivessemos de fazer para uma praça dez vezes maior, o monumento teria as mesmas proporções, por que não se pode conceber que a cidade de Guimarães ficasse sem elle, maior ou mais pequeno, só por que os artistas achassem *(sic)* a praça grande e a quantia pequena.

Tudo isto que acabo de dizer será tolice, mas ha muito tempo que eu dou pouca importancia a estas questões de relação entre os monumentos e as praças ou sitios, aonde estão collocados.

Quantas obras d'arte estiveram em outra parte, bem ou mal proporcionadas, com relação ao logar que occuparam, e hoje se vêem em recintos (como são os museus) bem acanhados, sem perderem o seu valor, não obstante terem sido feitas para outros logares?

Pois o contrario tambem succede: se puzerem a Venus de Milo no Champ de Mars fica sendo sempre a mesma estatua admiravel como no Louvre — *sómente é preciso ir vêl-a de perto, porque nada se vê bem de longe.*

Saudades a todos os seus e aos amigos.

Seu amigo
A. S. dos Reis

P. S. — Pedi-lhe que me dissesse quanto tinha a mandar-lhe, isto é, quanto lhe devia e nada me disse.

A sua capa será entregue por estes dias no restaurante do caminho de ferro. Minha mulher não está presente, mas receba cumprimentos d'ella».

Sousa Viterbo.»

Tudo quanto fica assim registado, que é muito, que é uma vida inteira de trabalho e de honradez, que é o balanço da actividade de um artista, nada é, se relembrarmos que todo esse trabalho, que toda essa honradez se operou n'uma epocha tão contraria ao desenvolvimento artistico e intellectual do nosso acanhado meio, e ao temperamento excessivamente modesto, que definiu sempre o caracter de José Antonio Gaspar.

Assim pois terminou o nosso saudoso collega a sua honrosa missão, fallecendo a 18 de Fevereiro de 1909.

José Alexandre Soares

---

(1) Este artigo foi escripto por Sousa Viterbo, em vida do architecto Gaspar, sobre apontamentos colhidos para a sua biographia. Era e é destinado ao *Diccionario dos architectos* e faz parte do material que o illustre escriptor deixou preparado para entrar em publicação o 3.º e ultimo volume d'aquella obra monumental. Sua filha e dedicada collaboradora, a Ex.ma Senhora D. Sophia Viterbo, está empregando todas as suas diligencias em publicar esta e todas as demais obras ineditas, que Sousa Viterbo não poude infelizmente ultimar, e que constituem ainda um enorme e inestimavel repositorio de documentação historica e litteraria.

A' gentileza amavel da sr.ª D. Sophia Viterbo devemos a concessão da sua publicação.

J. A. S.

III — INTERESSES GERAES DE CLASSE

Serviços de architectura — Representação ao Governo

Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios das Obras Publicas, Commercio e Industria. – A Sociedade dos Architectos Portuguezes, no cumprimento de um dever civico, que o seu estatuto naturalmente lhe impõe, vem respeitosamente perante V. Ex.ª representar contra a actual organisação dos serviços de architectura. .

De ha muito está, com sobeja razão, provocando legitimos protestos e concitando a animadversão geral o defeituoso funccionamento d'esses serviços, porque as enormes verbas, que absorvem, têem principalmente servido para atrophiar os progressos da architectura nacional, para manter na mais atrazada rotina as numerosas industrias suas tributarias e portanto para desprestigiar os mesmos serviços.

Mais de cincoenta mil contos se têem gasto em edificios publicos, durante um periodo pouco superior a trinta annos, com tão minguado proveito e variavel orientação que, sendo a maxima parte d'essa verba applicada a Lisboa, esta continúa inteiramente desprovida de expressão, de caracter e de belleza.

E' profundamente desolador que, depois de taes sacrificios, nem a propria capital disponha de um d'esses edificios que nobilitam as metropoles estrangeiras e tanto contribuem para a commodidade e educação do publico, installando-se os serviços do Estado em edificações conventuaes ou em simples casas de aluguer. Os proprios monumentos historicos, — espolio ainda honroso, mas nem

sequer inventariado, de um passado esplendôr, — jazem ao abandono, quando não são methodicamente vandalisados sob a tutela indulgente e negligente do Estado.

O que têem sido os serviços architectonicos sob o ponto de vista economico, dil-o claramente o custo das obras do Estado comparado com o das que os particulares fazem executar, iniciando-se frequentemente algumas dispendiosissimas, a que se renuncia, depois de gastos centenares de contos.

Do que sejam esses serviços sob o ponto de vista administrativo, infere-se das suas complicadissimas formalidades burocraticas que nada acautellam, e, tambem, da complexa organisação hierarchica do pessoal, que só serve para diluir responsabilidades, para tolher toda a iniciativa e para annullar todo o estimulo.

O que são os serviços de architectura sob o ponto de vista artistico avalia se pelos seus deploraveis resultados, devido a que ainda hoje se emprehendem obras consideraveis sem projecto e se elaboram projectos sem a intervenção de architectos, e, não raro, quando se reclama a sua intervenção existir já um programma absurdo a que se têem de subordinar.

Se encararmos, finalmente, os serviços das obras do Estado pelo lado technico, verificâmos que debalde se renovam e transformam por toda a parte os systemas de construcção, graças ao prodigioso desenvolvimento scientifico e industrial, sem que entre nós se introduzam quaesquer progressos que modifiquem os seus rotineiros processos.

Nenhum d'estes factos, energicamente o affirmâmos, é da responsabilidade dos architectos, cujo criterio, na esphera official, se encontra sempre dependente de alheio parecer, sendo-lhes impossivel tentar qualquer obra de regeneração artistica n'esta perpetua illaqueação e absorpção abusiva das suas naturaes attribuições.

Difficil é já para o artista exercer a sua alta missão num meio onde, por atrazo mental, não existe na grande massa do povo o instincto da belleza ; mas impossivel se lhes tornará realisar essa missão se as proprias estações dirigentes aggravarem ainda esta situação com a sua desalentada e desalentadora indifferença.

A ninguem, pois, é licito discutir a indispensabilidade de se remodelarem os serviços technicos e artisticos de architectura e de repudiar definitivamente processos que estão de sobejo julgados e condemnados, e são unicamente seguidos no nosso paiz.

E' pois n'esta intoleravel situação que a Sociedade dos Architectos Portuguezes, em nome da collectividade, tem a honra de solicitar de V. Ex.ª, como sua muito legitima e momentosa aspiração de classe, a substituição do actual quadro auxiliar por um corpo de architectos cujas attribuições sejam no serviço de architectura, analogas ás do corpo de engenheiros nos serviços de engenha-

ria, ou seja a creação de uma Direcção de Edificios Publicos, com séde em Lisboa, a cargo de um architecto e subordinada á Direcção Geral de Obras Publicas e Minas, sendo essa direcção dividida em secções com as respectivas sédes nos principaes districtos administrativos, distribuindo-se tambem a architectos o cargo de vogal do Conselho Superior de Obras Publicas e Minas, se não se entender por melhor a creação de um Conselho Superior de Edificios e Monumentos Nacionaes, a cargo exclusivo de architectos, ao qual sejam consequentemente conferidas as mais elevadas funcções consultivas ácerca dos serviços de architectura.

Esta reorganisação, segundo crêmos, impõe-se antes como uma necessidade do Estado do que mesmo como interesse da classe, que representâmos.

Assim dispersos os architectos por todo o paiz, em que a propriedade particular representa uma terça parte da fortuna total da nação, seria melhor valorisada essa riqueza, não se continuando como até agora, a prival-a da Arte que, sendo um dos mais poderosos elementos de civilisação, desenvolveria sem duvida as suas muito numerosas industrias.

O actual conselho director tem confiadamente aguardado favoravel solução a este instante aperfeiçoamento da lei organica dos serviços de obras publicas, na parte referente á Architectura, que naturalmente causas excepcionaes têem impedido de lhe ter sido já convenientemente dada.

Hoje porém, Sr. Ministro, que a Sociedade dos Architectos Portuguezes encontra na suprema direcção do grandioso problema do fomento nacional um estadista que ao mesmo tempo tem sido um dos mais nobres defensores do engrandecimento da nossa patria, renova a iniciativa das suas anteriores representações sobre o assumpto, esperando que a V. Ex.ª se fique devendo a grande obra de renovação artistica em Portugal.

Sociedade dos Architectos Portuguezes, em 16 de fevereiro de 1909.

Pelo Conselho Director

O Presidente

José Alexandre Soares.

IV — ASSUMPTOS TECHNICOS

Evolução da architectura na Idade-Média

Os primeiros templos christãos obedeciam, nas suas linhas geraes, ao plano das basilicas dos romanos, — edificios de caracter civil, destinados á administração da justiça e, posteriormente, a funcções comparaveis ás das modernas *bolsas*.

Como nas basilicas, as tres naves ou corpos longitudinaes dos templos edificados pelos christãos, quando, declarado o christianismo religião official do imperio romano, puderam reunir-se, para celebrar os actos cultuaes, fóra dos subterraneos, ou catacumbas, não eram abobadadas: cobria-as um tecto de madeira sobre vigamento apparente. Apenas á abside, que era semi-circular, se applicava uma abobada, com a fórma de quarto de esphera ou meia cupula, facil de construir.

Ao passo que, nas provincias orientaes do imperio, que só politicamente eram romanas, cedo a basilica se transforma e a igreja christã nos apparece coberta de abobadas, nas quaes se revela a persistencia de tradições artisticas da Asia central, — no Occidente, perturbado pelas incessantes luctas que se seguiram á queda de Roma, só no seculo XI, depois de tentativas, em que principalmente se assignalaram os lombardos, a abobada substituiu, tanto nas galerias ou naves lateraes, como na central, mais larga e mais elevada, a primitiva cobertura de madeira. E assim como ás linguas derivadas da latina se applicou o designativo de *romanicas*, assim tambem a essa architectura, que se caracteriza pelo emprego da abobada e que, embora filiada na de Roma, deve alguns dos seus elementos estructuraes e decorativos ao Oriente, deram aos archeologos o nome de *romanica*.

E' facil comprehender que, sendo a abobada muito mais pesada que a cobertura de madeira, a sua adopção importou a necessidade de modificar pro-

fundamente a estructura da velha basilica latina, dando maior espessura ás paredes, eliminando as janellas, ou, pelo menos, restringindo-lhes o numero e a largura, estreitando a nave média, para que o vão ou espaço a cobrir não fosse muito grande, e reforçando a abobada, que era cylindrica (de berço), por meio de arcos transversaes, que tinham como pés-direitos columnas ou pilares embebidos nas paredes, aos quaes, no exterior, correspondiam gigantes ou contrafortes.

Essencialmente monastica era a arte d'esse tempo: o movimento partia dos conventos; os artistas eram quasi todos monges. Nem admira. No meio das luctas, invasões, perigos e incertezas de então, só nos conventos se podia encontrar segurança e tranquillidade, e, portanto, cultivar as lettras e a arte.

A historia da architectura medieval, — disse-o já alguem, — é a historia de uma lucta entre a luz e as trevas.

Elevar sensivelmente a nave média da basilica acima das lateraes e abrir-lhe janellas nas paredes, sem, ao mesmo tempo, comprometter a estabilidade do edificio, — tal era o problema.

Não o resolveram satisfatoriamente os architectos do periodo romanico, ainda mesmo nas suas mais perfeitas e audaciosas creações.

A solução estava nesse maravilhoso artificio, tão simples e, todavia, tão fecundo, que se chama a *cruz de ogivas*, cujo emprêgo, na construcção das abobadas, caracteriza a architectura *ogival*, tambem denominada *gothica*.

Os edificios ogivaes são constituidos por uma ossatura elastica, formada de arcos, pilares, arcos-botantes e contrafortes, — elementos *activos*, — e pelas paredes e gomos de abobada, — elementos *passivos*, isto é, que nenhuma funcção exercem, podendo, portanto, simplificar-se e, até, supprimir-se.

A abobada cylindrica de eixo longitudinal, da quasi totalidade dos edificios romanicos, é substituida por uma serie de abobadas de aresta, cujos gomos ou paineis triangulares se não travam entre si e assentam sobre uma rêde constituida (na disposição primitiva e mais generalizada da abobada ogival) de seis arcos, — dois longitudinaes, dois transversos e dois cruzados em diagonal.

Estes ultimos, que são as *ogivas*, *nervos*, *nervuras*, ou *artezões*, canalizam (digamos assim) as pressões para os angulos de cada um dos vãos abobadados, onde são annulladas: — as verticaes, por elegantes e delicados feixes de columnas; as obliquas (mais energicas e, portanto, mais para temer), por meio de contrafortes exteriores e de orgãos especiaes de transmissão, — os *arcos botantes*.

Desapparecêra, emfim, o antagonismo entre a abobada e a luz.

Importa observar que, em virtude de um equivoco, se tem modernamente dado o nome de *ogivas*, ou *arcos ogivaes*, aos que, formados de duas curvas, podem comparar-se a ferros de lança.

Ogivas, propriamente, são as nervuras cruzadas de que ha pouco fallámos. E' o seu emprego, e não a adopção daquelle arco ou perfil, que define a archi-

tectura *ogival*. O arco de duas curvas, ou quebrado, cujas propriedades de equilibrio são evidentes, substituira já, por vezes, no periodo romanico, a *volta perfeita*, embora como elemento constructivo, e não como fórma ornamental. Assim, nos edificios romanicos em que o perfil das abobadas é quebrado, as portas e janellas terminam em arco de volta perfeita.

Não foi ao sul da França, onde a architectura romanica dominava e onde, além d'isso, a luz era mais intensa e mais fortes as tradições antigas, que primeiro se levantaram edificios ogivaes. Foi ao Norte, na ilha de França, na Picardia, onde, porventura, actuavam ainda reminiscencias de primitivas construcções, integralmente feitas de madeira, — a cujos principios em certo modo obedece a architectura ogival.

Conhecem-se abobadas nervadas do seculo XII. No começo do immediato estava o systema ogival inteiramente constituido.

Nessa época, uma das mais brilhantes da Idade-Media, quando o feudalismo declinava e o poder civil tendia a unificar-se na realeza, já os habitantes das cidades haviam conquistado direitos e formavam communas; já se constituira uma classe média, a burguesia, enriquecida pelo trabalho, illustrada e poderosa; já o episcopado, tanta vez anteriormente vencido pelas grandes instituições monasticas, tinha visto fortalecer-se e ampliar-se a sua auctoridade espiritual e temporal.

A cathedral gothica surge então, como a synthetizar e traduzir os ideaes politicos e religiosos do seculo; como a impôr e affirmar o poder dos reis, dos bispos e das communas; como a resumir e vulgarizar todo o saber contido nas encyclopedias do tempo.

A igreja era, cumulativamente, o logar onde se debatiam as questões que se ligavam com os interesses e direitos da communa, e onde o povo, em meio das agruras e desalentos da sua vida, aspera e rude ainda, sem embargo da transformação que se operára, ia encontrar, a par da consolação da fé e da prece, a consolação da arte, alli representada pela architectura, pela esculptura, pela pintura dos vitraes, pela fórma dramatica dos *mysterios*.

Em virtude da acção combinada dos bispos, da ordem de Cistér e da universidade de Paris, aonde affluiam estudantes de toda a parte, a architectura ogival teve rapida e larga diffusão.

O architecto-monge do periodo romanico cede o passo ao architecto secular. As corporações de artistas e artifices, que, nos seculos anteriores, trabalhavam sob a direcção monastica, tomam caracter civil, multiplicam-se e espalham-se, ligando-se estreitamente entre si, adquirindo a feição e a importancia de uma vasta e poderosa organização internacional, de onde veiu a derivar, nos seculos XVI e XVII, a *franco maçonaria* politica.

Elemento efficaz de propagação da architectura ogival, as corporações, defendendo tenazmente, como preciosos segredos, os principios, os calculos, as

fórmulas, os processos, contribuiram muito para a preponderancia da *receita* na arte de construir, e, consequentemente, para a decadencia do systema ogival.

No periodo de que nos estamos occupando e, sobretudo, nos seculos XIV e XV, multiplicam-se as construcções civis, — castellos, palacios, residencias de burgueses, edificios municipaes. E' certo, porém, que todos os elementos organicos da estructura gothica se encontram nas cathedraes, e que foi pela architectura religiosa que o systema ogival se propagou.

No seculo XIV, em resultado de uma progressiva simplificação e systematização de processos, a arte de construir tomára uma feição positiva. O calculo, predominando, dera-lhe fóros de sciencia. As superficies muraes quasi desapparecem; os supportes tornam-se cada vez mais espaçados e de menor diametro, a decoração dia a dia mais sobria.

Por mais surprehendente que o facto pareça, desde o V até ao XV seculo, os italianos não pensaram em inspirar-se nos monumentos que a Antiguidade lhes legára, e que, não só em Roma, como em tantos outros pontos da peninsula italica, se mantinham mais ou menos completos. Em vez de os imitarem, exploravam-nos como pedreiras. Ao lado da Roma imperial, diz um escriptor francês, elevára-se a Roma barbara.

No seculo XV, porém, o estudo da litteratura e da historia dos antigos, que vinha já de longe e se tornára verdadeira paixão, fez convergir para os monumentos do passado a attenção dos artistas.

E' esse glorioso movimento intellectual e artistico que na historia se designa pela palavra *Renascença*.

Mas, assim como na renascença da esculptura e da pintura na Italia, depois de meado o seculo XIII, a arte antiga foi para os artistas, não um modêlo a copiar, um thesouro de fórmas bellas a reproduzir, mas um elemento educativo, que, com a sua salutar influencia, conseguiu moderar o realismo da arte septentrional — assim tambem, na architectura, os artistas do seculo XV não abandonam completamente as fórmas na Idade-Media, que procuram fundir com as antigas. A acção da arte greco-romana é muito mais sensivel na decoração, do que na traça geral dos edificios. O palacio florentino, que constitue a expressão mais caracteristica da architectura d'essa primeira phase da Renascença, tem, quanto ao aspecto exterior, evidente analogia com o castello medieval. No interior, porém, as arcadas sobre columnas, em volta do atrio, e a decoração convencional de pilastras e abobadas revelam a influencia da arte greco-romana.

Na architectura religiosa, — em que, aliás, a Italia não assimilára o que no systema gothico havia fundamental, porque o espirito italiano era incompativel com o caracter positivo, scientifico, d'essa arte essencialmente septentrional, — pilares e columnas isoladas substituem os feixes de columnellos; a abobada nervada cede o logar a um berço com penetrações lateraes *(lunetas)*, correspondentes ás janellas, quando o não cede a um vigamento,—apparente, umas vezes,

occulto, outras, por um tecto dividido em caixotões. No cruzeiro, ergue-se uma cupula ou zimborio, que repousa sobre uma lanterna ou tambor, bastante elevado, e termina em lanternim. O arco de volta perfeita domina exclusivamente.

Em Roma, porém, na segunda metade do seculo XV, a influencia da architectura antiga penetra mais fundo: a columna e a pilastra são de novo empregadas como elementos organicos, e não apenas como fórmas decorativas.

Estava-se em plena Renascença. A' architectura anonyma dos pedreiros-livres ia succeder, com uma extraordinaria força de expansão, a architectura individualista de Bramante, Palladio, Rafael, Miguel Angelo e Bernini.

D. José Pessanha.

A HABITAÇÃO

Um facto, pouco vulgar entre nós, despertou no passado mez de maio a attenção da sociedade portugueza.

Esse notavel acontecimento foi a celebração de um congresso, onde individuos, todos sem duvida representantes da actividade nacional, mas por vezes de opiniões oppostas, votaram em conjuncto algumas das principaes bases do nosso possivel engrandecimento no actual momento historico.

O Annuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes faltaria a um alto dever civico se o não registasse nas suas columnas, como effectivamente e com prazer regista, prestando-lhe justa homenagem, attento o caracter patriotico, que revestiu essa legitima mas muito brilhante manifestação da nossa vitalidade.

Todavia, ao observador imparcial não é infelizmente difficil prognosticar que esse verdadeiro projecto de reorganisação social não terá, como seria para desejar, immediata e successiva execução, o que aliás lhe não diminue, segundo crêmos, a mais insignificante parcella da sua incontestavel importancia.

O problema nacional assim estudado por esse congresso, subdividindo-se em tantos e tão complexos problemas organicos, ficará constituindo, pelo menos, uma orientação; e, se o futuro, ainda que proximo, evidentemente nos demonstrar que ella é de facto a da maioria dos portuguezes, é de crêr que então, mas só então, lhe seja dada inteira resolução.

D'esses votos aquelle que mais directamente interessa ao architecto é indubitavelmente o que pretende aperfeiçoar no nosso paiz o culto pela Arte; no

entanto todos elles mais ou menos se congregam para proclamar o trabalho util, como base geral de melhoria da nossa sociedade.

N'essa conjunctura, pois, eliminadas de vez inadmissiveis supremacias, a união de todos nós terá natural opportunidade de normalisar o trabalho, completando assim a sua obra.

E se, tomando a parte pelo todo, considerarmos o Trabalho como o monumento symbolico mais digno da actualidade, teremos feito a sua composição, agrupando o dom natural da intelligencia com o saber, resultante do estudo, para conformar o pedestal da honradez.

Quando uma sociedade consegue erigir semelhante padrão, é porque administradores e administrados têem attingido a mais elevada comprehensão dos seus direitos e dos seus deveres, e ella terá assim certamente glorificado a sublime ideia da Patria.

Quanto a nós este honroso encargo, porém, mantendo-se nas mais altas regiões do civismo, não admitte exclusivismos, porque todos cumprem esse dever como se usofruissem um direito. E sendo esta actualmente, segundo vemos, a tendencia de todos os estados, será naturalmente dispensavel a defeza, porque não ha ataque possivel, que perturbe o convivio internacional. *(a)*

Esta seria pois a nossa maior grandeza, porque seria a Civilisação.

* * *

Entrando no detalhe de estudo, de tão vasta e relevante utilidade, vamos encontrar concretisado no seu septimo voto um dos mais interessantes themas de que esta nossa secção, tem por vezes de se occupar, o qual reclama a urgencia de ser fiscalisada, com rigor, a salubridade das habitações, fabricas e officinas, e, na mais digna recommendação, suggere ainda um outro de não menor valia, relativo á protecção devida á construcção de *casas baratas*.

A este proposito nos deu ultimamente noticia a imprensa estrangeira de um congresso italiano, para tratar em especial d'este assumpto, no qual varias auctoridades enthusiasticamente se pronunciaram a seu favor, como sendo elle evidentemente o da ordem do dia em todas as nações cultas.

O significado social d'esta proposição, palpitante de actualidade, leva-nos pois sem hesitação a dedicar lhe aqui desde já toda a nossa preferencia, o que de resto para nós representa apenas o cumprimento de um dever.

1910

J. Lino de Carvalho.
(Architecto)

(a) Como bom prenuncio consignâmos a coincidencia da visita n'este momento a Lisboa do secretario geral da União interparlamentar da Paz, pois que esta é, como se sabe, um limitado grupo de individuos de nações civilisadas, que se propõe só pela razão, desarmar milhões e milhões d'elles, com o fim exclusivo de restabelecer o estado natural social em todos os paizes do mundo.

V — LEGISLAÇÃO

Segurança dos operarios — Representação ao Governo

Ill.mo Ex.mo Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios das Obras Publicas, Commercio e Industria.—A inobservancia do Regulamento dos serviços de inspecção e vigilancia para segurança dos operarios nos trabalhos de construcções civis, approvado por decreto de 6 de junho de 1895, e algumas deficiencias do mesmo regulamento, motivaram abusos por tal fórma intoleraveis e tão legitimas reclamações, que o Governo foi forçado a intervir nomeando, por portaria de 28 de fevereiro de 1906, uma commissão para proceder á revisão d'aquelle diploma e propôr as modificações que n'elle entendesse necessarias.

Essa commissão, de que fez parte, officialmente, um delegado d'esta sociedade, depois de um laborioso inquerito e de um aturado e consciencioso estudo, apresentou o resultado dos seus trabalhos ao Ex.m Ministro que a convocara, sem que depois d'isso tenha sido superiormente tomada qualquer resolução sobre tão grave assumpto.

Entretanto os desastres, nas obras de construcções civis, succedem-se pavorosamente e sem interrupção, na mais completa impunidade, sendo rarissimos os dias em que a imprensa os não regista, apesar da maior parte d'elles serem sonegados ao conhecimento do publico e das auctoridades pelos interessados responsaveis.

Se é certo que alguns d'esses lamentaveis accidentes difficilmente poderiam ser evitados por escaparem ás previsões ordinarias, é tambem fora de duvida que muitos outros accidentes se evitariam se os salutares preceitos do regulamento fossem cumpridos, se os convenientes dispositivos de protecção fossem adoptados e se a fiscalisação technica municipal das obras fosse regularmente exercida.

Para não citar mais do que um facto, que só por um acaso providencial deixou de originar uma catastrophe, referir-nos-hemos ao desmoronamento do Theatro Moderno, facto typico, porque representa uma serie de infracções ao regulamento em questão, e mostra como elle se presta a ser largamente sophismado, até pelas proprias entidades que teem a seu cargo fazel-o cumprir.

E', na verdade, desolador, verificar que emquanto nos outros paizes se promulgam leis especiaes sobre a responsabilidade nos accidentes do trabalho e sobre as indemnisações nos casos d'esses accidentes, e se reconhece por toda a parte o novo principio de direito, — o do risco profissional, por se entender que os preceitos do direito commum não correspondiam, já, ás modernas idéas nem á moderna organisação do trabalho, é desolador, repetimos, ver que entre nós nem sequer se pode conseguir a execução de um simples regulamento de segurança, destinado a reduzir o numero espantoso dos accidentes do trabalho.

Isto demonstra, além de tudo, uma censuravel indifferença pelo mais sagrado de todos os principios, — o respeito pela vida humana, e pelos direitos das classes que, por serem proletarias, não são das menos uteis á nação; por isso esta sociedade deliberou solicitar instantemente de V. Ex.ª que se digne de avocar a si os trabalhos d'aquella commissão e de resolver este assumpto, que é um verdadeiro caso de consciencia e um acto de justiça e de humanidade.

Sociedade dos Architectos Portuguezes em 16 de Fevereiro de 1909.

Pelo Conselho Director

O Presidente

José Alexandre Soares.

VI—VARIA

A consagração da obra de um grande artista portuguez

A acclamação de socios honorarios é sem duvida a mais elevada homenagem que, desde a sua fundação, a Sociedade dos Architectos Portuguezes tem prestado ao talento.

Dois homens sómente lh'a tem merecido, e, coincidencia notavel, de ambos cumpre occupar-se o presente volume do nosso Annuario.

O erudito professor de historia d'arte na nossa Escola de Bellas Artes, dr. Francisco Marques de Sousa Viterbo, auctor do «Diccionario dos Architectos», que a morte roubou ao nosso convivio, tem já por esta causa saudosamente reservado o seu logar nas nossas Biographias.

O restante, actualmente nosso unico socio de honra, é o eminente architecto portuguez, o muito illustre artista Alfredo d'Andrade, que de ha meio seculo adoptou por patria a Italia.

A affixação da lapide no Castello de Fenis por elle adquirido, quasi em ruina, por elle e á sua custa restaurado, e por elle seguidamente doado ao Estado italiano, constituindo este um acto de verdadeira munificencia; o grande banquete ali offerecido em sua honra para a entrega da medalha de ouro, que lhe foi dedicada pelos artistas; a mercê de cidadão honorario de Turim, que tambem lhe foi officialmente conferida; todos os devidos preitos, emfim, que em 30 de maio de 1909 lhe foram solemnemente tributados, são factos tão extraordinariamente importantes, com os quaes sinceramente nos congratulamos, mas de que nos não é facil dar aqui fiel reproducção, tal é a sua grandiosidade.

Por isso, e como a Arte é universal, resta-nos pois saudar com o maior enthusiasmo o nosso grande compatriota.

A Redacção.

Premio Valmór

1908 e 1909

O nosso Annuario presta hoje a sua homenagem a dois dos mais considerados architectos portuguezes, felicitando-os sinceramente pelo seu exito.

Arnaldo Rodondo Adães Bermudes. A'cerca da sua bella obra d'architectura, como é o immovel que limita a Avenida Almirante Reis e L. do Intendente, de que reproduzimos a fachada principal, e do qual é proprietario o sr. dr. Guilherme Augusto Coelho, refere-se o jury, composto por parte da Camara Municipal de Lisbôa pelo architecto sr. José Luiz Monteiro, por parte da Academia de Bellas Artes de Lisboa pelo architecto sr. José Alexandre Soares, e por parte da Sociedade dos Architectos Portuguezes pelo fallecido architecto Alfredo M.ª da Costa Campos, em seu relatorio, nos seguintes termos:

«Este edificio classificado em primeiro logar reveste-se de um aspecto imponente e é sabiamente adequado ao local, contribuindo assim poderosamente para o engrandecimento d'aquellas duas arterias da cidade.

Pela harmonia das suas proporções, pela logica do detalhe e da sua ornamentação e riqueza do seu colorido, realisa em conjuncto uma construcção digna de uma capital moderna.»

Julgâmos pois cumprir o nosso dever, registando este parecer sobre a mais bella casa construida em Lisbôa no anno de 1908.

Casa do sr. dr. Guilherme Augusto Coelho

Architecto A. Bermudes.

Miguel Ventura Terra. E' colossal a obra d'este illustre artista, pela sua extraordinaria grandeza e pelo seu admiravel valôr.

O jury de architectos, constituido por parte da Camara Municipal de Lisboa pelo sr. Alfredo d'Ascenção Machado, por parte da Academia de Bellas Artes de Lisboa pelo sr. José Alexandre Soares e por parte da Sociedade dos Architectos Portuguezes pelo sr. Francisco Carlos Parente, assim se expressa no seu relatorio:

«O predio que o jury classificou em primeiro logar, e portanto o indicado para lhe ser adjudicado o premio Valmór, é sem duvida a composição mais grandiosa e de maior importancia architectonica que na capital se concluiu no anno de 1909.

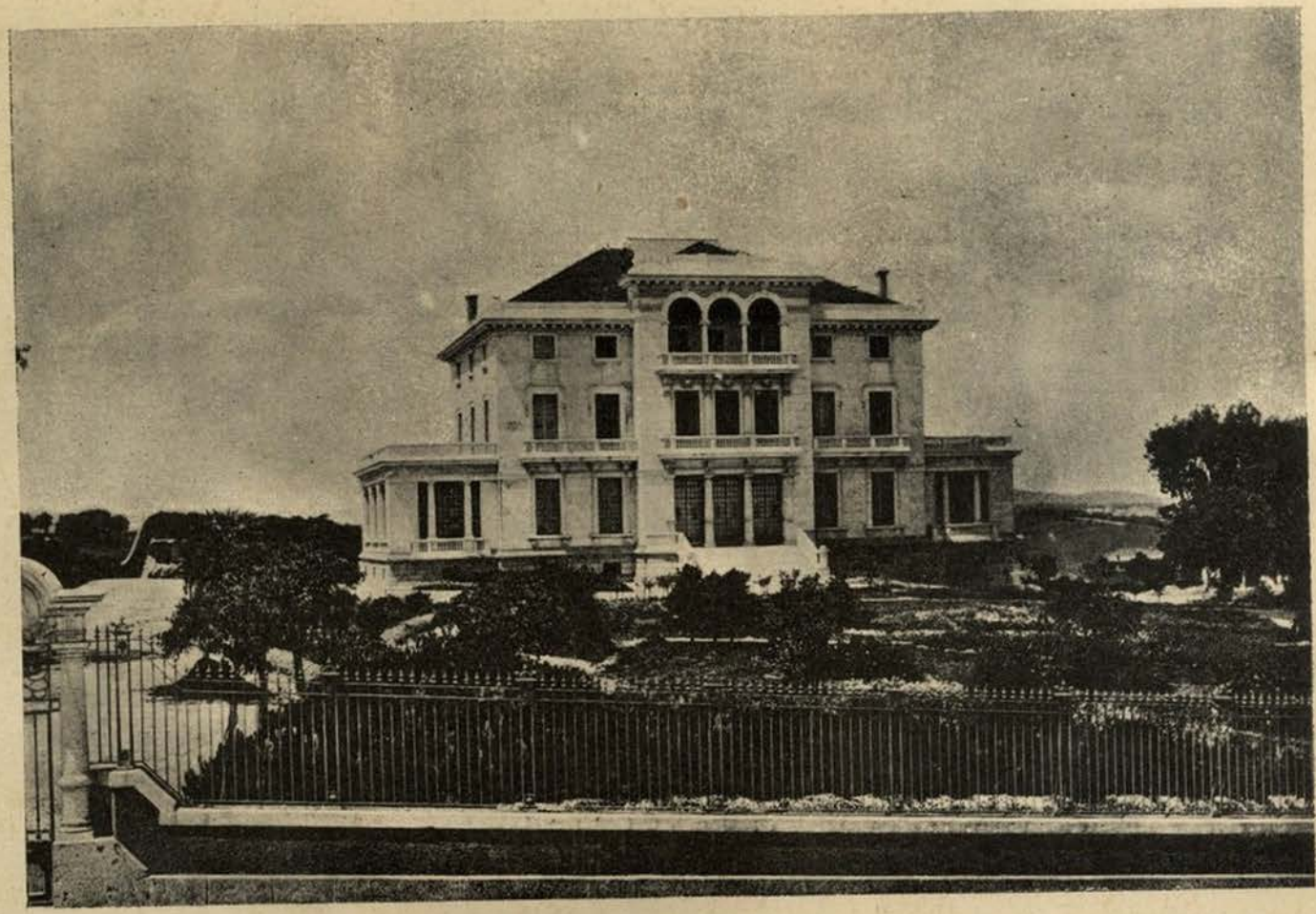
O equilibrio das suas proporções, a riqueza do detalhe e a sobriedade do seu conjuncto tornam-o uma bella producção artistica, que enriquece sobremaneira a esthetica da cidade.

O edificio, cujo corpo central é muito bem estudado e imponente, comportando na sua parte superior uma *loggia*, bello motivo da architectura meridional e que, por tantas vantagens proporcionar, deveria ser mais amplamente adoptado no nosso paiz, impõe-se magestoso, dominando o parque que o rodeia, e é, sem duvida, uma das mais apreciaveis vivendas de Lisboa. A sua situação affastada da via publica, e n'um ponto elevado, ainda mais avantaja a belleza do seu conjuncto.

Este edificio é um dos melhores exemplares da moderna architectura, que muito honra não só o seu auctor, o architecto Miguel Ventura Terra, como tambem o proprietario, Henrique José Monteiro de Mendonça, que, com a sua iniciativa, concorreu para o engrandecimento da capital.»

De mais este valioso trabalho do nosso collega reproduzimos em gravura a fachada principal.

A. R.



Casa do sr. Henrique de Mendonça

Architecto V. Terra.

Exposição Nacional do Brazil de 1908

No numero d'esta publicação, referente ao anno de 1908, e em artigo assignado pelo architecto Adolpho Antonio Marques da Silva, sobre a Exposição Nacional do Brazil de 1908, uma lastimavel troca de graneis deu occasião a erros sobre a paternidade de alguns dos trabalhos expostos pelos srs. Manoel Joaquim Norte Junior e Raul Lino, de que se faz a devida rectificação.

Manuel Joaquim Norte Junior

Projecto para circo equestre

Projectos para :

Casa de Mario Artagão.
» » Branco Rodrigues.
» » José Malhoa.

Raul Lino

Projecto para a egreja da Immaculada Conceição.

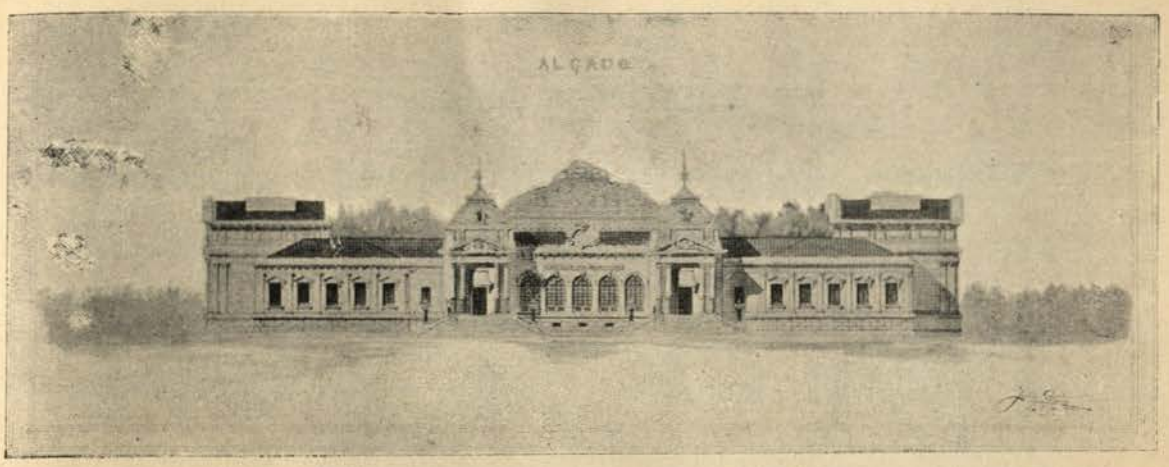
(Este projecto foi apresentado no concurso realisado em Lisboa, entre os architectos portuguezes, obtendo uma menção honrosa).

Projectos para :

Casa de A. Rey Colaço
» » J. Batalha Reis
» » J. J. Ferreira
» » José Relvas
» » Conde Armand
» » Conde Armand
» » Campo
» » Campo
» » Lisboa (frontaria)
» » Campo (economica).

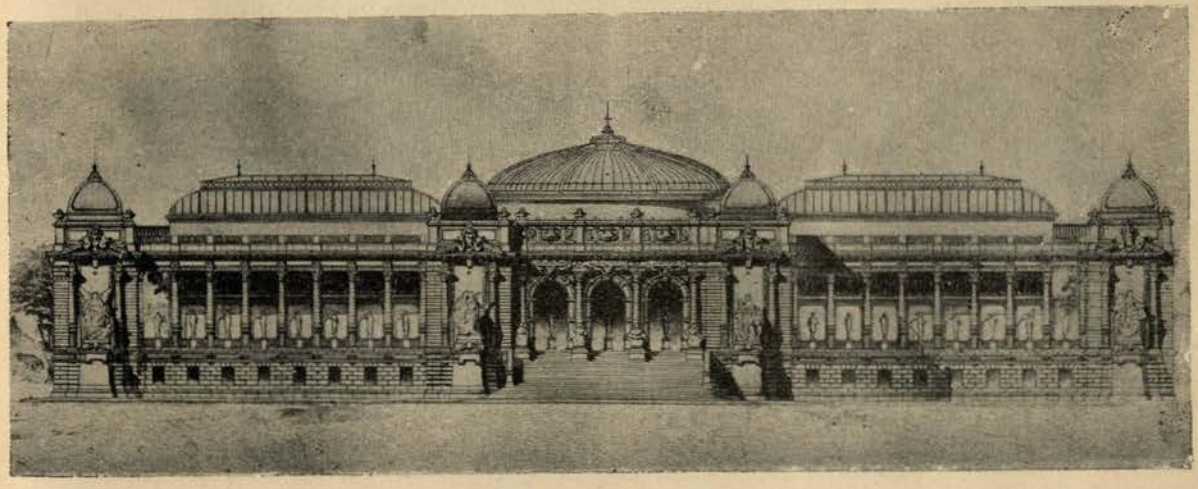
Escola de Bellas Artes de Lisboa

Resultado de trabalhos de alguns dos actuaes alumnos do curso especial de architectura civil da Escola de Bellas Artes de Lisboa, sob a direcção do professor José Luiz Monteiro.



Projecto para uma escola de desenho — Fachada principal — José Coelho.

Projecto para um museu de bellas artes — Fachada principal — Deolindo Vieira.



Projecto para um palacio de exposições — Fachada principal — Nogueira Junior.

Palacio de Queluz

A penultima excursão da Sociedade dos Architectos Portuguezes, teve por destino a visita ao Palacio e Quinta de Queluz. Esse pequeno Versailles, como vulgarmente lhe chamam, era verdadeiramente digno de ser visitado por artistas, porque é dos raros edificios que entre nós traduzem por completo a orientação artistica d'uma epoca que, se deixou grandiosas bagatellas de discutivel alcance artistico, tambem se accentuou por vezes em manifestações de alto valor, que devem ser ponderadas e estudadas com cuidadosa attenção pelos entendidos na materia.

O palacio de Queluz, tal como existe, é apenas cerca de metade do que fôra projectado; ainda assim, impõe se por muitos motivos á attenção dos estudiosos, e a visita que collectivamente lhe foi feita pela Sociedade dos Architectos Portuguezes constituiu um bello motivo de estudo e um interessante deleite espiritual para todos. A impressão geral recebida foi a de que urge salvar muitas das preciosas salas do palacio da ruina eminente que as ameaça, e que a completar se destruiria alguns dos mais bellos specimens de architectura e decoração do seculo XVIII.

Alguma coisa já se tem feito no sentido de attenuar os effeitos da progressiva ruina, já reparando os telhados e respectivos madeiramentos, já procurando, por processos modernos de consolidação, restabelecer alguns tectos de preciosa e delicada factura, a que em breve nos referiremos; o que porém resta ainda fazer-se com taes intuitos é muito, e urgente se torna que o Estado sériamente cuide d'este interessante assumpto.

A visita foi detida e demorada, tendo feito as *honras da casa* o nosso collega Rosendo Carvalheira, por cuja secção correm as obras do palacio, e o sr. Antonio Cesar Mena Junior, chefe de trabalhos da mesma obra, que foi d'uma gentileza a toda a prova, acompanhando a excursão sempre e proporcionando a todos os melhores esclarecimentos sobre os motivos da visita, pelo que lhe tributamos os nossos agradecimentos. A impressão que todos os excursionistas receberam da visita ao magnifico edificio foi a de que o Estado devia conservar e manter todas as principaes salas como muzeu precioso d' rchitectura e decoração que poderia e deveria ser completado pela recolha e deposito nas mesmas salas de mobiliario do seculo XVIII, harmonisando conjunctos de estylo, que servissem de futuro para a visita dos estudiosos, preenchendo-se por esta forma uma lacuna lamentavel que existe entre nós: — um muzeu de mobiliario e decoração.

O tecto da sala dos *serenins* que é d'uma deliciosa e complicada factura, esteve ha annos ameaçando ruina, tendo sido superiormente determinadas obras

por conta do Estado a fim de obstar a que derrocasse, o que seria uma lamentavel perda. Foi d'esse trabalho encarregado o nosso collega Rozendo Carvalheira, que fez sobre o assumpto um estudo detalhado, por forma a conseguir, como conseguiu, reparar e suspender o mesmo tecto sem o apeiar.

Pena foi que, os os trabalhos ficassem interrompidos, embora o tecto por completo se encontre consolidado, mas com toda a graciosa obra de talha por collocar.

Queluz — Palacio — Fachada sobre os jardins

Sobre este interessantissimo trabalho, transcrevemos mais adeante, com a devida venia, o magnifico artigo do illustre escriptor e critico, Malheiro Dias, artigo que foi publicado nas suas interessantes *Cartas de Lisboa*.

Finda a minuciosa visita ao magnifico edificio, realisou-se no Hotel Bragança de Queluz, um animadissimo banquete, que correu cheio de cordealidade, trocando-se brindes amigaveis, respeitantes ao futuro da classe dos Architectos Portuguezes.

Do numeroso grupo de collegas que constituiram a excursãode 1909, já um foi prostrado pela morte em plena effloração do seu valor profissional, e agora n'este momento em que rememoramos esse agradavel dia e essa instructiva e interessante visita, cumprimos o dever piedoso e amigo de deixar registrado, em nome de todos, o voto da nossa sentida saudade. Pobre Alfredo de Campos!

*
* *

Publicamos em seguida o artigo a que nos referimos e que por varios motivos tão interessante se torna:

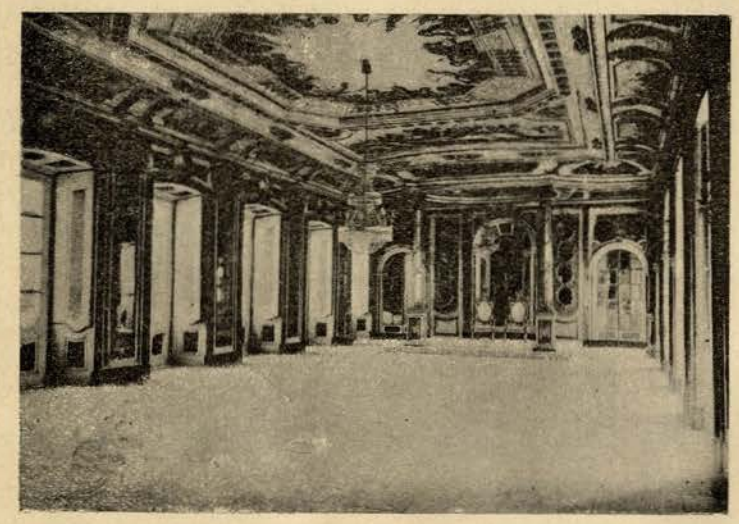
O palacio de Queluz — Um pequeno Versailles — Os architectos e decoradores de Queluz — Os Jardins — O canal — Do infante D. Francisco ao infante D. Miguel — O paço do miguelismo — Ameaças de ruina — As salas dos serenins e do throno — Uma restauração engenhosa — As pinturas dos *boudoirs* de vidro — A sala das audiencias.

A' mesma hora em que chegava á estação do Rocio o expresso de Madrid, conduzindo a companhia de zarzuela, com a sua desenvolta Taberner e as quatro bailarinas Maria Reina, Imperio, la Sevillanita e la Violetta, desembarcava eu de um *tramway* de Cintra, vindo de Queluz.

Esse lindo palacio exerceu sempre sobre mim uma fascinação intensa. Por estes dias de sol, em que os ventos de primavera varrem a Avenida, erguendo nuvens baças de poeira, não conheço refugio mais encantador e discreto, sombras mais hospitaleiras e perfumadas, para ler um livro predilecto, do que as d'esse parque, que os Bragança epicuristas do seculo XVIII fizeram traçar e plantar em volta d'esse Versailles em miniatura, que viu morrer D. Pedro IV na salinha de D. Quixote e viu assassinar o arcebispo de Thessalonica nas suas sombrias avenidas de freixos, tilias e alfarrobeiras.

Em parte alguma dos arredores de Lisboa se encontra um pequeno paraizo, que se avantage a este. E, como os jardins à Le Nôtre, com as suas pyramides de alecrim, os seus caramanchões de murta, as suas viridentes sébes de buxo, as suas brancas estatuas mythologicas, as suas fontes de marmore e as suas piscinas onde nadam peixes encarnados, se conservam floridos n'este tempo como grandes *corbeilles* de rosas, e são durante todo o anno tratados pelos jardineiros da casa real com inexcediveis esmeros, a impressão de abandono, que sempre despertam os velhos palacios deshabitados, não a resente o visitante nos jardins de Queluz. O seculo das perucas empoadas, dos tacões escarlates, das casacas de velludo, dos bofes de renda, dos espadins de cabo de ouro e tartaruga, das anquinhas, dos serenins e dos outeiros poeticos, parece ser ainda o que preside ao desabrochar das suas rosas e ao murmurio das suas fontes, cascatas e repuxos. Todas as magestosas fachadas conservam um aspecto lavado e novo. As bugainvileas e madresilvas adornam com suas grinaldas carmezins e perfumam com seu fino aroma de toucador as escadarias e as balaustradas italianas. Por toda a parte, entre a espessura odorifera dos laranjaes e nos arvoredos que abrigam do sol, sob densos toldos flexuosos, as aguas do canal, os melros e os rouxinoes cantam as suas arias, que parecem compostas por Cimarosa.

A cada momento, cuidamos vêr sahir as açafatas buliçosas e gaiatas da princeza do Brasil de um caramanchão de murta, onde, no seu sócolo de marmore da Arrabida, uma Venus Cytherea compõe com gesto harmonioso a sua clamyde branca, ou encontrar nas avenidas, que conduzem ao jogo da bola, quatro fidalgos de casaca escarlate, seguidos por dous ladinos e folgazões frades rochonchudos... Por aquellas áleas de cheirosos loureiros, adornadas de bustos de imperadores romanos, lord Beckford e o marquez de Marialva correram, sob os olhares de D. Carlota Joaquina, atrás das duas raparigas indianas [1], mais adiante, Antonita, repe-



Queluz — Palacio — Sala do throno

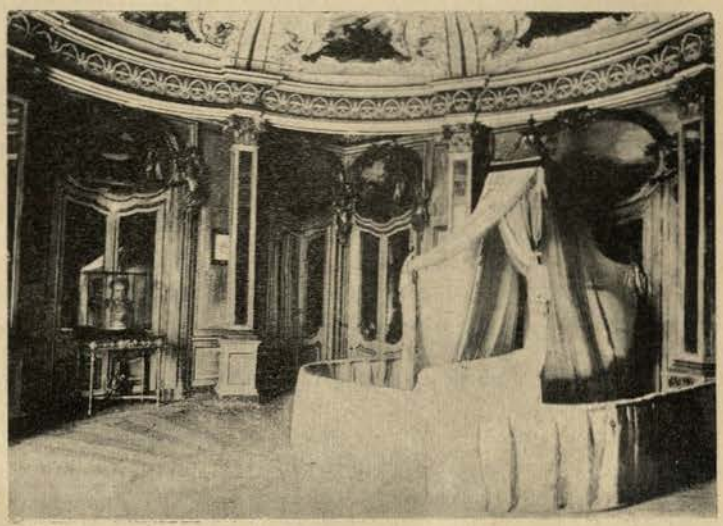
(1) Recollections of an excursion to the monasteries of Alcobaça and Batalha — 1794

nicando as castanholas, dansou os seus ardentes boleros; n'aquelles bancos de lioz sentaram-se os reis D. José I, D. Pedro III e D. João VI, as rainhas D. Marianna Victoria e D. Maria, as dez infantas das tres côrtes, a duqueza de Abrantes e a marqueza de Villa Flôr, os marquezes de Pombal, de Angeja e Ponte de Lima; n'aquelles canteiros colheu anemonas a generala Junot, embaixatriz de França. A nossa historia cortezã do seculo XVIII póde incomparavelmente evocar-se nas salas e jardins d'esse palacio, que viu a gloria suzerana de D. José e assistiu ás conspirações de D. Carlota Joaquina. Nas suas salas, pintadas por João Chrysostomo e douradas por Jeronymo Gomes, desenrolaram-se algumas das scenas culminantes d'essa lucta sem treguas, ferida entre a monarchia e a revolução, que encheu os primeiros annos do seculo XIX. Ali enterrou a mãe de D. Miguel esse hypothetico thesouro, com que o pretendente planeava comprar poderosas esquadras na Inglaterra e nos Estados Unidos. Ali, vestida com «um gibão de chita e uma fota de musselina na cabeça», acocorada entre os velhos destroços da sua antiga e alegre comitiva de bailarinas aragonezas e castelhanas, a imperatriz instigava as rebelliões dos Varzeas e dos Canellas ou escogitava os seus ambiciosos planos, cantando em voz dormente a sua quadra favorita:

En profias soy manchega,
Y en malicias soy gitana;
Mis intentos y mis planes
No se me quitan del alma...

Com as suas tradições galantes e as suas lendas miguelistas, este palacio é tanto uma verdadeira reliquia historica, como uma mansão paradisiaca, que hoje serve de recreio aos officiaes das baterias de artilheria, aquarteladas em Queluz...

Por muitos annos, a monarchia deixou no abandono esta preciosa joia, estendendo até ao classico paço do miguelismo os rigores do ostracismo politico. Apenas D. Luiz lá passou uns mezes de verão, com mais prejuizo do que vantagem para o palacio abandonado. D'essa villegiatura datam os maiores vandalismos e estragos, que alcançaram o absurdo de se forrarem com execraveis papeis algumas salas. Depois, outra vez confiado ao velho Joaquim Duarte, que [servira o infante proscripto, quando rei, o pequeno Versailles continuou a envelhecer no criminoso abandono a que o votavam. Foi necessario que a rainha actual o tomasse sob a sua protecção, o recommendasse á vigilancia e cuidados do administrador da casa real, para que, lentamente, da decadencia em que cahira, resurgisse o antigo recreio estival e galante de D. João V e de D. José I.



Queluz — Palacio — Aposento do infante

Tratou-se, primeiro, de repôr no brilho primitivo os jardins e os bosques; reparou-se, a seguir, o magestoso canal, completando-se os quadros de azulejo, que a mão destruidora do tempo, ou as mãos vorazes dos amadores de bellas-artes tinham feito desapparecer; cuidando-se, por ultimo, das reparações interiores do edificio, principalmente das duas magnificas salas dos concertos e do throno, cujos tectos, do entalhador Silvestre de Faria, ameaçavam desabar.

A fórma como se procedeu ás obras de jardinagem, merece o mais incondicional applauso. Os jardins de Queluz conservam o seu caracter, foram escrupulosamente repostos no seu estylo symetrico, amaneirado e pretencioso. O mesmo não se póde dizer da restauração do canal. As intenções palacianas, que dictaram as medonhas lapides commemorativas na importante obra de reparo, sacrificaram o soberbo monumento hydraulico, na harmonia do seu conjuncto. Os novos *panneaux* de azulejo destacam deploravelmente entre os quadros antigos Comprehendem-se as numerosas difficuldades, que o artista teria para vencer, em restauração de tanta responsabilidade como a que lhe confiara o sr. conselheiro Pedro Victor. Desejariamos que as tivesse vencido. Lastimamos que o não tenha podido conseguir, senão de maneira muito incompleta. Mas o mal está feito e não vale a pena, por inutil, alongar lamentações sobre males tão cedo sem remedio.

O mesmo já não acontece com as restaurações internas do edificio. Estão ellas confiadas pelo director das Obras Publicas ao architecto Rozendo Carvalheira, que dirigiu, ultimamente, as obras importantes do paço e picadeiro de Belem e das salas do throno e da ceia do palacio da Ajuda.....

Mas ousamos lembrar-lhe que o grande salão de Queluz, agora pejado de andaimes e de traves é uma obra prima, talvez unica no seu genero, em Portugal, e que mais como artista do que como architecto deve cuidar da sua restauração inadiavel.

A reparação d'essa vasta e magnificente sala exige o mesmo amoroso escrupulo, que se imporia a um critico litterario na revisão dos *Luziadas*. E não é que eu queira exaggerar-lhe o valor ao extremo de a fazer passar como um monumento de arte comparavel ao poema de Camões. Mas é que essa magestosa sala, além do seu incalculavel merecimento historico, é um raro exemplar decorativo do seculo XVIII, dos quasi nenhuns que nos restam, como documento e escola de um estylo magnifico. Leandro Braga lá foi inspirar-se para a construcção da sala de baile do sr. marquez da Foz, e outros lá terão de ir colher a proveitosa lição da sua elegancia e da sua belleza.

O paço de Queluz — nunca será demais repetil-o, — é o maior e precioso monumento de architectura profana que nos legou o seculo XVIII. Póde dizer-se que durante um longo periodo de cem annos trabalháram incessantemente architectos e decoradores em Queluz, e que nos tres reinados d'esse seculo, desde D. João V até D. Maria I, se augmentou o palacio com novas e importantes edificações, sem esquecer que ainda no seculo XIX ali se fizeram obras, já não para o engrandecer com novos primores de arte, mas para lhe destruir a harmonia e lhe comprometter a belleza.

Os principaes architectos de Queluz foram Matheus Vicente d'Oliveira, auctor da planta da basilica da Estrella, mestre da antiga escola de Mafra, e João Baptista Robillon.

A maioria das pinturas são de João Chrysostomo; as restantes decorações e os dourados de Jeronymo Gomes; a talha de Silvestre de Faria; as duas estatuas equestres allegoricas da Fama, que sobre pilastrões se acham á entrada do parque, de Manoel Alves e Silvestre de Faria Lobo. D'estes parece serem tambem os modelos dos soberbos grupos de nereidas, neptunos, golphinhos e tritões, que ornam os dous lagos centraes do jardim, e que a tradição diz terem sido fundidos em Barbacena, o que representa um titulo honorifico para esta villa. A fundição allemã, de onde sahiram as fontes monumentaes do Rocio, tem a córar de vergonha deante dos antigos e anonymos fundidores de Barbacena.

Ainda no tempo de D. João V, quando o infante D. Francisco habitava em Queluz, o palacio era de pequenas proporções, simples vivenda campestre e recreio estival, no genero da quinta de Bemfica, depois palacio dos marquezes da Fronteira.

Costumando veranear na quinta de Queluz, que pertencia á casa do Infantado, de que era possuidor, D. Francisco celebrava ahi, com os seus apaniguados, verdadeiras orgias, exercendo uma dominação despotica e cruel sobre os camponezes do sitio, com todo o seu cortejo de excessos com que era de uso entreterem-se, em França, Italia, Hespanha como em Portugal, os mais galantes principes e os mais cortezes fidalgos do seculo XVIII. Vilhena Barbosa recolheu ainda a lenda de que a alma do desbragado infante andava penando, horas mortas, em torno da quinta, tal a memoria dos seus delictos.

Queluz — Grupo de excursionistas

Sabe-se que D. João V ainda lá mandou fazer obras, que continuaram mais activamente no reinado de D. José, cujo irmão e genro, D. Pedro, tinha uma accentuada predilecção pela antiga quinta de D. Brites, mãe de D. Manoel. Os corpos centraes do palacio, desde os aposentos, hoje chamados da Imperatriz, até á sala do throno, incluindo a sala dos serenins, a das recepções ou das talhas, a do lanternim, a do despacho e a dos archeiros, achavam-se concluidos á morte de D. José. A capella só foi acabada no reinado de D. Maria I. O orgão, de Machado Cerveira, tem a data de 1797. Todo o corpo do edificio, a seguir á capella, e ainda hoje conhecido pelos aposentos da rainha D. Maria, foi construido nos fins do seculo XVIII, bem como a elegantissima torre e o magnifico quartel das guardas. Tudo parece indicar ser tambem posterior a D. José o notavel trabalho hydraulico do canal. Os azulejos são, pelo menos, do mais puro estylo Luiz XVI.

Da sala dos serenins póde affirmar-se, sem receio de errar, que existia, tal como a vêmos hoje, no reinado de D. José, que ali assistiu com a côrte, em 1772, á audição da opera de Metastasio e Gluck *Il Parnaso Confuso*, dirigida pelo já quasi cego David Peres.

E' esta sala uma verdadeira preciosidade architectonica, pela elegancia e pelo arrojo. O tecto é elyptico, cupulando uma vasta area quadrilonga, que descreve, na parede do fundo uma rotunda de pouca amplidão, onde se repete o motivo elyptico do tecto. Era n'esse pequeno espaço que se cantavam as operas, armando-se o estrado real entre as janellas, que deitam para o jardim.

Esta sala, forrada de seda azul clara, communica por uma grande porta com o sumptuoso salão dos espelhos, ou sala do throno. Foi n'esta sala grandiosa que, em 1781, o ex-jesuita padre Manoel da Rocha Cardoso, conhecido pela denominação de *cardeal* appareceu deante de D. Maria I com duas pistolas carregadas e escondidas debaixo da batina. As duas salas, justamente

consideradas como as mais ricas e preciosas, ficam no pavimento terreo, entre a sala do lanternim e a esplendida capella. Foi na ala opposta do palacio que viveram a rainha D. Carlota Joaquina, o infante D. Miguel, a infanta D. Izabel Maria e o imperador D. Pedro. Este facto basta para explicar a maior ruina em que se encontram estas duas peças de apparato, cujo restauro total custaria mais de cincoenta contos e cuja estabilidade se cuida n'este momento em definitivamente assegurar.

Em 21 de maio de 1901, a administração da Fazenda da Casa Real officiava ao ministerio das Obras Publicas, chamando a attenção para o risco imminente em que se achava a sala dos serenins.

A cupula elyptica flectira, ameaçando desabar. Todo o travejamento que a sustinha tendia a esmagal-a a breve praso, aluindo. Tratava-se de impedir, com a flexão cada dia mais accentuada do tecto, a ruina total de um dos mais interessantes especimens de architectura decorativa existentes no paiz. Essa obra apresentava difficuldades, á primeira vista insuperaveis. O tecto fôra edificado como a querena de um navio. A sua estabilidade dependia da duração d'essa armadura de traves, que se achava periclitante, não servindo mais para o suster, antes concorrendo para o deprimir, impellindo-o a precipitar-se. Todo o gracioso e elegante camboteado do tecto desconjunctára-se. A instabilidade do peso, transmittindo-se ao coroamento da parede, ameaçava egualmente desmoronal-a. Assim, o problema complicava-se. Parecia necessario apear por completo o tecto, nivelar a parede e proceder depois á reconstrucção da sala. O mesmo equivalia a condemnal-a, pois desde o momento em que fosse indispensavel desmanchar o tecto, a impossibilidade de repôl-o no seu primitivo estado impunha-se á evidencia dos menos argutos. Póde dizer-se que, em geral, os materiaes de construcção applicados em Queluz são de pessima qualidade. Toda a ossatura do palacio está ferida de morte. Essas lindas salas, que nos maravilham, estão, quasi todas, armadas no ar. Reconhece-se que a pressa dos decoradores e architectos, provocada pela impaciencia dos monarchas, sacrificou desde o principio a longevidade de tantos primores de arte. Cento e cincoenta annos bastaram para arruinar-lhes a estabilidade. A ausencia de solidos pontos de resistencia faz-se sentir ao primeiro exame. E não é que aos architectos faltasse a competencia para edificar com solidez um edificio, capaz de desafiar os seculos. O talento de Robillon e de Matheus Vicente de Oliveira revela-se notavel e inspiradissimo n'esse formoso documento da arte architectonica do seculo XVIII. Mas o espirito do tempo, todo de apparencias, deixou o seu vestigio n'esse galante Versailles, onde as figuras e grupos ornamentaes das fontes e repuxos são de zinco... a imitar bronze; onde as molduras dos paineis da sala de jantar são... de pasta, como decorações de theatro.

Havia uma grande pressa em executar o projecto grandioso. A realeza não tinha, depois da destruição do paço da Ribeira, um alojamento condigno. Os monarchas andavam de Mafra para a Bemposta, da Praça do Commercio para Caxias, da Ajuda para Cintra, com os seus dignitarios, a sua criadagem innumeravel, as suas açafatas, as suas orchestras de capella, a sua guarda de archeiros os seus frades, a sua mulataria e os seus bobos. Distante apenas duas horas de Lisboa, o palacio de Queluz offerecia accommodações vastas para essa côrte abundante e superflua. Trabalhava-se offegantemente na construcção das diversas alas convergentes. Com a pressa, esquecia-se construir uma ante-camara ou vestibulo para a sala do throno, cuja porta dava immediatamente para o terreiro! Todas as tres entradas principaes resultavam mesquinhas. Que importava? Do paço apressavam Robillon, apressavam Jeronymo Gomes, apressavam João Chrisostomo, apressavam Silvestre de Faria. O resultado não se fez esperar. A doença atacou depressa esse organismo debil. Está acontecendo a Queluz o que acontece ás creanças nascidas antes do tempo. Essa maravilha tem, como a mulher da lenda, a sua ulcera no seio. Queluz é um patrimonio ruinoso. Não bastariam quinhentos contos para o restaurar por completo. Ante a impossibilidade de fazel o, o que urge é preservar da ruina imminente as peças mais valiosas, de maneira a legal-as intactas ás gerações vindouras.

Na nossa opinião, o plano actualmente em inicio de execução deve ser systematicamente proseguido, reservando-se uma verba annual para a consolidação das paredes e tecto das salas do throno e das talhas — que começam a flectir, sobrecarregando e opprimindo os coroamentos dos muros lateraes, na fachada do jardim, — e para o restauro dos dous esplendidos *boudoirs* de crystal, cujas pinturas não nos abstemos de qualificar como das melhores que no genero galante possuimos. Tanto as sobreportas do *boudoir* redondo, representando scenas facetas de toucador, e que fazem lembrar illustrações a sonetos de Tolentino, como as pinturas em vidro do boudoir contiguo, no mesmo genero, e onde destaca uma *Toilette de Venus*, no estylo de Boucher, são pequenas obras primas, de uma raridade que lhes duplica o valor. E' facil reconhecer o mesmo pincel dextro e galantissimo nos quatro paineis da sala de almoço, representando merendas campestres, e nas sobre-portas da mesma sala, que teem por assumpto naturezas mortas e que são simplesmente admiraveis de colorido e de factura.

Outras muitas cousas ha a fazer desde já, que não importam despeza grande, como seja a raspagem das molduras e cariatides da sala do throno, primitivamente douradas, e que vandalicamente se pintaram de cola branca, — dizem que na regencia de Junot, — e a restituição de toda a area primitiva á sala do despacho ou do conselho, deitando abaixo o tabique, construido no tempo de D. Luiz—que d'essa sala fazia seu aposento—com o fim de improvisar um quarto de banho.

«A restauração da sala dos serenins, cujo trabalho de talha e concepção architectonica podem considerar-se exemplos de elegancia quasi aerea e de uma audacia estructural digna de uma ampla monographia, merece ser tomada como modelo das restaurações subsequentes.

Foi em maio de 1902, que o architecto chefe de secção, sr. Rosendo Carvalheira, apresentou á approvação do conselho superior de obras publicas o seu projecto de restauro da sala das serenatas, propondo a substituição de todo o madeiramento da cobertura por uma ossatura de ferro, devidamente travada e resistente, de forma a poder integralmente com todo o peso do tecto, o qual, depois *de reparado no seu logar*, a ella seria suspenso e firmado, indo a respectiva carga incidir verticalmente sobre as paredes contornantes da sala. Este engenhoso plano tinha a vantagem de permittir o restauro do bellissimo *plafond*, sem o desmanchar, conservando-lhe toda a elegancia inicial, de reconstituição impossivel.

«O orçamento da obra, que montava a 7:883$000, foi approvado e á casa Cardoso Dargent confiou-se a fabricação da ossatura metallica. Em pouco mais de um anno, conseguiu-se suspender do tecimento de ferro, como quem suspende um monstruoso lustre, a immensa abobada elyptica da sala, restituindo-lhe, com o auxilio de macacos, o delineamento e curva iniciaes. O sr. Rosendo Carvalheira conseguiu assim salvar a obra arriscada e imprudente do seu antecessor illustre, dando-lhe a solidez e a estabilidade que lhe faltavam.

E' agora para a sala contigua—a do throno,—que forçosamente se devem voltar as attenções do restaurador.

(1) Ouço dizer que se pensa em substituir por placas inteiriças de crystal os velhos espelhos com base de estanho, qúe decoram as portas, sobreportas e columnas da sumptuosa sala. Isso equivalia a arrancar-lhe um dos mais caracteristicos adornos. E' licito substituir por chapas eguaes, encommendadas em França ou na Italia, as que tiverem desapparecido; mas, em caso algum se admitte que n'essa reliquia de outros tempos se enxerte anachronicamente um adorno moderno. Pôr espelhos identicos aos dos horrendos guarda-vestidos de mogno n'essas molduras do entalhador Silvestre de Faria — o Toreau portuguez — seria o mesmo que cobrir os Jerony-mos de telha de Marselha.

---

(1) Temos razões para affirmar que houve erro de informação:— nunca se pensou em substituir taes espelhos. (Nota da Redacção).

Esses espelhos embaciados de ferrugem, com o seu tom levemente glauco, devem ser sagrados perante toda a obra de reparação ou de restauro. Como na Galeria dos Espelhos, de Versailles, essas ingenuas laminas de vidro representam um dos mais extraordinarios triumphos da industria do seculo XVII e são as reliquias de um dos mais luxuosos adornos, que inventou a civilisação requintada d'esse tempo. O que ali está constituia, ainda ha dous seculos, uma preciosidade, regalia quasi exclusiva dos poderosos.

Apesar da affirmação, pouco digna de fé, de Sidonio Apolinario, que attribue a posse de um espelho ao imperador Othão

> Post speculi immanis pompam, que se ille videbat
> Hinc turpis quod pulcher Otho...

a verdade é que as chapas de vidro, com a propriedade de reflectirem a imagem, foram um luxo desconhecido na Europa, até quasi ao fim do seculo XVI. A Renascença apenas conheceu os espelhos metallicos. Quando a fantasia de Rabelais adornava de espelhos as cellas da sua abbadia de Théléme, é evidente que cahia nas exaggerações inverosimeis de uma irrealisavel hyperbole. Só Veneza, por esse tempo, possuia os segredos da fabricação imperfeita e rudimentar do espelho. Muitas vezes tem sido contada a famosa expedição, que Henrique II organisou com mysteriosos emissarios, que se dirigiram a Murano com o fim de seduzir o contra-mestre Theseu Mutio e alguns operarios venezianos, que conseguiram trazer para França, tendo de ser recolhidos e guardados no castello de S. Jorge para escaparem ao punhal ou ao veneno, a que haviam sido condemnados, como traidores, pelo *Conselho dos Dez*. Essa tentativa de usurpação do celebre segredo dos fabricantes de Veneza, renovada mais tarde por Henrique IV e Colbert, constitue o prologo da lucta de concorrencia industrial, que devia, quatro seculos depois, ser a maior caracteristica da nossa época.

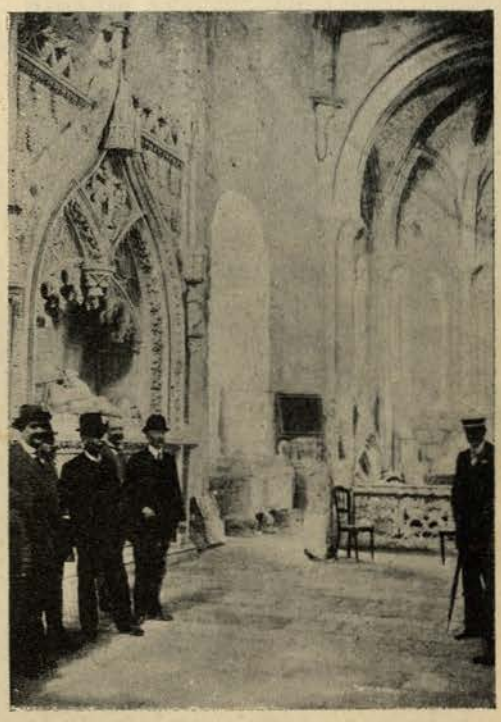
Quando, no seculo XVII, um francez inventou o processo de fundir o crystal como os metaes, a prodigiosa invenção foi acolhida com um enthusiasmo indescriptivel. A condessa de Fiesque vendia uma propriedade para comprar, com o seu producto, um espelho! O successo da novidade foi tão excessivo, que a gente rica applicou o espelho em toda a parte. Guarneceram-se de espelhos até os tectos e paredes das alcovas. Queluz conserva um quarto circular e um quarto de toucador assim adornados. As chapas são, como as da sala do throno, de pequenas dimensões, pouco menores que as da galeria de Versailles, religiosamente conservadas, que passaram no seu tempo como exemplo da mais fabulosa riqueza. Esta ruinosa decoração, á data presumivel em que foi construida a sala de Queluz, custava, em França, mil duzentas e setenta e cinco libras tornezas por metro quadrado, a calcular pela *Tarifa dos Espelhos da Manufactura Real*, publicada em 1722 por Chevillard!

Os espelhos de Queluz representam assim um dos documentos mais valiosos que possuimos sobre o fausto da côrte portugueza no seculo XVIII. Arrancar de Queluz esses espelhos, cuja acquisição importava em sommas innumeras, e cuja fabricação custava a morte a tanto operario, envenenado pelos vapores mercuriaes, seria mais do que uma selvageria, um crime de lesa-nação.

Excursão a Santarem

Em 3 de junho do corrente anno realisou a Sociedade dos Architectos Portuguezes a sua sexta excursão de estudo, visitando a historica cidade de Santarem, a cidade das tradições lendarias, a cidade do Santo Milagre.

E se a visita não offereceu aos excursionistas o grande deslumbramento das monumentaes construcções, proporcionou-lhes o ensejo de admirar restos de bellos trechos architectonicos, desde o romanico ao gothico, do gothico ao manuelino, á renascença, etc.



Santarem — Muzeu municipal

Mas raros são aquelles em que se não manifesta o abandono, os vestigios de acintosos vandalismos, que a habitual ignorancia particular e o desmazêlo official, têem deixado praticar em tudo quanto a tradição nos legou de bello e digno do culto, do respeito e da admiração.

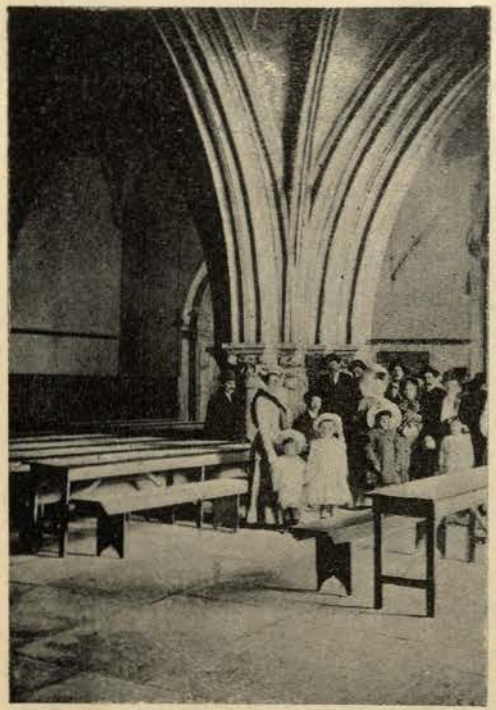
Se Santarem é a terra do Santo Milagre, o maior milagre que os santarenos podiam ter tido, era quem os livrasse da serie de barbaridades commettidas nos seus monumentos.

Revolta presenciar que bellos capiteis romanos sirvam de bancos na parada de um quartel, que um dos mais bellos porticos ladeado por janellas geminadas de elegantes linhas e bellos detalhes sejam a entrada de uma cosinha regimental, que outros não menos interessantes motivos, inclusivè um tumulo, sirvam de despênsa e de cavallariças.

E' que a humanidade, não satisfeita com o seu imperdoavel desleixo, permitte ainda que tão interessantes motivos d'Arte, sejam assim tratados como cousa de pouca valia.

Não podemos deixar de nos lembrar que burocraticamente ha no paiz uma Commissão dos Monumentos Nacionaes, composta de homens illustres, mas que, pela sua defeituosa organisação, não passa d'um platonismo official, com que nada utilisa a conservação dos mesmos monumentos.

Basta vêr quantos architectos estão n'essa commissão, quantos monumentos estão inventariados, estudados e sob a sua permanente fiscalisação!



Santarem — Convento de S. Francisco

Mas para que pensar em tal, se o proprio Estado, o mais culpado de todos, é quem systematicamente tem contribuido para este cahotico abandono, utilisando-os a seu modo, ou sob as influencias politicas, vendendo-os em hasta publica, como tem succedido com alguns castellos, ou entregando-os a particulares.

Raras têem sido as vezes que esta Sociedade, nas suas visitas de estudo, não tem encontrado motivos para reclamações, que se perdem nas secretarias publicas como cousa inutil.

Tambem é justo que, para entregar esses monumentos a simples amadores que, por capricho ou vaidade, se arrogam o direito de fazer reconstrucções com motivos de fancaria, se deixem, abandonados.

Perca-se esse resto ou venda-se aos estrangeiros, como succedeu a muita obra d'arte nacional; mas não sem o protesto de quantos teem por dever da sua missão profissional oppôr-se a tanta ignorancia, embora sem responsabilidade dos seus cargos officiaes.

*
* *

Aproveitando o proverbio, que diz que se não deve gastar cêra com ruins defuntos, porque tudo isto é a morte de uma sociedade futil, inconsciente e banal, de ridiculas exterioridades, registemos os topicos principaes de mais esse bello passeio promovido pela nossa Sociedade.

Sahiram os excursionistas de Lisboa no comboyo das 8 ½ horas da manhã, e, perto das 11 horas, já o Tejo se desenrolava novamente a nossos olhos, a estrada para Almeirim se accentuava com os seus bellos choupos alinhados, e a ponte retratava os seus pilares nas aguas, que banham a cidade Scalabitana.

Na estação de Santarem eramos aguardados pelos srs. Antonio Manoel da Saude, illustre professor e pintor paisagista e Joaquim Augusto Cardoso, funccionario de obras publicas.

Tomados os trens, os excursionistas poderam, durante o trajecto para a cidade, no serpentear da estrada, ir apreciando essa encantadora paisagem ribatejana, tão vasta de viçosas e verdes planicies, parando-se em frente da fonte das Figueiras, uma preciosidade do estylo romano, que os seculos respeitaram.

Ao meio dia estavamos no Hotel Commercial, onde se serviu o almoço, começando logo depois as visitas aos monumentos, seguindo-se do hotel pela 1 hora e meia da tarde para as Portas do Sol, um dos mais pitorescos pontos de vista do nosso paiz.

O primeiro monumento a ser visitado foi a egreja de S. João do Alporão, actual museu archeologico regional, no qual fômos gentilmente esperados pelo seu pessoal de serviço.

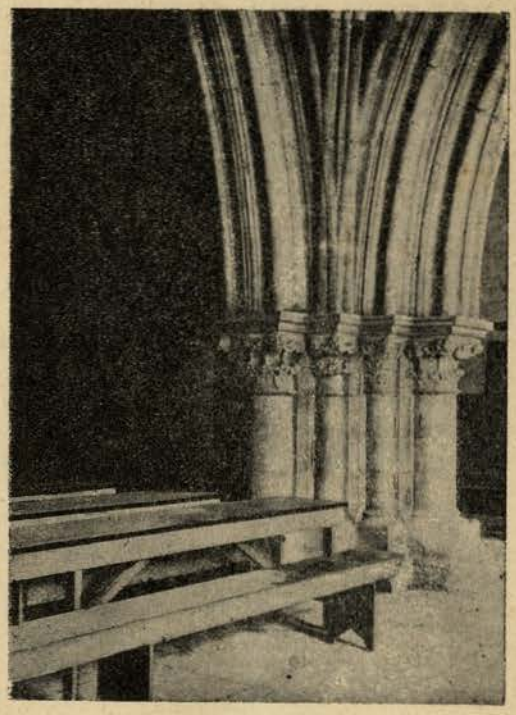
Já ahi ha a notar a falta d'uma torre, que em tempo um coche real destruiu para a sua facil passagem, dizem os chronistas.

Vista a conhecida Torre das Cabaças, continuámos o nosso exame, apreciando o portico e a interessantissima rosacea gothica da egreja da Graça, o portico manuelino da egreja de Marvilla, e a egreja do Seminario, com os seus valiosos altares de talha, bons baixos relêvos e os bem conservados azulejos dos corredores d'este mesmo edificio. Na sua architectura jesuitica, são por vezes interessantes os enxêrtos de cordões e ornatos manuelinos.

Na visita d'este edificio foram os excursionistas amavelmente acompanhados pelo illustre reitor d'aquelle estabelecimento de ensino.

Seguidamente nos dirigimos para o convento de S. Francisco, actual quartel de artilharia n.º 3, sendo recebidos pelo sr. tenente coronel Francisco Carvalho de Brito Gorjão, que foi para comnosco d'uma captivante e gentil amabilidade.

N'este convento, perfeitamente mutilado, e onde ha ainda bellos trechos architectonicos, que facilmente



Santarem — Convento de S. Francisco

podiam ser isolados, pois não falta terreno para ali se construir uma cosinha, despênsa e cavallariças, com beneficio para os serviços militares e algum respeito por essas pedras, que ainda nos dizem o que seria a traça de todo aquelle bello monumento. *(a)*

Santarem — Grupo de excursionistas

Um detalhe mereceu aos excursionistas especial menção, que foi, entre tanto indifferentismo com que em Santarem se têem desprezado essas pequenas reliquias de Arte, o sr. tenente-coronel, n'uma louvavel missão, ter salvo das arrematações de pedra para caboucos ou de algum vazadouro publico, umas pedras que encontrára com finos relevos na demolição d'uma porta.

Se por aquelle edificio tivessem passado muitos officiaes, como este, com um pouco mais de amôr por essas paginas escriptas a cinzel, o convento de S. Francisco não inspiraria dó e indignação.

Ou não será Marte compativel com a deusa da Belleza e da Arte, n'este paiz á beira mar desprezado?

(a) O expediente que sobre este assumpto a Associação immediatamente tomou foi entregar ao Governo a seguinte representação:

«A Sociedade dos Architectos Portuguezes, de conformidade com as disposições do seu estatuto e tambem cumprindo um alto dever civico, vem representar contra o deploravel abandono a que tem sido votadas as mais interessantes obras da architectura nacional, sem excepção dos proprios monumentos historicos devidos ao competente e consciencioso estudo de muitos illustres artistas, nos quaes se depara constantemente com as provas evidentes do maior vandalismo.

Não significa este deprimente facto que deixem de ser annualmente consignadas no orçamento do Estado verbas destinadas á precisa conservação d'esses importantes padrões da arte portugueza; o que esta Sociedade pretende, pois, levantadamente aqui registar é que este estado cahotico de uma parte importante dos valores moraes e materiaes da Nação não é da responsabilidade dos architectos, porquanto sendo actualmente quasi nulla a sua esphera d'acção official, não lhes é por isso permittido oppôrem-se á torrente de semelhantes perdas.

Fóra d'esse acanhado meio, porém, os architectos em geral não cessam de reclamar, em nome de toda a collectividade, contra esses barbarismos que por vezes, nas suas excursões d'estudo, dignamente promovidas pela sua associaço de classe, teem encontrado por todo o paiz

Se assim é, o grande cabo de guerra Napoleão, que nunca se deteve ante o avançar dos exercitos inimigos, deteve-se porem ante essas maravilhas da Arte, poderio e civilisação de outras passadas e grandiosas gerações.

Outros tempos!...

Mas d'ali passámos a visitar as ruinas do convento de Santa Clara, habitado por alguns galinaceos e lanigeros.

A's 5 horas da tarde puzeram-se os trens em marcha para Almeirim, por essa interessante estrada ladeada de choupos e planicies cobertas de exuberantes vinhas, que as grandes invernias submergem.

Seguidamente nos encaminhamos para Alpiarça, para a propriedade do sr. José Relvas, denominada «Patudos».

Era justo que entre tanto vandalismo local, tanta barbaridade presenceada, os excursionistas não retirassem para Lisboa sem uma bella impressão de amôr pelas artes plasticas, pelo Bello.

Essa missão reservava-a o sr. José Relvas para si, recebendo-nos com uma extrema e captivante gentileza, franqueando-nos as suas salas, bellas galerias de quadros, esculpturas, faianças, mobiliarios, tudo n'um requintado gôsto de uma alma de artista, n'um interessante museu d'arte engastado no pittoresco local da sua bella vivenda.

A's 8 ½ estavamos de volta ao hotel, naturalmente o primeiro de Santarem, mas por certo o ultimo do paiz relativamente ao seu mau serviço.

Ao champagne o sr. Francisco Carlos Parente, presidente da direcção, brindou pela assistencia, congratulando-se com os bons resultados de mais essa excursão artistica promovida pela Sociedade dos Architectos Portuguezes.

Fallaram depois os srs. Rosendo Carvalheira e Adães Bermudes, que syn-

---

Leiria, Evora, Thomar, Mafra, Queluz e Santarem teem sido objecto da sua mais sincera, cuidadosa e patriotica observação.

Em todos estes centros de preterita selecção artistica effectivamente se nota a completa mas imperdoavel ausencia de consideração pela arte; mas foi n'este ultimo onde esta falta mais se lhes salientou, especialmente no Convento de S. Francisco, no qual ainda alguns trechos de toda aquella bella traça architectural se acham impropriamente applicados aos serviços menores de um quartel militar.

N'estes termos, suppõe esta Sociedade pela presente exposição prestar ao paiz um verdadeiro serviço, se se tomar em consideração tão justa causa, deixando assim o Governo o seu nome ligado ao culto devido ás obras architecturaes consagradas pela critica e em particular aos monumentos da nossa patria; e por isso pede a adopção das convenientes ordens para que se isolem d'aquelle edificio todas as dependencias que, pela sua valia artistica, ainda revelem restos honrosos de toda a riqueza do nosso apreciavel patrimonio d'Arte.»

Lisboa e Sala das Sessões da Sociedade dos Architectos Portuguezes em 14 de junho de 1910. — Pelo Conselho Director, O Presidente, *Francisco Carlos Parente.*

Na mesma data se expediu outrosim ao Conselho dos Monumentos Nacionaes, á Academia de Bellas Artes de Lisboa, á Sociedade Nacional de Bellas Artes, á Liga de Educação Es-

thetisaram nas suas palavras a critica dos vandalismos presenceados e fizeram a apologia dos poucos que n'este paiz ainda se interessam pelas obras de arte.

Tambem Costa Campos brindou pelas senhoras que acompanharam os excursionistas e pelos cavalheiros que se tinham aggregado a esta visita de estudo.

A partida de Santarem fez-se ás 11,10 da noite, chegando-se a Lisboa-Rocio ás 12,33.

Tomaram parte na excursão Francisco Carlos Parente, José Alexandre Soares, madame Soares e filhos, Tertuliano Lacerda Marques, Antonio do Couto, João Lino de Carvalho, Arthur Manoel Rato, Arnaldo Rodondo Adães Bermudes, Jorge Pereira Leite, madame Leite, filho e irmã, Bonifacio Lopes, madame Lopes e neta, Frederico Augusto Ribeiro e mesdemoiselles Izabel, Maria e Augusta Ribeiro, Conceição e Silva, Alberto Picotas Falcão, Rosendo Carvalheira, A. Alves Cardoso, Jayme dos Santos, Adolpho Antonio Marques da Silva, madame Marques da Silva e filha, Antonio Manoel da Saude, Joaquim Augusto Cardoso e Alfredo M. da Costa Campos.

Julho — 1910.

COSTA CAMPOS
(architecto).

---

thetica, á Associação dos Archeologos Portuguezes, á Sociedade de Bellas Artes do Porto, á Academia Portuense de Bellas Artes, á Sociedade Propaganda de Portugal e á Camara Municipal de Santarem, a seguinte circular:

«Tendo a Sociedade dos Architectos Portuguezes na sua ultima excursão de estudo aos monumentos nacionaes visitado a cidade de Santarem, viu com verdadeiro pesar que alguns dos importantes monumentos d'aquella historica cidade teem sido vandalisados e votados ao abandono, principalmente o Convento de S. Francisco, actualmente quartel de artilharia n.º 3.

Alguns motivos de incontestavel belleza architectonica d'aquelle antigo convento servem hoje de cosinha, despensa e cavallariças, inclusivè uns tumulos muraes foram utilisados em mangedouras.

Afim de que um tal vandalismo não continue a ser motivo de falta de civilisação e respeito pelas tradicções artisticas do nosso paiz, o Conselho Director d'esta Sociedade vem solicitar a cooperação da collectividade que V. Ex.ª tão dignamente dirige para que junto dos poderes publicos sejam adoptadas as medidas necessarias, isolando-se d'aquelle edificio todas as dependencias que revelem, pelo seu valor artistico, restos de toda essa riqueza, que ainda constituem o nosso patrimonio d'Arte.»

O ensino do pessoal operario

O problema do ensino operario tem em todos os paizes sido motivo de estudo e preoccupação, não só dos legisladores como tambem das sociedades e agremiações que pela sua natureza especial ou missão educadora, desejam contribuir para o engrandecimento do seu paiz, preparando e ensinando o pessoal operario de fórma a tornal-o essencialmente util á sua patria, que se enriquece e impõe entre as demais com o concurso de todos os seus cidadãos, quando pelo estudo e pelo trabalho produzem obras completas, que se imponham, pela fórma, bellesa, perfeição, segurança e economia, á admiração do mundo civilisado.

Mas o ensino do pessoal operario de construcção civil de Portugal em nada corresponde ao ensino similar das outras nações, causando difficuldades ao desenvolvimento da arte de construir, todas as vezes que se pretenda utilisar novos processos e sahir das fórmulas primitivas que gerações consecutivas teem mantido n'um deploravel estacionamento.

Não é porque falte ao operario portuguez as condições naturaes de intelligencia e de boa vontade em se tornar util produzindo acertada e conscienciosamente o seu mister, mas a escassez de preparação, torna-o quasi sempre um simples factor do trabalho que produz automaticamente, desconhecendo os mais rudimentares principios da arte que exerce.

Os factores que determinam um tal estado são de tres naturesas :

— *O difficiente ensino elementar das escolas primarias*

— *O complicado ensino das Escolas Industriaes*

— *A má aprendisagem em obras ou officinas.*

No primeiro, teem as nossas escolas primarias a deploravel falta do ensino manual, que tão proficuos resultados tem dado n'outros paises, despertando nas creanças não só o conhecimento das principaes ferramentas utilisadas nos diversos officios, como o gosto pela profissão que mais tarde teem de escolher para modo de vida, aproveitando-se predisposições naturaes.

Ainda o ensino do desenho elementar d'essas escolas em nada corresponde nas suas fórmas mais simples ás applicações industriaes.

No segundo, as escolas industriaes, perderam, talvez, a sua missão mais proficua, com esses cursos difficeis, que podem muito bem preparar operarios de uma certa cathegoria, excellentes mestres de officinas, mas que para a preaprendisagem do artifice são fatigantes, demasiadamente longos e complicados.

No terceiro, a aprendisagem nas obras ou officinas, e é esse o processo do ensino do pessoal operario, generalisado no nosso paiz, os males são então enormes.

O mestre não tem a preparação conveniente para ministrar o ensino, já porque a sua educação operaria se fez nas mesmas condições, e mais ainda, porque procura aproveitar simplesmente os seus discipulos como machinas productoras, desenvolvendo-lhes os braços, sim, mas sem cuidar do seu desenvolvimento intellectual.

O aprendiz que, na maioria dos casos nem sabe lêr, é entregue ao mestre, que o utilisa primitivamente como creado, depois aprendiz, operario, encarregado, etc.

Estas promoções não são muitas vezes o resultado de uma melhor ou peior predisposição ou competencia profissional, mas sim o mudar de mestre, o haver maior ou menor abundancia de trabalho, o passar de uma obra para a outra, etc. encontrando-se, por vezes, aprendises melhores que officiaes, e officiaes melhores do que encarregados.

A fórma de modificar estas causas é oppôr a cada uma d'ellas as medidas convenientes na conquista dos resultados que se desejam, não só pela intervenção de leis especiaes, como pela acção conjugada das sociedades a quem interessa tão benefica missão.

Deve-se para isso:

Primeiro. — Introduzir nos programmas das escolas primarias officiaes (pelo menos nos centros industriaes) aulas e pequenas officinas de trabalhos manuaes, comprehendendo:

a) Utensilios e ferramentas dos officios de serralheiro, torneiro e carpinteiro.

b) Aulas de instrucção recreativa em que os officios de serralheiro, torneiro e carpinteiro sejam motivo de entretenimento das creanças.

c) Aulas de desenho de applicação; reproducções pelo traço e pela modelação.

Segundo. — Que nas escolas industriaes sejam durante 4 mezes de cada anno organisados cursos livres de ensino essencialmente operario, tendo por objectivo:

d) O ensino do desenho e modelação.

e) Explicação de machinas, ferramentas e processos de trabalho.

f) Materiaes utilisados nas artes industriaes e suas propriedades.

Terceiro. — Que as sociedades dos architectos, engenheiros, conductores de trabalhos, constructores civis e outras de estudos livres concorram para o desenvolvimento do pessoal operario por meio de:

g) Palestras e conferencias feitas por technicos.

h) Que obtidos das Camaras Municipaes, premios e recompensas sejam distribuidos, por meio de concursos, aos aprendises que apresentem melhores trabalhos.

i) Creação de diplomas honorificos aos mestres que melhores aprendises tenham apresentado.

j) Creação de uma medalha ou diploma a galardoar o operario que melhores trabalhos tenha produzido.

k) Cooperação das mesmas sociedades para que sejam creados nas camaras municipaes muzeus de trabalhos industriaes e bibliothecas profissionaes.

Lisboa, 20 de abril de 1910.

ALFREDO M. COSTA CAMPOS.

União telegraphica internacional

Concurso para o monumento commemorativo da sua fundação

A conferencia telegraphica internacional realisada em Lisboa, decidiu em 11 de junho de 1908 erigir um monumento commemorativo da fundação da União telegraphica, escolhendo para esse fim a cidade de Berne, e encarregando o Conselho federal suisso de levar a effeito esse projecto.

Effectivamente em 1910 era aberto concurso, sendo o programma elaborado por um jury da presidencia do distincto architecto de Lausanne Mr. Eug. Jost e em que figurava como representante de Portugal o nosso apreciado escriptor d'arte Ramalho Ortigão.

Concorreram a este importante certamen d'arte numerosos artistas com 92 projectos, dos quaes foram apreciados pelo respectivo jury 22, sendo os restantes eliminados, por não corresponderem á ideia que se desejava representar.

Sobre os primeiros, recahiu larga discussão, de que resultou serem eliminados mais 14, restando portanto para novo exame, 8, dos quaes foram ainda eliminados 4. Do minucioso exame a que em seguida o jury procedeu resultou a convicção unanime de que nenhum dos projectos apresentados se podia recommendar para ser executado. Estes quatro projectos, cujos auctores, em vista do resolvido, ficaram desconhecidos, ostentavam as seguintes divisas: Io sou della Versilia un figlio oscuro — ✠ — Ad perpetuam rei memoriam — Ad astra.

Tendo o jury tomado esta deliberação, tratou de discutir sobre o caminho a seguir e a melhor maneira de levar a effeito novo concurso, resolvendo finalmente abrir um segundo concurso internacional, cujo praso está decorrendo e termina no proximo mez de Agosto, decidindo recommendar aos artistas que se inspirem na ideia que é necessario exprimir e convidando-os a apresentarem projectos que sejam susceptiveis de execução pratica. O custo maximo da obra

não deve exceder a quantia de 170.000 francos, incluindo os honorarios do architecto e outras despezas.

Os premios poderão attingir na sua totalidade a importancia de 20.000 francos, quantia de que o jury dispõe para esse fim e que distribuirá da forma que julgar mais conveniente, não podendo comtudo o 1.º premio ser superior a 8.000 francos. No caso do jury não recommendar para execução qualquer dos projectos apresentados a este segundo concurso, o Conselho Federal reserva-se o direito de proceder a um concurso restricto entre os auctores dos projectos premiados.

Todos os projectos, admittidos ao concurso, serão expostos em Berne, durante o prazo de um mez, depois da apreciação do respectivo jury.

O programma d'este segundo concurso foi redigido em francez, allemão, inglez e hespanhol, acompanhado d'uma noticia historica sobre o assumpto e enviado aos governos dos estados da União telegraphica, afim de ser d'elle dado conhecimento aos artistas.

A. R.

IX Congresso Internacional dos Architectos

De 2 a 10 de outubro proximo futuro realisar-se-ha este congresso em Roma.

Os importantes themas a discutir são:

— O cimento armado, seu emprego nos differentes paizes; da opportunidade da sua applicação ás construcções artisticas, debaixo do ponto de vista technico e decorativo.

— Direitos e deveres do architecto para com o seu cliente.

— Educação technica e artistica, e diplôma de architecto.

Exercicio da profissão fóra da patria do architecto.

— Considerações sobre a architectura moderna.

— Da execução dos trabalhos de architectura do Estado e de outras administrações publicas.

— Da utilidade de um diccionario dos termos comparados em architectura.

— As academias estrangeiras em Roma; sua historia; os estudos e os projectos academicos; influencia exercida por estas escolas nos paizes que ellas representam.

São admissiveis communicações escriptas e conferencias acerca da esthetica das cidades.

Qualquer communicação sobre estes assumptos deverá ser enviada, por intermedio da respectiva commissão permanente de cada nação, até 15 de agosto,

e de resto toda a correspondencia será dirigida ao «*Comitato esecutivo del IX Congresso internazionale degli Architetti*» — Via delle Muratte. 70 — *Roma*.

Estando publicado o regulamento geral, fazemos votos para que Portugal se faça dignamente representar.

A Redacção.

NB — Antecipamos a publicação n'esta noticia pela importancia do facto, que assim fica desde já consignado.

Insistindo

O que sejam os serviços officiaes da architectura em Portugal não é difficil aqui consignar: são, asseverâmos, os que não têem a intervenção directa do architecto.

Detalhando esta asserção tem-n'o dito dia a dia nas suas representações ao governo, mais competentemente do que ninguem, a Sociedade dos Architectos Portuguezes.

«Sob o duplo ponto de vista technico e administractivo, debalde se renovam e transformam por toda a parte os systemas de construcção, graças ao prodigioso desenvolvimento scientifico e industrial, operado nos meios cultos, sem que entre nós se introduzam quaesquer progressos que modifiquem os processos rotineiros em que ameâçamos eternisar-nos, ao mesmo tempo que as complicadissimas formalidades burocraticas, que nada acautellam, regularisando tudo, até os proprios abusos, que d'este modo se revestem de todas as apparencias de legalidade, intimamente conjugadas com a complexa organisação hierarchica que só serve para deluir responsabilidades, e para tolher ao architecto toda a iniciativa e annular todo o seu estimulo, nos isolam evidentemente da civilisação.

O que são os serviços de Architectura sob o ponto de vista artistico facilmente se avalia pelas deploraveis consequencias d'esta desorganisação, tendo-se até chegado entre nós a emprehender obras consideraveis sem projecto.

Sobre o que têem sido estes serviços sob o ponto de vista economico, melhor seria não insistir, bastando considerar que não ha a menor paridade entre o custo das obras do Estado e o das que os particulares fazem executar, devendo notar-se que algumas dispendiosissimas se iniciam para, a breve trêcho, a ellas se renunciar, depois de gastas centenas de contos de réis.

Todavia nenhum d'estes factos, energicamente ella o tem affirmado, é da responsabilidade dos architectos, cujo criterio, na esphera official, é claro, se encontra sempre dependente da orientação alheia, sendo-lhe impossivel tentar qualquer trabalho de regeneração artistica n'esta perpetua illaqueação e absorpção abusiva das suas naturaes attribuições.

Desenvolvendo ainda mais as suas conceituosas considerações sobre o assumpto revela esta associação de classe que difficil é já ao artista exercer a sua alta missão n'um meio onde, por atrazo mental, não existe na grande massa social o instincto da belleza, mas que irrealisavel se tornará essa missão se as proprias estações dirigentes aggravarem ainda esta situação com a sua desalentada e desalentadora indifferença.»

Effectivamente de ha muito que os nossos serviços officiaes de architectura teem merecido a censura de estrangeiros e o protesto dos nacionaes, porque as suas obras, se não tratarmos já dos fins a que se destinam, de nenhum modo correspondem á sua avultadissima despeza.

Não será exaggerado calcular que, desde a fundação do Ministerio das Obras Publicas, tenhâmos gasto em edificios cerca de cem mil contos de réis, para afinal nos encontrarmos quasi reduzidos a apropriações, mais ou menos inconvenientes, de antigos edificios conventuaes. Os proprios monumentos historicos, quando não têem sido inutilisados, attestam o negligente, deploravel e criminoso abandono do Estado.

Eis a situação actual.

Comprehendem-se perfeitamente os enormes prejuizos que este estado de cousas causa ao paiz: o atrophiamento da architectura nacional, o atrazo das industrias suas tributarias, e finalmente o desprestigio dos serviços publicos, todos estes, anti-collaboradôres da riqueza da Nação.

N'esta conjunctura é evidentemente indispensavel a completa reorganisação d'estes importantissimos serviços; crêmos mesmo que a tal respeito não ha duas opiniões: alem de ser um acto de justiça, é sobretudo uma necessidade publica inadiavel, porque se a agronomia é dos agronomos, a engenharia dos engenheiros, necessario e justo é que a architectura seja dos architectos.

A reacção que, desde remotas epochas, tem sempre mais ou menos pretendido fazer resvalar o paiz no abysmo, ainda hoje, embora pareça inverosimil se reflecte intensa e extensamente nos serviços de obras publicas. Ha n'elles uma enxertia damninha, que é mister urgentemente exterminar, porque tem simultaneamente causado prejuizos varios á arte e ao paiz.

Mas ha peor.

Ha alguns dos seus pequeninos rebentos que, prejudicando a arvore, tentam annular a acção benefica dos renovos.

Mas presentemente, assim como o paiz, para se salvar, expulsa o despotismo, assim tambem o rendeiro, reconhecendo aquelle vandalismo, lh'o não tolerará por mais tempo, cortando o mal pela raiz afim de evitar a ruina do pomar, onde então por certo hão de florescer duas das suas mais bellas arvores.

Resumindo, esta reorganisação visaria principalmente tres resultados, considerados de utilidade publica e urgente, que são:

= Conservar mais efficazmente os monumentos e antigas edificações, que representam o nosso patrimonio artistico e uma parte relativamente importante da fortuna da nação, e quanto possivel dotar o paiz com os modernos edificios indispensaveis ás crescentes necessidades do serviço publico. =

= Dar unidade aos serviços, para seu melhor funccionamento, e autonomia á classe dos architectos, para que o Estado lhes possa exigir mais valiosas iniciativas e directas responsabilidades. =

= Estimular pelo exemplo o particular a edificar em condições de economia, a par das de hygiene e de belleza, como só a Arte pode conseguir, transformando por completo as nossas inestheticas povoações, o que simultaneamente equivale, sem duvida, ao augmento da riqueza publica e portanto do thesouro nacional. =

E' incontestavel que devemos salvar o que nos resta do passado e iniciar prospero futuro, reconhecendo que a condição social a que no nosso paiz tem sido votada a classe dos architectos exige de ha muito uma reparação condigna com a sua competencia especial e com os serviços por elles prestados.

E' um acto de justiça, repetimos, com o qual muito se deve honrar quem o pratique, criando o corpo de architectos e organisando os quadros do pessoal seu auxiliar.

Não é elle positivamente, mesmo entre nós, uma innovação; ha já mais de vinte annos que na composição do quadro dos architectos existia o logar de architecto chefe, que posteriores reformas brusca mas silenciosamente eliminaram, ao par e passo que varias melhorias têem sido dispensadas a todas as outras classes technicas; e quanto ao augmento do seu numero representa elle apenas, repetimos, uma necessidade que o serviço publico de ha muito reclama de facto como inadiavel.

N'estes termos, a Sociedade dos Architectos deve insistir para:

1.º Que se promova a immediata organisação dos serviços officiaes d'Architectura, desligando-se aquelles, como é mister, dos de engenharia, sem comtudo n'estes causar a menor preturbação;

2.º Que n'esta se tome em consideração não só o devido augmento de numero, actualmente ridiculo, dos architectos do Estado, como os seus irrisorios vencimentos;

3.º Que ao mesmo tempo que se attenda á autonomia e ao augmento de numero e dos honorarios dos architectos, se estabeleça por meio de uma direcção de edificios a seu cargo a relação official entre o serviço externo das obras e os serviços internos da Secretaria d'Estado, afim de ser mantida a conveniente uniformidade em todos os variados ramos de serviço de Obras Publicas.

Abril — 1910.

X.

Concursos publicos de architectura

Regulamento approvado pela Assembleia Geral da Sociedade dos Architectos Portuguezes em sua sessão de 2 de Agosto de 1909

1.º — A organisação do programma de qualquer concurso de architectura será, sempre, feita com a collaboração de um ou mais architectos.

2.º — As peças exigidas, desenhadas ou escriptas, serão rigorosamente especificadas no programma e as mesmas para todos os concorrentes.

3.º — As provas do concurso devem ser apresentadas anonymamente e marcadas com uma divisa ou epigraphe que permitta reconhecer opportunamente os concorrentes premiados.

4.º — O programma do concurso deve indicar a verba destinada á execução da obra, a fim de que os concorrentes possam apresentar projectos feitos de harmonia como os recursos previstos e orçamentos o mais approximados possivel.

5.º — O prazo para a apresentação dos projectos estará em relação com a importancia dos trabalhos exigidos.

6.º — Os projectos serão expostos antes e depois de serem classificados.

7.º — Os concursos de architectura para obras de excepcional importancia poderão ser abertos em dois graus, sendo o primeiro eliminatorio para simples apreciação de esbocetos e escolha dos concorrentes a admittir á segunda prova.

8.º — Nos concursos em dois graus não se fará exposição das provas do primeiro grau senão conjuntamente com as do segundo grau, nos termos do artigo 6.º.

9.º — O jury será constituido por maioria de architectos, dos quaes um será escolhido entre os professores de qualquer das Escolas de Bellas Artes do paiz e outro nomeado pela Sociedade dos Architectos Portuguezes.

10.º — Os membros do jury não poderão ter qualquer interesse pessoal na classificação dos trabalhos dos concorrentes ou na execução das obras.

11.º — As resoluções do jury sobre a admissão ou exclusão dos projectos e sua classificação ficarão registadas em actas, assignadas por todos os vogaes do mesmo jury, onde se mencionarão os resultados das respectivas votações.

12.º — Os premios do concurso serão proporcionados á importancia do mesmo concurso e ao trabalho imposto aos concorrentes.

13.º — O concorrente classificado em primeiro logar terá, além do premio, o direito de exercer a direcção dos trabalhos, mediante o pagamento da totalidade dos honorarios correspondentes á importancia das obras, em harmonia com a tabella publicada no «Diario do Governo» n.º 28 de 4 de Fevereiro de 1905

e transcripto nos annuarios da Sociedade dos Architectos Portuguezes, ou a uma indemnisação equivalente a dois terços dos referidos honorarios, no caso da obra não começar no prazo de tres annos.

14.º — A propriedade artistica dos projectos classificados ficará pertencendo aos seus auctores, embora á entidade promotora do concurso fiquem pertencendo os exemplares premiados para lhes dar a applicação que o referido concurso tinha em vista.

15.º — Qualquer alteração no projecto classificado em primeiro logar só poderá realisar-se com o mutuo consenso do auctor e da entidade que abrir o concurso.

16.º — No programma dos concursos internacionaes serão adoptadas as disposições do regulamento especial votado no VIII Congresso Internacional de Architectos, realisado em Vienna d'Austria em maio de 1908, e publicado no «Annuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes» do mesmo anno.

Honorarios dos Architectos

REGULAMENTO APPROVADO PELA ASSEMBLEIA GERAL
DA SOCIEDADE DOS ARCHITECTOS PORTUGUEZES EM SUA SESSÃO DE 28 DE JULHO DE 1904
E PUBLICADO NO «DIARIO DO GOVERNO» DE 4 DE FEVEREIRO DE 1905

1.º — Os serviços profissionaes dos architectos a que se refere a tabella que faz parte do presente regulamento, consistem em proceder aos estudos preliminares necessarios, elaborar projectos, orçamentos, memorias descriptivas, cadernos d'encargos e detalhes de execução, e em dirigir e fiscalisar os respectivos trabalhos.

2.º — Os honorarios dos architectos serão calculados segundo a despeza total prevista nos orçamentos, ou pelo custo total das obras quando estas se executem por completo.

3.º — Esses honorarios serão regulados pela seguinte fórma, para trabalhos a fazer na localidade onde reside o architecto ou á distancia maxima de 3 kilometros d'essa localidade :

Até á primeira fracção de 1:000$000 réis a taxa applicavel é de 7 %.

Esta taxa irá diminuindo de 0,03 por cada nova fracção de egual importancia, até á concorrencia de 100:000$000 réis, cobrando-se sobre as verbas que excederem esta quantia, a taxa fixa de 4 %, o que dá logar á tabella seguinte :

Até	1:000$000	7	por cento		
	2:000$000	6,97	»	»	
	3:000$000	6,94	»	»	
	4:000$000	6,91	»	»	
	5:000$000	6,88	»	»	
	6:000$000	6,85	»	»	
	7:000$000	6,82	»	»	
	8:000$000	6,79	»	»	
	9:000$000	6,76	»	»	
	10:000$000	6,73	»	»	
Até	20.000$000	6,43	por cento		
	30:000$000	6,13	»	»	
	40:000$000	5,83	»	»	
	50:000$000	5,53	»	»	
	60:000$000	5,23	»	»	
	70:000$000	4,93	»	»	
	80:000$000	4,63	»	»	
	90:000$000	4,33	»	»	
	100:000$000	4,03	»	»	
mais de	100:000$000	4,00	»	»	

§ unico. — Quando se trate de trabalhos fóra da área acima referida, os honorarios augmentarão 1 % na totalidade, accrescendo mais o abono de despezas de transporte.

4.º — Quando, todavia, se reconheça que o estudo de um projecto ou a sua execução são de natureza a apresentar difficuldades excepcionaes, sob o ponto de vista technico ou artistico, poderá o valor dos honorarios ser elevado proporcionalmente. Quando, ao contrario, se trate de trabalhos por sua natureza simples, taes como grandes extensões de muros de vedação, vastas superficies de pavimentos, reparações em edificios existentes, etc., o valor dos honorarios poderá tambem ser reduzido.

§ unico. — Em tal caso, este augmento ou reducção dos honorarios, deverá fazer parte de contracto especial e prévio entre o architecto e o proprietario.

5.º — A distribuição da percentagem dos honorarios será feita da seguinte fórma :

Uma terça parte, para a elaboração do ante-projecto na escala de $0^m,01$ por metro e resumo do orçamento approximativo, — comprehendendo um exemplar de cada peça desenhada e escripta.

Uma terça parte, para o projecto completo composto de alçados, plantas, córtes e detalhes essenciaes, orçamento completo, memoria descriptiva dos trabalhos e cadernos d'encargos, — comprehendendo tres exemplares de cada uma das peças desenhadas e escriptas.

Uma terça parte, para a direcção, fiscalisação e verificação dos trabalhos, e fornecimento de quaesquer outros detalhes necessarios para o seu regular andamento.

6.º — Os honorarios dos architectos relativos a assumptos da sua profissão não previstos n'esta tabella, serão regulados por ajuste especial.

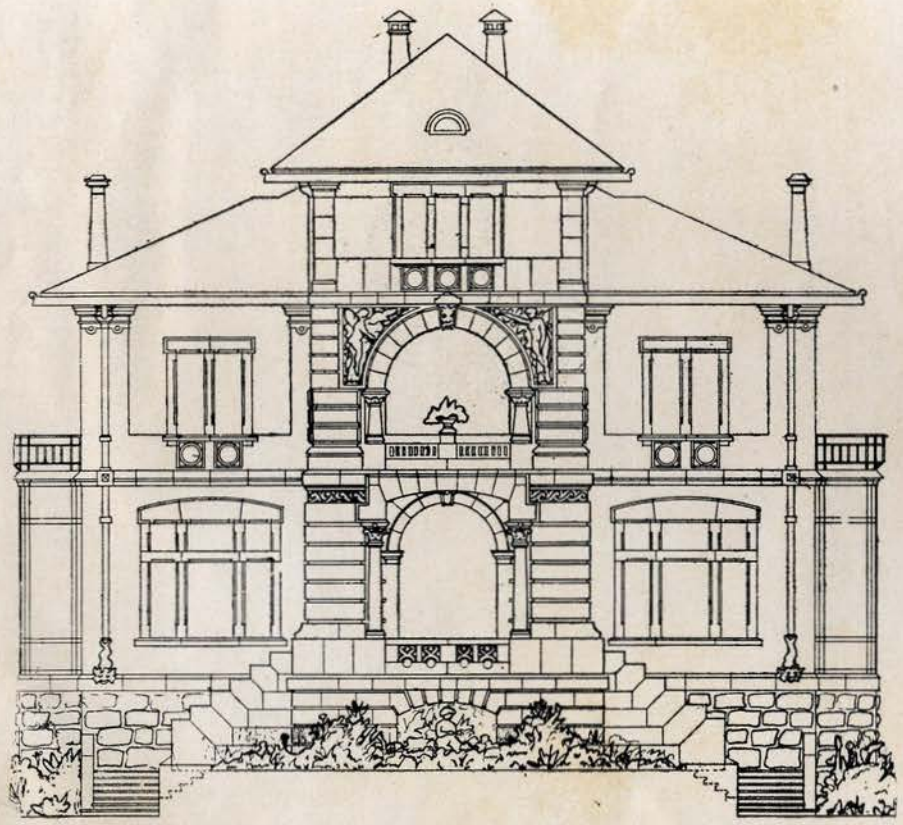
Supplemento ao ANNUARIO DA SOCIEDADE DOS ARCHITECTOS PORTUGUEZES - Anno V-VI - 1909-1910

ARCHITECTURA CONTEMPORANEA

Guimarães = Séde da Sociedade Martins Sarmento.

Architecto *José Marques da Silva*.

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE LISBOA



Porto — Casa do sr. Alberto Nunes de Figueiredo

Architecto *J. Alexandre Soares.*

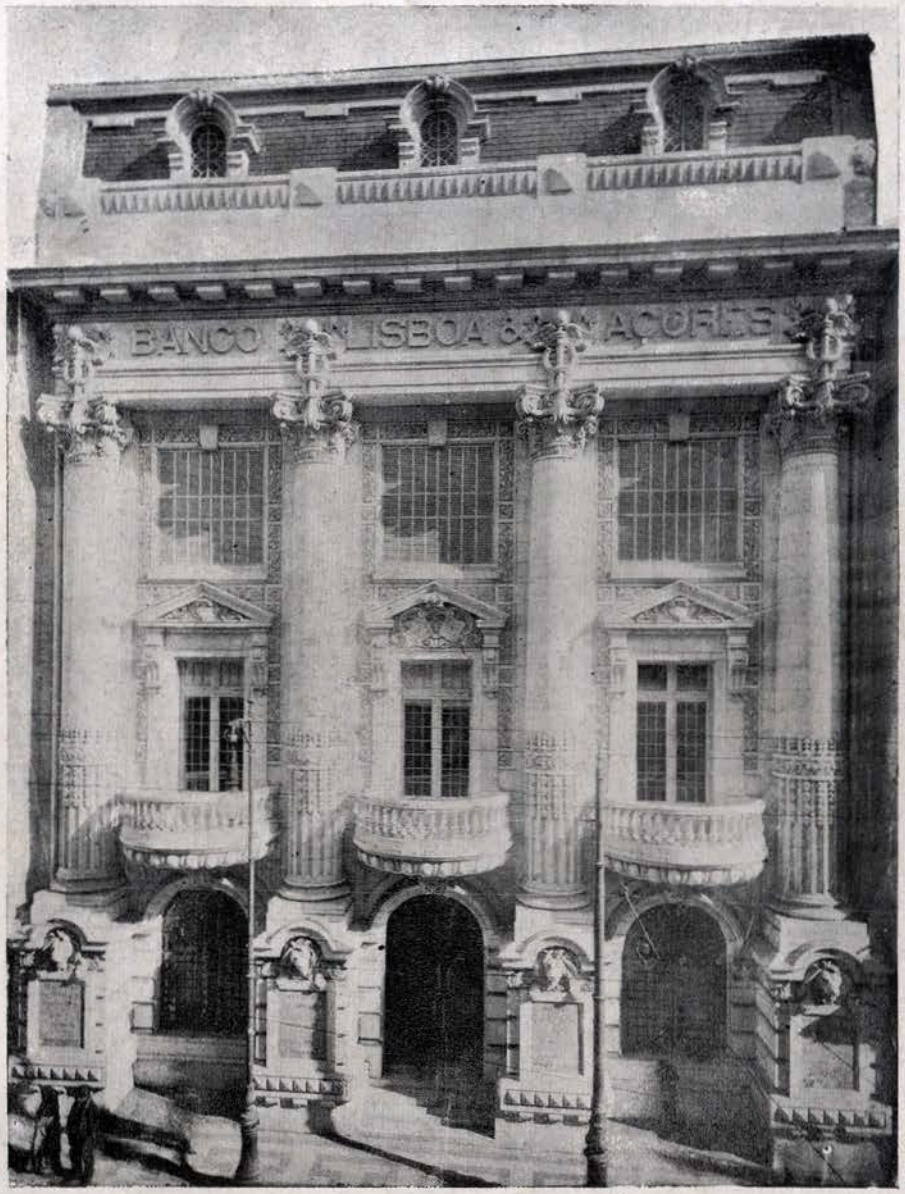
Salvaterra — Egreja parochial

Architecto *J. Lino de Carvalho.*

Lisboa — Casa do sr. conde de Agrolongo.

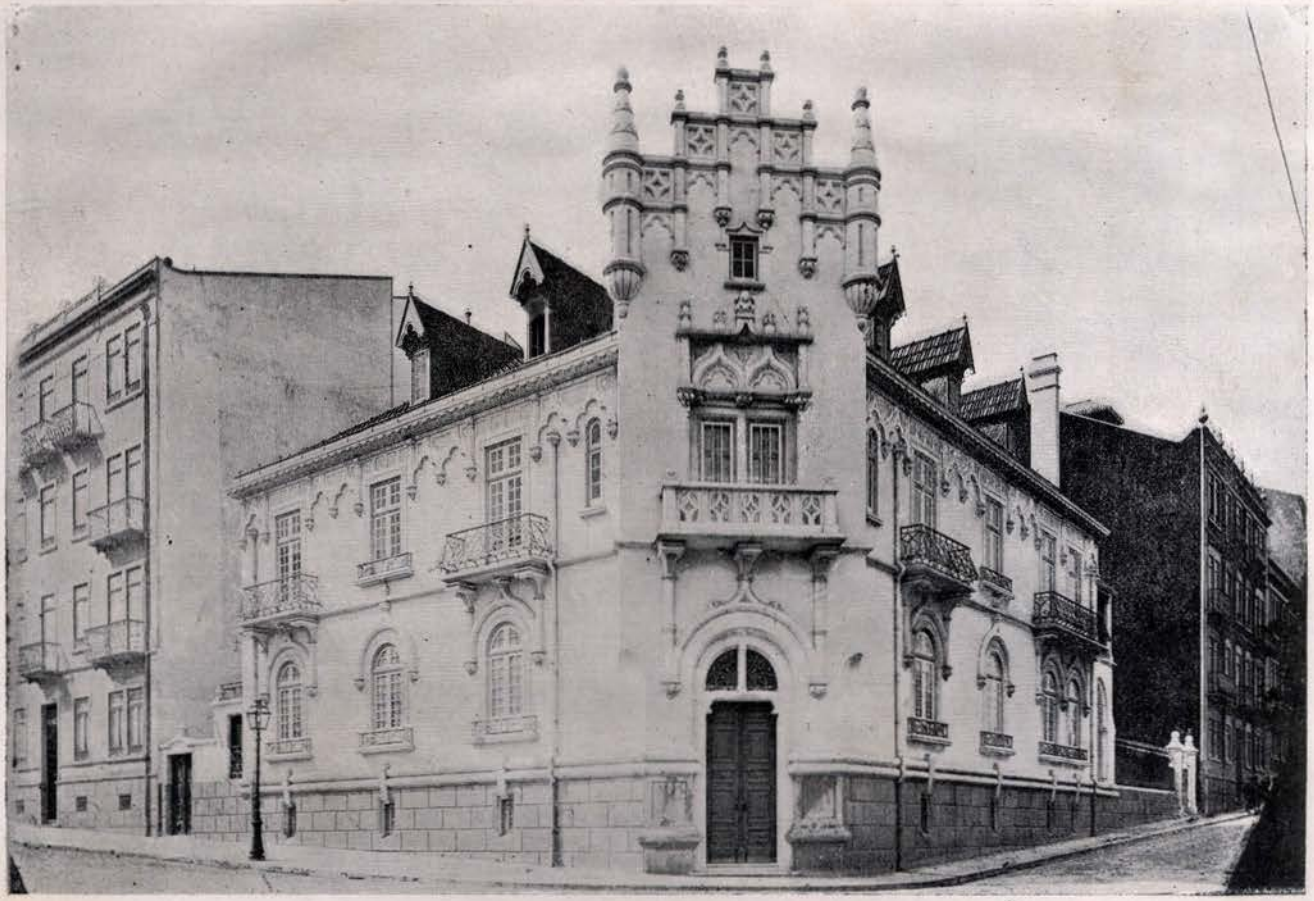
Architecto *A. Bermudes.*

BIBLIOTECAS MUNICIPALES DE MADRID



Lisboa — Banco Lisboa & Açores

Architecto *V. Terra.*



Lisboa — Casa do sr. João Antonio Henriques Serra

Architecto *Antonio do Couto.*

Lisboa — Casa do sr. Carlo Calderon

Architecto *Adolpho Marques da Silva*.

Lisboa — Chiado-Terrasse

Architecto *Tertuliano Marques.*

Lisboa — Monumento a Affonso de Albuquerque

Architecto *A. C. da Silva Pinto*

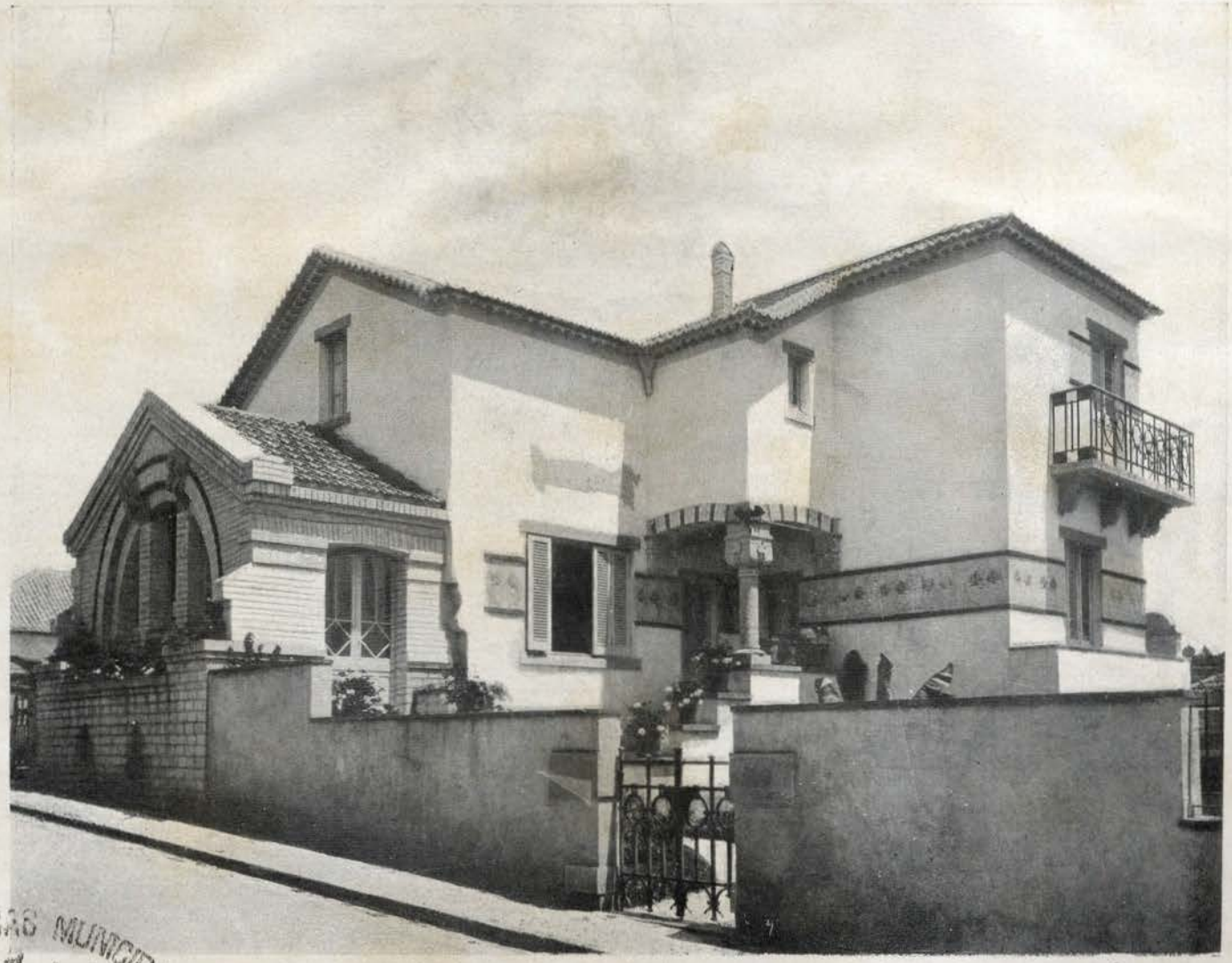
Esculptor *A. A. da Costa Motta.*

Lisboa — Egreja parochial dos Anjos

Architecto *José Luiz Monteiro.*

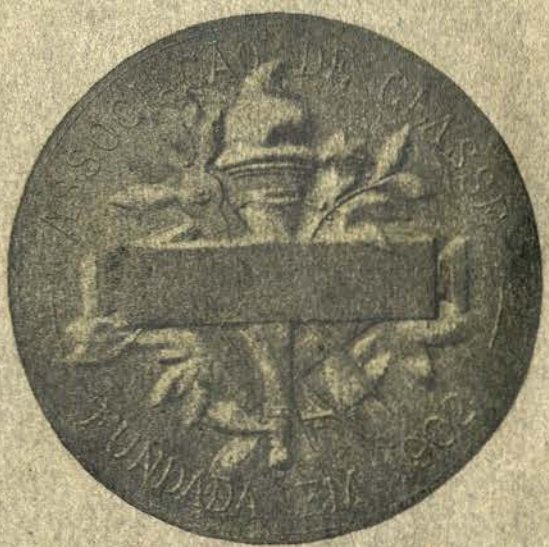
Cintra — Casa do sr. F. Formigal de Moraes

Architecto *Francisco Carlos Parente*.



Alto Estoril — Casa do sr. dr. José de Lacerda

Architecto *Alvaro Machado.*

BIBLIOTHECAS MUNICIPAES

3 K E